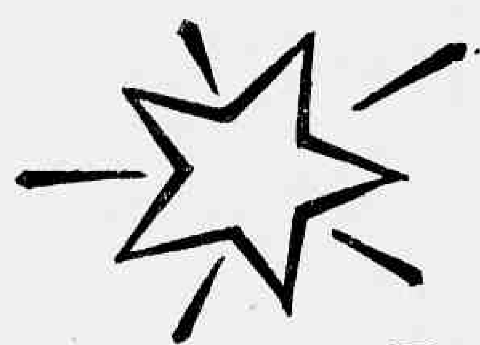
REVISTA DA SEMANA

Nº 42 ★ 20-10-51

CR$ 4,00 em todo o Brasil



"ESTRÊLA DA MANHÃ"





Maravilhoso, empolgante, sensacional, vivo, interessante, surpreendente é o romance de ROBERT NATAN que o **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1952 publicará para encantamento e delícia de seus leitores.

Muitas cenas semelhantes à que se encontra nesta página o leitor verá no grande e inesquecível romance **«ESTRELA DA MANHÃ»**.

O **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1952 será, como nos anos anteriores, um livro utilíssimo, repleto de informações sôbre o ano, artigos curiosos, história, literatura; contos ilustrados, calendário, anedotas e mil outros assuntos completam o volume de quase quatrocentas páginas.

O **ALMANAQUE EU SEI TUDO** estará à disposição do público em todos os pontos de vendedores de revistas, das capitais e das cidades do interior do Brasil, no fim de Novembro.

Edição da Cia. Editora Americana. Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio.



QUANDO VOLTARÁ A PAZ À TERRA DO BABAÇU?

DESFRALDANDO BANDEIRAS e em sinal de protesto contra a demora na solução do rumoroso caso, as mulheres da capital maranhense desfilaram pelas ruas de São Luís, reclamando providências imediatas que façam restaurar a vida normal. Há escassez de gêneros de primeira necessidade e o fantasma da fome ronda o glorioso Estado brasileiro.

PEGOU FOGO NO MARANHÃO

DE UM CASO JURÍDICO-POLITICO A UM LEVANTE POPULAR ★ O MINISTRO QUE FOI, VIU E... DESCONFIOU ★ NOTÍCIAS ALARMANTES NO RIO

A terra "onde há palmeiras em que canta o sabiá", na voz do poeta indianista, Gonçalves Dias, estêve na iminência de convulsionar-se perigosamente, em face de uma situação jurídica, que ia tomando aspectos de guerra civil.

Duas correntes politicas fortes, resolveram apurar o ponto da panelada política e se colocaram dentro de razões partidárias, cada qual procurando defender seus pontos de vista, mesmo que fossem superiores ao veredito da nossa mais alta côrte de Justiça Eleitoral.

Não nos cabe analisar o assunto, tão cheio de meandros é êle. Damos, porém, nestas páginas, fotografias tomadas em S. Luís capital do Maranhão, que bem traduzem o desassocego geral, dentro dos anseios da população para que fôsse encontrada uma fórmula que trouxesse paz aos espíritos, para a possibilidade do trabalho pacífico, da capital ao mais longínquo povoado sertanejo.

O govêrno da República demonstrou grande serenidade em face da situação que, na última quinzena de setembro tomou aspectos de guerra civil. Os telegramas que chegavam do Maranhão eram alarmantes. Dizia-se que um dos politicos em oposição ao governador do Estado, havia reunido doze mil homens, que, devidamente armados e municiados, marchavam sôbre a capital do Estado com o propósito de depor o govêrno constituido.

Foi tão grande o sensacionalismo, que o próprio Presidente da República mandou o seu Ministro da Justiça verificar "in loco", o que de verdade se estava passando. O Sr. Negrão de Lima seguiu num dos aviões da FAB até à capital de S. Luís, sendo recebido com manifestações de simpatia, todos depositando nêle as maiores esperanças.

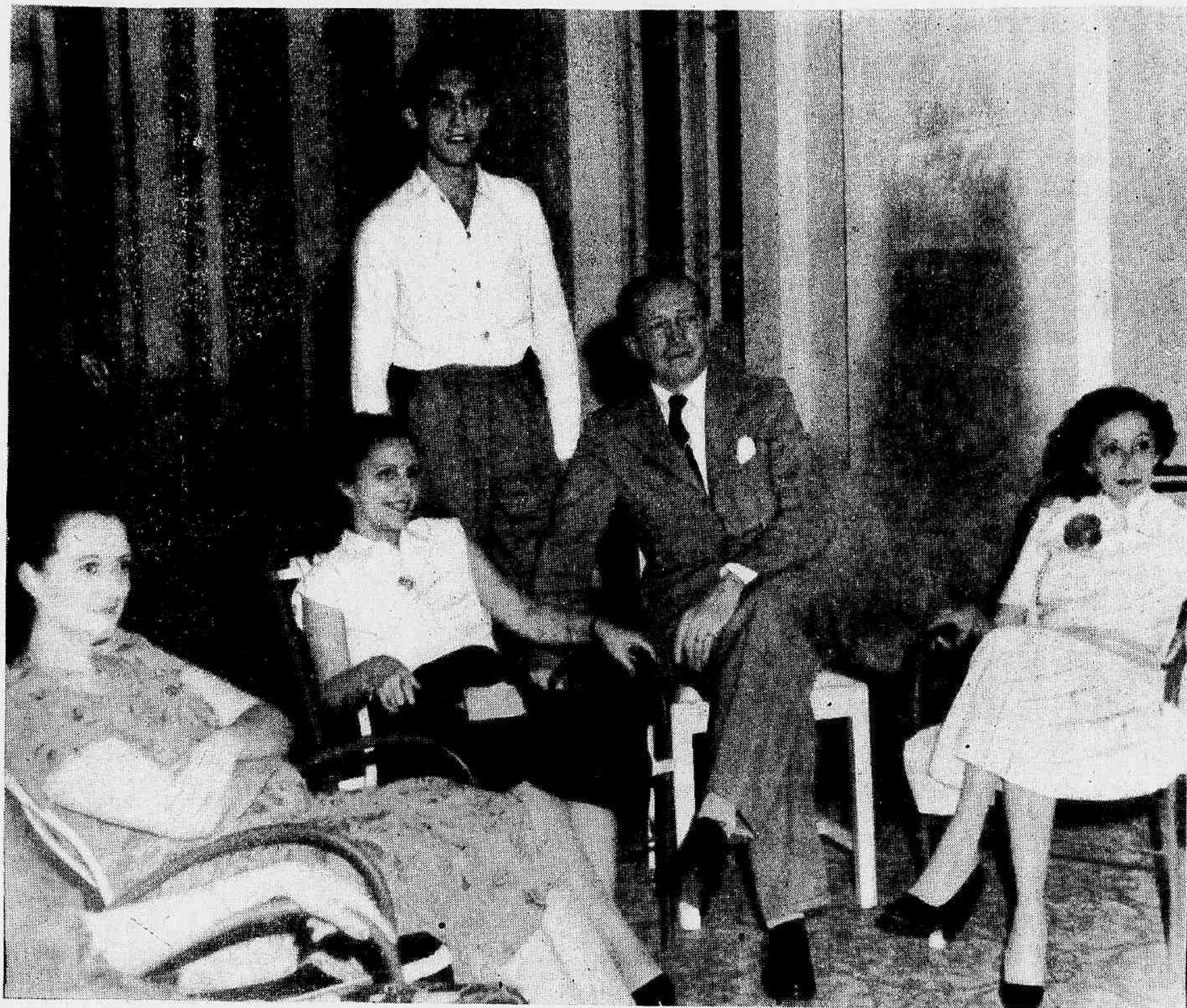
Mas, continuava a interrogação: viria a intervenção federal? Seria mantido no Palácio dos Leões o governador Eugênio de Barros?

Com o regresso do Ministro da Justiça a situação se manteve em expectativa, cada grupo esperando que as ordens emanadas do Catete fôssem favoráveis a cada interêsse em choque. Chegou-se a anunciar a intervenção federal para ser decretada daí a horas. Disseram mesmo que o Sr. Negrão de Lima redigira o decreto, levara-o ao Presidente da República, mas êste não o assinara. Houve partidos que defenderam a idéia da intervenção como base para pacificar os ânimos exaltados.

Mas nada disso se verificou. O govêrno



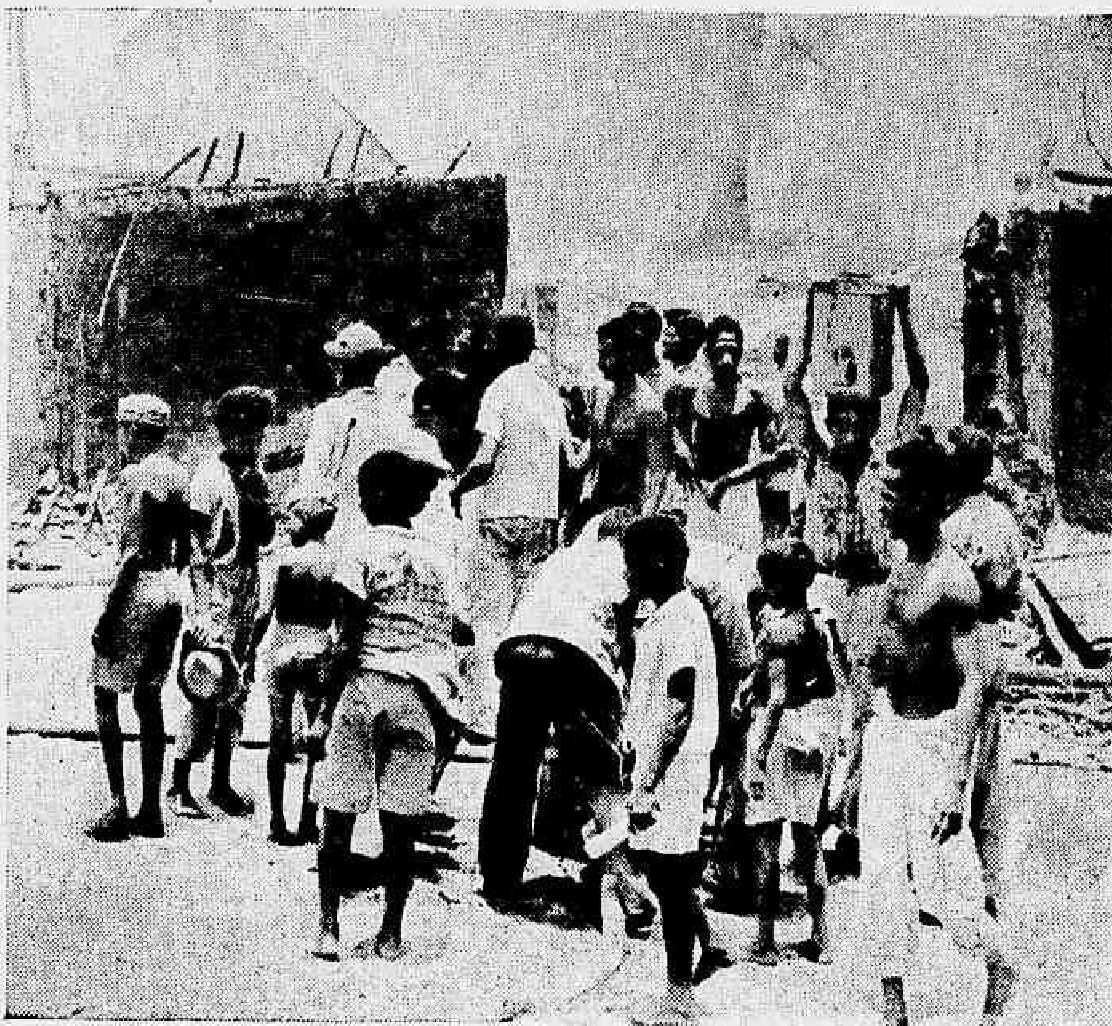
O SR. NEGRAO DE LIMA, Ministro da Justiça, quando visitou São Luís, em palestra com o governador Eugênio de Barros.



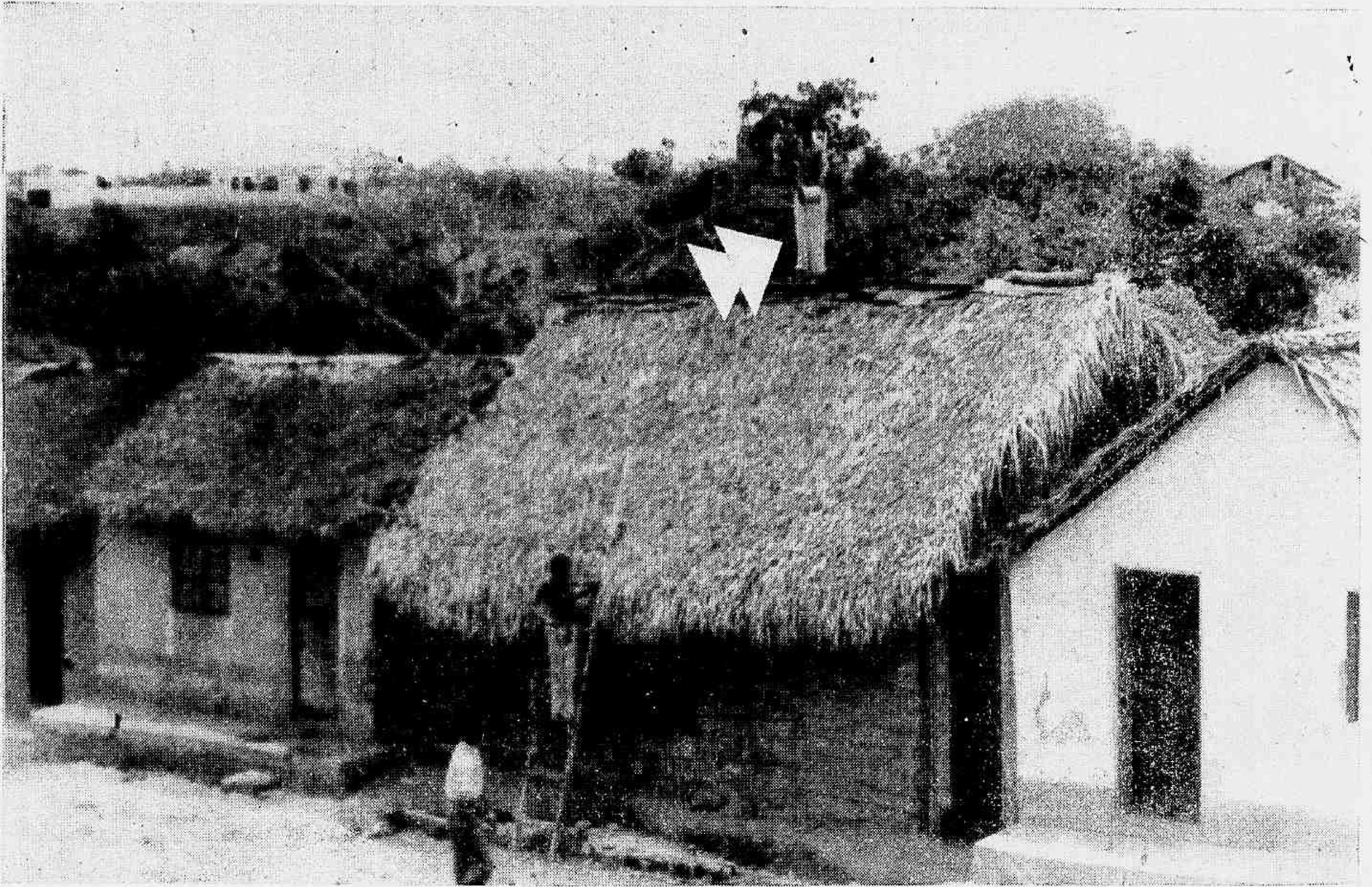
FORÇADO a manter-se em palácio durante muitos dias, enquanto lá fora a confusão era geral, o gov. Eugênio de Barros ali ficou rodeado da família e recebendo a visita de seus correligionários. Mas houve momentos dramáticos, mesmo ali dentro, quando os revoltosos tentavam atacar o palácio e disparando as armas contra os que nêle se refugiavam. Só nos primeiros dias de outubro o governador pôde sair, atravessando a praça central e palestrando com elementos do povo.



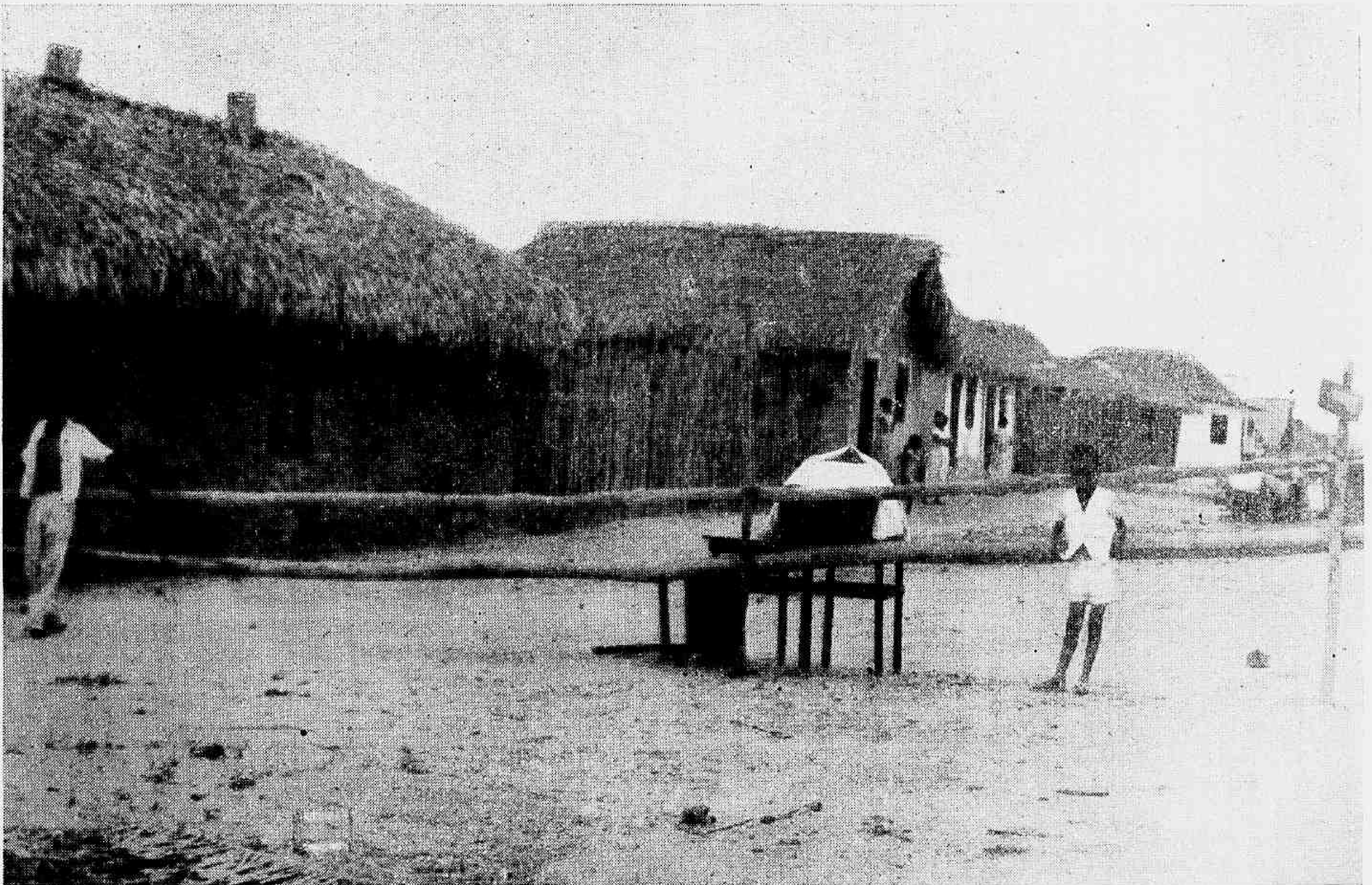
ESTA POBRE GENTE ficou inteiramente desabrigada, porque suas casas foram destruídas pelo fogo. Nada puderam salvar e muitos dormiam ao relento. A situação era angustiosa. — «Não temos culpa do que está acontecendo, mas somos nós os que pagamos as conseqüências...».



DEZENAS DE CASÉBRES, cobertos de palha, foram incendiados pelos revoltosos, para aumentar o pânico. Depois do fogo, cada um procurava seus haveres, sem nada encontrar. A desolação, a miséria, o desassocêgo imperavam por tôda a parte.



PARA EVITAR QUE os incendiários voltassem propagando fogo aos demais casébres, homens eram escalados, ficando horas seguidas no tôpo das vivendas, de plantão, vigiando o horizonte, enquanto as famílias aguardavam a chegada do inimigo gratuito. Só assim, mantendo-se alerta e sem o amparo policial, essa gente pôde preservar o que lhe pertence.



DE LONGE EM LONGE, colocavam-se estacas atravessando as ruas, com alguns garotos na vigilância. Era preciso ficar de sobreaviso e criar algum obstáculo à invasão dos incendiários, para dar tempo a que se defendessem os moradores dos casébres. Assim mesmo, de algumas vêzes essa medida resultou inútil e o fogo lavrou forte e destruidor.



A PRESENÇA DE UM soldado era recebida com júbilo, na esperança de estar próximo o fim da grande tormenta. Enquanto as mulheres ficavam em casa na iminência dos incendiários, os homens gritavam pelas ruas...



ESTES AINDA lograram salvar alguma coisa. Os trastes eram arrastados para a rua, evitando que fôssem devorados pelo fogo. E sem bombeiros para socorrer os sinistros, êles continuavam repetindo-se pela noite além.





O GENERAL Edgardino Pinto, comandante da 10ª Região Militar, recebe no aeroporto o governador Eugênio de Barros. A presença do governador em São Luís motivou maior acirramento nos ânimos dos oposicionistas — e a balbúrdia teve início.

reconhecido pela Justiça Eleitoral foi mantido. Retiraram-se as tropas do Exército que estavam policiando a capital, e o governador Eugênio de Barros deixou de ser uma espécie de prisioneiro dentro do seu palácio, saindo à rua, com a capital do Estado policiada pela polícia militar.

Os episódios mais dolorosos ocorridos durante os dias de agitação e desassossego generalizado, foram aquêles que tiveram por epílogo o incêndio de dezenas e dezenas de casebres de palha de coqueiro em bairros humildes. O fogo devorou casas e móveis, tendo mesmo matado duas crianças e ferido muitas outras pessoas, segundo noticiaram jornais do Rio.

"O Maranhão pegou fogo!", era o grito de angústia que se ouvia por todo o país. Êsse brado de alarma era figurado, a princípio, passando depois de tantos incêndios, a ser uma verdade das mais tristes. Mais de duzentas famílias ficaram ao desabrigo. Tudo gente modestíssima. Houve lágrimas e gritos de dor em face da catástrofe. Quem tocou fogo nas palhoças? Está aberto inquérito para apurar as responsabilidades. Cada grupo acusa o outro, e até hoje nada foi apurado que determinasse a figura do criminoso. Nem cremos que se chegue a descobrí-lo. A cidade de S. Luís viveu horas e dias amargos. A política, que, até agora, era uma expressão social, assumiu no caso do Maranhão, feições de guerra entre inimigos dispostos à guerra civil.

Com a firmeza do governador e a posição do govêrno da União em face do conflito, o caso maranhense se solucionou sem maiores aflições. O exército sertanejo dos 12 mil homens desapareceu dos jornais, tendo havido, ao que constou, um único encontro entre fôrças policiais e os rebeldes. O governador recebeu em palácio testemunhos de solidariedade de seus amigos e partidários, e, no dia em que apareceu em público, procurou amenizar a situação dos flagelados do fogo, ordenando reconstrução de suas moradias e auxiliando os mais necessitados com dinheiro.

As oposições coligadas não se satisfizeram com as providências do govêrno federal, e a imprensa simpática às mesmas, continua à anunciar efervecência para breve, uma vez que a solução do caso maranhense só seria obtida com o afastamento definitivo do governador, seguindo-se novas eleições.

Houve mesmo quem sugerisse renúncias gerais dos pôstos de mando e dos cargos políticos entre ambas as correntes. Desde o governador até ao mais modesto vereador ser-

(Cont. na pág. 48)



O SR. NEGRAO DE LIMA, ao alto, procurando auscultar as opiniões de ambas as facções em luta, passeia pela Praça João Lisboa, aclamado pelos populares. Em baixo, outra manifestação do povo, na ânsia de ver o conflito resolvido.

PAU de dois BICOS





"Short Stories"

HOLLYWOOD

A "estrêla" corria a mais de cento e vinte por hora, a caminho do estúdio, quando o inspetor percebeu a infração, fêz que ela parasse o luxuoso carro, multou-a, apaixonou-se por ela, casaram-se e, devido à publicidade, êle ingressou no cinema, tornando-se, desde então, uma das maiores figuras do celulóide americano.

O CASO MEADOWS

— No momento em que cheguei ao edifício — explicava Mr. King — o elevador se achava no 4º andar, onde residia Meadows. Apertei o botão e o elevador desceu. Ao abrir a porta, o cadáver de Meadows apareceu-me e, então, despertei o porteiro para testemunhar o fato.

Mister King foi detido, processado e eletrocutado. O detective descobriu logo, como qualquer leitor de novela policial, que êle havia subido ao apartamento de Meadows, matando-o, metendo o cadáver no elevador, parado no quarto andar, descendo pela escada, sem ser percebido, e, voltando momentos após para o álibi, com testemunho do porteiro.



ROMANCE DE UM MOÇO RICO

O moço milionário neurastênico, depois de consultar tôdas as sumidades médicas do mundo e de esgotar todos os recursos da ciência, inclusive o sistema Kneip, resolveu suicidar-se, abrindo a artéria radial, como Petrônio, com uma afiada lâmina de navalha de segurança (o fio mais fino do mundo) "made in U.S.A."

Antes, quis desfazer-se de dois ou três milhões de dólares que trazia consigo no momento e, assim, chegou-se à varanda de seu escritório em Wall Street e atirou o dinheiro à rua. Multidões se precipitaram para apanhar as cédulas que choviam miraculosamente da varanda daquele "building". No atropêlo, houve muitos mortos e feridos, entre os que apanhavam dinheiro. Os gritos, os tímpanos das ambulâncias, os tiros dos conflitos na rua chamaram a atenção do milionário que, chegando-se à varanda, muito se divertiu com o empolgante espetáculo do trucidamento daqueles miseráveis. E tanto se divertiu que resolveu, em vez de matar-se, promover diàriamente um "show" daqueles, gastando um têrço dos seus juros com o inofensivo divertimento, mas, em compensação, ficando completamente curado de sua terrível neurastenia.

CANÇÃO DE AMOR

QUERIDA BARBARA — Certo de sua compreensão, espero que concorde em conceder-me divórcio, pois desde que conheci sua "charming" mamã, aqui no Texas, resolvi casar-me com ela. — James.

P. S. — Ela concorda. — J.

QUERIDO JAMES — Foi ótima tua resolução. Ia propor-te o mesmo, pois eu e teu pai, desde que nos vimos pela primeira vez, aqui, em Nova Orleans, havíamos combinado nosso casamento. — Bárbara.

O REI DOS MAGICOS

O mágico descobrira, finalmente, o truque sensacional de tirar da cartola, entre um coelho e dois pombinhos, aquelas autênticas notas de um dólar. Aperfeiçoando o truque, chegou, aos poucos, a extrair da cartola, notas de dez, de cinqüenta, de cem e de mil dólares. Ficou riquíssimo e abandonou a profissão, sendo considerado o rei dos mágicos.

EDMUNDO LYS

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Pegou fogo no Maranhão 3/7
Realidades sôbre Santos Dumont (José Asmar) 12/15
No coração do Braz (Domingos de Lucca Júnior) 27/33

LITERATURA

Short Stories (Edmundo Lys) 9
A vingança do dr. Gaspar (Antônio Ernani) 16
Mas... existirá o destino? (Cezare Lanare) . 22
De um poeta oriental (Lyse) 37
A Semana Literária (Edmundo Lys) 50/51

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 34/35

HUMORISMO

Pau de dois bicos (Théo) 8

EXTRA

O Diário de James Forrestal 24/25

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 10/11
Personagem da Semana 11
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ... 42
Puxe pelo cérebro 52
Palavras cruzadas 53
Tudo isto aconteceu 56/57
A REVISTA há 50 anos 58

CINEMA

Irmãs Malditas (Cine-novela) 36
Frei Luís de Sousa (Cine-novela) 44/45

FOLHETINS

Romance no Hudson 46
O preço de um crime 47

FEMININAS

Week-End na Praia 37
"Tailleurs" para a Primavera 38/39
Modelos de Ramon 40/41
Week-End na Cozinha 42/43

ILUSTRAÇÕES

M. Queiroz — Osvaldo da Cunha — Rafael — Jerônimo Ribeiro.

FOTOS

Indaiassu Leite — Dario Terini — Arnaldo Vieira — Avulsas — Arquivo.



NA CAPA:

PEGGY CUMMINS
(Universal)

A SEMANA

Rendosa profissão



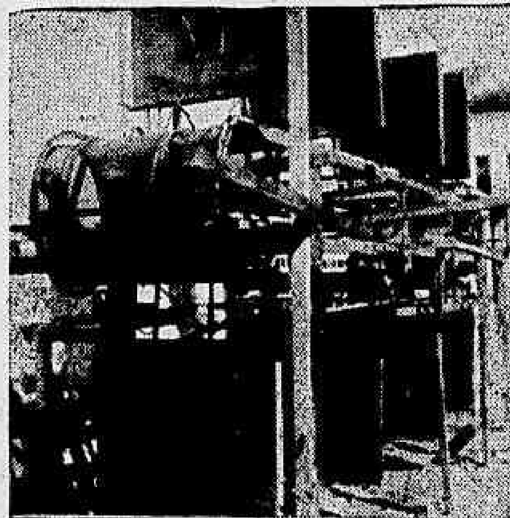
Registra a imprensa carioca o aumento sensível de delitos na área do "conto do vigário", com muitas vítimas de menores de dezoito anos, empregados em casas comerciais, quando conduziam dinheiro para depósitos em estabelecimentos bancários do Rio. E todos êles foram na conversa dos malandros, entregando somas polpudas em troca de pacotes de papéis bem alinhados, fingindo dinheiro. A safra neste último semestre do ano está movimentadíssima. Vejam, por exemplo, o caso do vigarista Santos Muratori, natural de S. Paulo, e um "ás" do conto do vigário. Vindo de S. Paulo para atuar no Rio, postou-se diante de um Banco da rua do Ouvidor e, fingindo Banco da rua do Ouviodr e, fingindo ser do interior, homem sem experiência nenhuma, viera a esta capital para receber um bilhete premiado, mas não sabia como. E, com essa ingenuidade tôda, comoveu o espírito de três cariocas, trocando com êles os "pacos" tècnicamente preparados, por dinheiro legal em notas novinhas, saídas da Tesouraria do Banco. O primeiro entregou seis mil cruzeiros. O segundo, doze mil, e o terceiro, vinte mil cruzeiros. Isso em três dias seguidos, na rua do Ouvidor, diante de um Banco. O vigarista estava radiante. Qual a profissão neste Rio de Janeiro que dá, em poucos momentos, a média de doze contos de réis por dia? O malandro Muratori iria longe com o seu jeitão, sua técnica e habilidade em convencer os portadores de dinheiro. Mas, um dêles, não suportando o lôgro, deu parte à polícia e Muratori foi prêso num dia e sôlto no outro, para prosseguir na profissão do "paco".

Desaparecem os ônibus



Conforme estatística oficial publicada em comentários de nossa imprensa diária, entre o ano passado e êste ano, sumiram da circulação das ruas da capital federal, nada menos de duzentos ônibus. A causa disso não é a crise de passageiros. Pelo contrário. Passageiro aqui nas filas de ônibus é mato. O motivo é o seguinte: as emprêsas dêsses coletivos vão, pouco a pouco, encostando-os a um canto, ou vendendo-os, a fim de serem substituídos por micro-ônibus, para 12, 15, 20 passageiros. Êsses "micro-ônibus" eram escassos até pouco tempo. Mas, já em 1950, contava a capital com cêrca de 860 dêsses veículos, ou sejam dois terços em relação ao número de ônibus. Mas, com a política de encostar os maiores, os micro-ônibus já chegam a 1.680 até agora, devendo o seu número subir a dois mil em pouco tempo. O caso não vem em benefício da população. Trata-se de fato puramente comercial, na ânsia do maior lucro. Os chassis dêsses veículos são importados como se destinados a caminhões, veículos de carga, indispensáveis ao transporte em nossas estradas do interior. E' provável que, sob êsse critério, sejam beneficiados os importadores com abatimentos alfandegários. Mas os "caminhões" se convertem em micro-ônibus para o Rio. Cobrando passagens duas vêzes e meia mais caras do que a de ônibus, e fazendo economia de combustível, de manutenção e de pessoal, pois dispensam o trocador, não há melhor negócio nesta terra. O povo, porém, sai prejudicado, passando sua verba de transporte a ser multíssimo mais pesada.

O motor horizontal



Desde que o homem captou a fôrça hidráulica como elemento de propulsão para seus engenhos industriais, um problema o martirizava sempre: como obter energia dos rios ou riachos que não possuem quedas d'água? Antigamente os engenhos d'água moviam suas rodas motoras fazendo-se um desvio da corrente horizontal, de maneira que o pequeno caudal fôsse dirigido em desnível descendente até à roda a fim de movimentá-la com a fôrça da queda. Mas, com o advento das turbinas geradoras de eletricidade, isso se tornou dispendioso e difícil, exigindo grandes barragens e consideráveis volumes d'água. E' desolador verificar-se que, rios como o Amazonas, de nível horizontal suavíssimo, ou como o S. Francisco, abaixo de Piranhas, sem uma corredeira, sequer, tudo numa horizontalidade que impressiona, não possam proporcionar a cidades, vilas, fazendas, etc., em suas margens, os benefícios da fôrça hidráulica. A preocupação e as pesquisas dos cientistas nunca pararam, todos procurando descobrir um meio, um engenho, que resolvesse o problema. Pois coube essa glória, leitor, a um brasileiro, o engenheiro-civil Alves de Almeida, residente na capital de S. Paulo, rua Carlos Stein, 34. E' êle mesmo quem nos dá a sensacional notícia, digna de ser estudada pelos interessados em tão relevante problema de economia e progresso de nossa terra. Há rios de grandes volumes d'água em todo o nosso território, mas continuamos a derrubar as matas, criminosamente. O "Motor Horizontal" do eng. Alves de Almeida é revolucionário, porque, tanto se adapta a um Amazonas como ao Maracanã, aqui no Distrito Federal. E' dêle, a fotografia que ilustra esta nota.

EM REVISTA

O mestre-escola

Comemora-se, a 15 dêste mês, em todo o país, o "Dia do Professor". E' uma homenagem nacional aos que se dedicaram a abrir o futuro das gerações com as luzes da instrução. Desde a escola primária até aos mais cultos centros de ensino científico, estabelecimentos que estão muito acima das faculdades de cursos normais, vemos a figura do professor a guiar inteligências, a orientar profissões, a civilizar indivíduos, famílias, cidades, nações inteiras. As mais humildes e desamparadas escolinhas, nos confins do nosso sertão, representam células de cidadania e de civilização, tão beneméritas e dignas de respeito como os cursos que funcionam em edifícios suntuosos nas mais cultas capitais. Os nossos primeiros mestres foram os jesuítas. Anchieta, o grande apóstolo do Brasil, ao fundar em Piratininga o seu colégio de pau a pique, lançou mão do ensino dramático para obter adesões dos selvagens. Por todo o Brasil, a figura do professor primário teve, nos primeiros séculos, o caráter de segundo pai. Era legal o castigo físico aos alunos mal comportados, e, ao verem o mestre-escola, mesmo fora da aula, os alunos se perfilavam, descobrindo-se. Se algum estava a fumar, ocultava o cigarro. Muitos lhe tomavam abênção. Respeito absoluto. E' dessa estirpe o famoso professor baiano, mestre de Rui Barbosa, Ernesto Carneiro Ribeiro símbolo do verdadeiro preceptor e pedagogo, forjador de caracteres e preparador de culturas.



Um novo Senado



Corre entre os senadores que se está fazendo fôrça para construir-se, na Esplanada do Castelo, monumental edifício para sede do Senado Federal. Não há quem ignore, na verdade, que o atual edifício não comporta homens e coisas de nossa Câmara Alta. Suas dependências são insuficientes e, por mais biombos e remendos que se façam ali por dentro, não há mesmo jeito de acomodar tudo e todos. O jeito seria, exatamente, um outro edifício mais amplo, capaz de servir de Senado sem a congestão do de agora. Falou-se na mudança para o Palácio Guanabara. Mas a sugestão ainda não pegou nem criou raízes. Ninguém quer ir lá para os lados onde está o belo palácio, de linhas tão bonitas. Por quê? Porque fica "longe". De fato, quem está habituado a ficar ali ao fim da Av. Rio Branco, com cinemas e casas de chá elegantes e movimentadas, não acharia graça nenhuma em meter-se em recantos entre Flamengo e Botafogo. Haveria, é claro, mais tranqüilidade, mais paz, e muita gente perderia o ânimo de ir "visitar" os senadores em face da distância. Contudo, a idéia de mudança do Senado permanece. Voltam a falar de um novo edifício na Esplanada. Mas o assunto já foi derrotado com a lembrança de um dos senadores de que isso é absurdo. Como se vai dispender num edifício dêsses mais de 250 milhões de cruzeiros quando a Constituição determina a mudança da Capital Federal lá para o Oeste? Não há a menor dúvida. O argumento é forte!

Argentina sensacional

A intentona militar que rebentou na Argentina em fins de setembro, e que chamou a atenção do mundo inteiro para o país irmão, não foi movimento improvisado, como a muitos pode parecer. A 14 do mesmo mês cêrca de quinze dias antes de rebentar a tentativa de derrubada do govêrno Peron, publicavam os jornais do Rio um telegrama da U.P. (United Press), originário de Buenos Aires, no qual se dizia o seguinte: "A classe trabalhadora está pronta para defender seus direitos em tôdas as frentes e com todos os meios, qualquer que seja a fôrça a que tenha de enfrentar. A C.G.T. (Confederação Geral do Trabalho) está vigiando as nefandas manobras dos inimigos da revolução justicialista" e que, "políticos desprestigiados, elementos deslocados, representantes de ideologias extremistas e, sobretudo, agentes do imperialismo, que viram arruinados os seus negócios em consequência da nossa independência econômica, deram as mãos numa infame camaradagem para lutar contra o regime". A seguir diz o telegrama transmitindo o comunicado da C.G.T. de Buenos Aires: "Êsses elementos têm recorrido a calúnias, rumores, intrigas injustificadas, greves, sabotagem e falsos movimentos estudantis", e que "os acontecimentos mostram a existência de um plano perfeitamente preconcebido e audaciosamente executado para tentar derrubar o regime existente e destruir a conquista dos trabalhadores". Nessa mesma comunicação, a C.G.T. prevenia que "poderá correr sangue e serem erguidas fôrças na Argentina". Como vemos, o levante já era previsto e pùblicamente denunciado.



A PERSONAGEM DA SEMANA

NA história da aviação, no que diz respeito ao Brasil, há duas datas imortais, ambas focalizando a figura de Alberto Santos Dumont, o brasileiro que nascera numa fazenda às faldas da Mantiqueira, — Cabangu — e terminara tão elevado no conceito de Paris, que todo o mundo o aplaudiu e consagrou. Santos Dumont deixou de ser brasileiro para tornar-se um cidadão da humanidade. Engenheiro-mecânico de vocação, desde menino, sustentara a tese: "O homem voa!", nos brinquedos infantis. Sacrificando saúde, tempo e dinheiro, dedicou-se de tal maneira aos problemas da aviação dirigida, que viu seus trabalhos coroados de êxito em 1901, quando assombrou a capital de França e atraiu sôbre êle as atenções do mundo, voando em dirigível rígido, contornando a Tôrre Eiffel e ganhando o prêmio instituído para aquêle que, pela primeira vez, realizasse tal milagre. E Santos Dumont venceu-o, distribuindo pelos operários, que o ajudaram a construir o primeiro "zepelin", todo o dinheiro da vitória. Além de um gênio, era um homem de grande coração, desambicioso e leal. Esta a primeira etapa da conquista dos ares, que todo o Brasil comemora na Semana da Asa, de 17 a 23 de outubro, cinqüentenário do descobrimento da dirigibilidade em aparelhos de voar. Mas Santos Dumont ainda não se dera por satisfeito. Sua máquina voadora não resolvia o problema. E êle se lançou na segunda fase: obter o mesmo efeito com aparelhos "mais pesados que o ar". Nada de gás. Era preciso encontrar outro meio, e êste foi obtido com um motor de motocicleta sôbre um avião de aspecto estranho, tendo o imortal brasileiro voado, pela primeira vez, cinco anos mais tarde, inventando o primeiro aeroplano da História da Aviação. Santos Dumont, o "Pai da Aviação", um dos maiores nomes da História das Invenções da Humanidade, recebe aqui, as nossas homenagens.



SANTOS DUMONT

QUER SER ESCRITOR?
Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Desânimo
Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se
Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* Gesteira

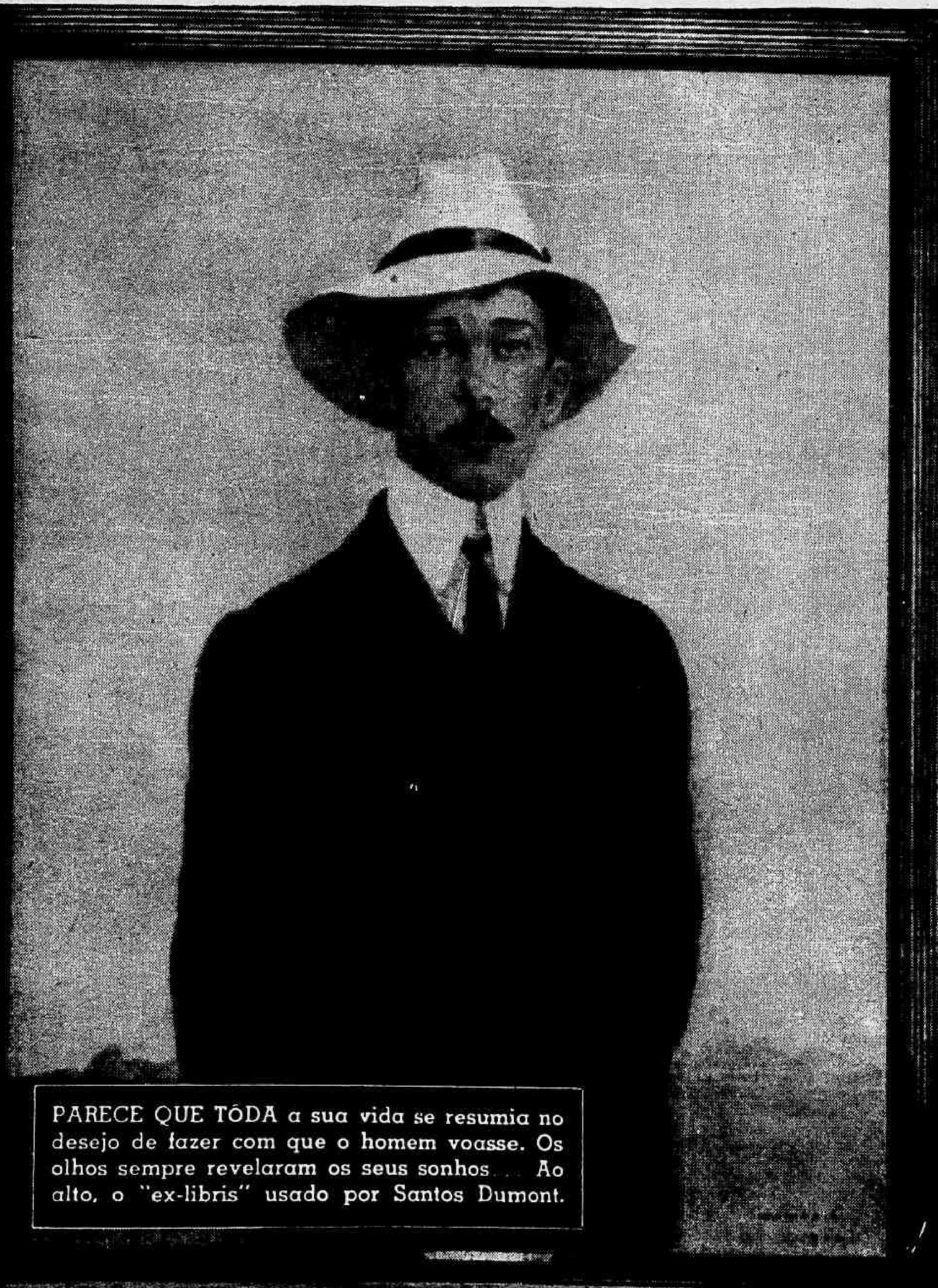
O DEVASSADOR DOS CÉUS

REALIDADES SÔBRE SANTOS DUMONT



O RESGATE QUE COMPETE AO BRASIL ★ VENCEU A NATUREZA MAS NÃO PÔDE VENCER A SI MESMO ★ A MORTE QUE A DIDÁTICA OCULTA ★ O PROTESTO DE UM JORNAL DE MOÇOS REPUBLICANOS ★ O AVIÃO TAMBÉM JÁ PRECEDEU O TRATOR... ★ LEMBRANÇAS DENTRO DA "SEMANA DA ASA"

Texto de JOSÉ ASMAR



PARECE QUE TÔDA a sua vida se resumia no desejo de fazer com que o homem voasse. Os olhos sempre revelaram os seus sonhos... Ao alto, o "ex-libris" usado por Santos Dumont.



O GÊNIO GOSTAVA de documentação. Aí está uma série de fotografias, com seqüências de poses, ante-

ESTA reportagem foge um pouco do que se pensa ler nesta "Semana da Asa", quando se comemora, no dia 19, o Cinqüentenário da Dirigibilidade no Ar. Ela vem como uma tentativa de estudo e como um lembrete ao Govêrno. Tudo o que se fizer a respeito do nome de Alberto Santos Dumont ainda é pouco — como resgate a tôdas as dificuldades que se antepuseram à concretização do seu invento e que o país devia ter removido incondicionalmente. E' possivel que alguém alegue haver o Brasil premiado o conquistador do ar com cem contos, quando em 1901 realizou a famosa proeza da Tôrre Eiffel, e lhe dedicou uma festa bombástica, logo quando êle aqui pisou. Mas é pouco de mais. E vamos mostrar, um tanto ligeiramente, por qual razão.

A COMEÇAR DO FIM

A glória de Santos Dumont é bem mais imensa do que se calcula. Êle não só conseguiu voar com o mais pesado do que o ar. Chegou, a par disso, a resistir aos percalços do Destino com maior estoicismo, só se deixando abater após saldar os seus compromissos com a humanidade, a que êle tanto desejou servir, e que, por ironia, transformou os



cedendo ao cinema. Santos Dumont a conservava carinhosamente. Hoje está no Museu Ipiranga.



DAQUI SAIU ÊLE. Esta casinha metida no meio de árvores, na antiga Palmeiras, foi dada pelo Congresso Nacional a Santos Dumont, quando em vida. Aí nascera o homem que deveria dar ao Brasil um título de glória e honrarias.



O SR. PAULO SAMPAIO, presidente da Panair, conseguiu trazer de São Paulo o coração de Santos Dumont. E, como os poloneses que conservam o de Chopin, mandou fazer um escrínio expressivo nêle colocando o precioso órgão do brasileiro.

seus aviões em engenhos da morte. Já não restava mais dúvida sôbre o futuro da aeronáutica. Todo mundo já devassava os céus. Quase esquecido, Santos Dumont estava morrendo a prestações, no Sanatório de Biarritz. Já lhe haviam morrido as esperanças de contrôle do uso dos aeroplanos. Morrera-lhe também a alegria que raras vêzes o fizera sorrir. Parece mesmo que a sua existência estava prêsa aos aviões. Já que êstes voavam, o que mais lhe importaria? Foi buscado para Guarujá, S. Paulo, e aí, doente, alquebrado, olhos parados, ainda póde experimentar os abalos da revolução de São Paulo. Mas no dia 23 de julho de 1932, passo tardo, êle vai ao banheiro e enforca-se! Por que fêz isso? Por que os compêndios que rodam pelas escolas não contam êsse fim trágico, que provoca um remorso em cada brasileiro? O país estava, então, distraído numa luta interna. Até a própria notícia do infausto acontecimento teve dificuldades de chegar até ao Rio! Pois jornais de segunda-feira (Santos Dumont morrera num sábado), divulgaram uma nota com reservas, louvando-se em detalhes do rádio. E, também, só no dia 25, o general Góis Monteiro, então comandante do destacamento de Leste, em operações, baixara uma proclamação, determinando no último parágrafo: "Ainda em homenagem à memória do imortal pioneiro da Aviação, as unidades aéreas dêste destacamento deixarão de bombardear hoje as posições militares inimigas".

Entrementes, a imprensa mundial já registrava o fato, tendo "La Prensa", de Buenos Aires e atualmente fechada pelo govêrno de Peron, assinalado: "O falecimento de Santos Dumont marca uma efeméride lutuosa na história da Aeronáutica Internacional".

Só depois de inerme, da desgraça consumada, Santos Dumont superou os ânimos exaltados pela sangueira de 32. O seu corpo veio para o Rio. Multidão formada de elementos de tôdas as classes chorou-o e deu-o à sepultura no Cemitério de São João Batista.

OBRAS RARAS

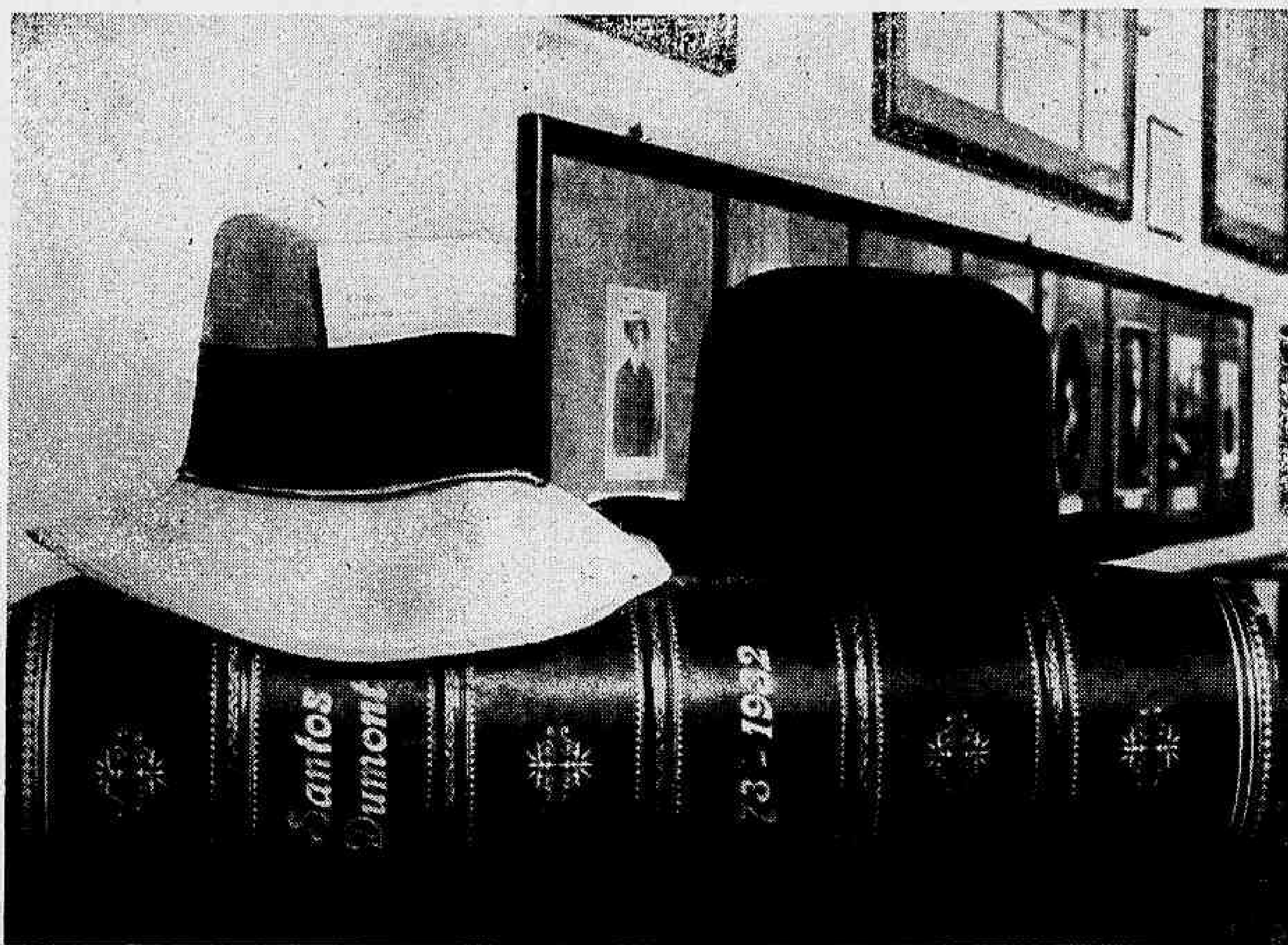
Não faz muito e houve uma tentativa dos Estados Unidos em pleitear, para os irmãos Orville e Wilbur Wright, a primazia do vôo com o mais pesado do que o ar. Nessa época, devemos fazer justiça, o Brasil reagiu e argumentou bem. Concatenou provas e exibiu-as. Porém, tudo passou e essa documentação ficou esparsa.

Agora mesmo o repórter entrou na Biblioteca Nacional. Foi ao catálogo. De biografias mesmo só encontrou três: uma de Ofélia Fontes, outra de Renato Sêneca Fleury e uma terceira de Aluízio Napoleão, editada pelo Itamarati em português, castelhano e francês. O trabalho de Gondim da Fonseca, mais completo, não consta do fichário.

UM COROLARIO

Falamos que Santos Dumont sempre encontrou maiores dificuldades por parte dos homens do que mesmo pelos fatôres da Natureza. E vale a pena lembrar que, mesmo o prêmio Deutsch de La Meurthe, conquistado em 19 de outubro de 1901, quase não lhe vai às mãos. Alegaram atraso na aterragem. Êle mesmo disse, depois, que teve mais dificuldade em receber o prêmio do que em ganhá-lo. E' interessante, nessa altura, ler o que "O Grito da Pátria", "órgão intransigente da mocidade republicana", do Brasil, estampou na sua edição de 24 de outubro. E' curioso e creio que ainda não foi reproduzido: "SANTOS DUMONT — A Conquista dos Ares — O nosso ilustre compatrício Sr. Dr.

REALIDADE SÔBRE SANTOS DUMONT



O DONO SE FOI... Mas êstes dois chapéus, sôbre o livro de recortes de jornais que narraram os feitos dos dias de glória, foram conservados. O famoso panamá-Santos Dumont, que muita gente imitava, teve época e resiste ao tempo.

PEÇAS DA INDUMENTARIA de Santos Dumont, quando no apogeu da sua vida de aeronauta. Elas podem ser vistas numa sala especial do Museu Ipiranga, com outras relíquias.

Santos Dumont realizou, no dia 17 do corrente, a experiência com seu balão n. 7, para a conquista dos ares. Santos Dumont, altivo e garboso, fêz a sua ascensão, recebendo da massa popular parisiense ruidosa manifestação. Muitos jornalistas europeus e americanos estavam presentes. Naquele dia o Dr. Dumont concorria ao prêmio de 100.000 francos, o prêmio instituido pelo aeronauta Sr. Deutsch. O jovem e distinto patricio realizou tudo quanto exigira o Aero-Clube, negando-se êste a conferir-lhe o prêmio alegando que o excesso de meio minuto na descida o prejudicava. À vista disto, o emérito aeronauta declarou mais uma vez que sentia não ter obtido o prêmio, para distribuí-lo pelos pobres de Paris. Nem à vista de tão alevantado sentimento de caridade o Aero-Clube se decidiu a entregar-lhe os 100.000 francos. Isto mais prova quanto os estrangeiros querem mal aos nossos patricios, ainda mais a França, que fêz cair sôbre si a gloriosa invenção da *passarola* de Bartholomeu de Gusmão. Sentimos que aqui no Brasil se não realizem festas de regozijo pelos triunfos de Dumont, máxime agora que ficou definitivamente provada a dirigibilidade de seus aerostatos. Na Câmara dos Deputados passou, em primeira discussão, o projeto do prêmio de cem contos ao ilustre patricio que tanto nos honra. Essas experiências, que mais tarde figurarão nos anais de nossa história científica, deviam ser comemorados com grandes festejos populares. "O Grito da Pátria", apreciador do talento do Dr. Santos Dumont, lembra ao nosso Govêrno a iniciativa destas festas".

Mais dias — em 7 de novembro de 1901 — o mesmo jornal criticou:

"O *Aero-Clube*, (referia-se ao do Rio) com indiferença, não tem feito justiça ao nosso patricio com maus olhos do mundo inteiro êsse clube está sendo encarado. Santos Dumont é o rei dos ares, o homem de tôdas as conversas em Paris."

(Nota: cumpre ressaltar que o balão, com que Santos Dumont ganhou o prêmio Deutsch, foi o de n. 6 e não o 7, referido no registro d' "O Grito da Pátria").

ATÉ O NAZISMO O DESRESPEITOU

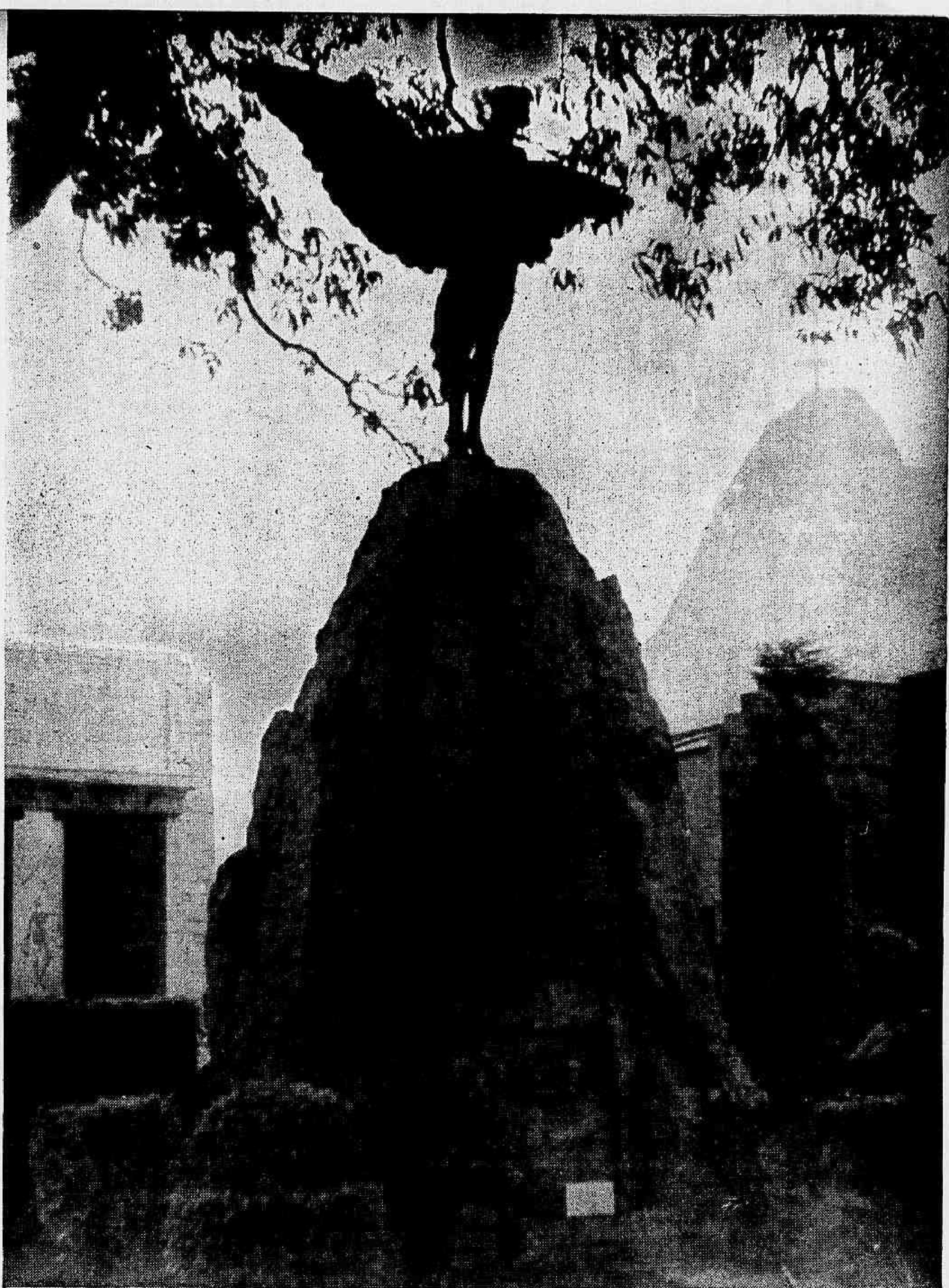
Na primeira guerra mundial, quando Santos Dumont sentiu os mais profundos abalos com o uso dos aviões para fins de matança, refugiou-se na sua cidade em Minas — Palmeiras, que hoje tem o seu nome. Chegou, em seguida, a apelar para a Sociedade das Nações, para impedir a conversão do seu invento em máquina de destruição. Não foi ouvido. E, na segunda guerra mundial, ocorre outra calamidade: os nazistas invadiram Paris e arrancaram do seu pedestal o bronze erigido em homenagem a Dumont, em Saint Cloud. Aproveitaram o metal para fabrico de canhões.



Só em 21 de outubro de 1947 o então ministro da Aeronáutica, brigadeiro Armando Trompowsky, telegrafou a um adido à nossa embaixada em França, autorizando-o, em nome do presidente da República, a providenciar a reconstituição do monumento, de que é igual o levantado sôbre a tumba no cemitério de São João Batista. Gago Coutinho, nesse ano, escreveu um artigo na imprensa carioca, falando sôbre como encontrou mutilado êsse marco da simpatia francesa ao notável brasileiro.

UMA EPOPÉIA

Êsses retalhos acima já bastam para argumentar a dívida que o Brasil tem para com Santos Dumont. Vê-se, por exemplo, o quanto foi rápida a evolução do seu invento. A partir de 1906, quando de fato realizou o primeiro vôo com o "mais pesado do que o ar", as modificações foram feitas de um dia para outro. E em quarenta e cinco anos, vejamos o que aconteceu: surgiram até aviões a jacto! Particularmente ao interior do país, havemos de citar o arrôjo do Correio Aéreo Militar, que aproximou o Brasil de si mesmo. Desde 1931, os incertos biplanos começaram a avançar para os cafundós do nosso território. Desceram em qualquer terreno. Até em roças, chegando mesmo a preceder o serviço de tratores... Há cidadezinhas esparramadas por aí que conhecem um avião e ignoram o automóvel moderno. Os incertos biplanos se substituiram pelos Douglas DC-3. Nomes dos mais honrados glorificam o serviço do Correio Aéreo, que teve como grande iniciador o brigadeiro Eduardo Gomes. Cria-se, pouco depois de 1940, o Ministério da Aeronáutica. A F.A.B. opera na Europa e traz um documentário dos seus feitos, através de um livro inédito — "O avestruz no céu da Itália" — de que o atual ministro Nero Moura é detentor do original. A aviação comercial se amplia e populariza-se. Para ilustração, basta dizer que o tráfego aéreo do Brasil já é o segundo do mundo. O número de aeronaves, que fazem a linha São Paulo-Rio, é maior do que a de qualquer outro lugar do globo. Maior mesmo do que o consignado entre Nova York e Filadélfia. E, entre 6 e 9 horas, e entre 16 e 18, o tráfego se torna de intensidade igual ao da "ponte aérea" de Berlim, no tempo da última guerra. O aeroporto de São Paulo — Congonhas — registrou, em junho dêste ano, 2.965 aterragens e 2.966 decolagens de aviões comerciais. No Rio, o "Santos Dumont", no mesmo mês, teve 2.543 aterragens e 2.526 decolagens, enquanto o internacional do Galeão consignava 312 aterragens e 313 decolagens. Êsse movimento vem crescendo de mês para mês e os aparelhos se aperfeiçoam. Mas tudo se liga ao princípio daquele menino de Minas, que saiu para a França e lá deu asas aos seus próprios sonhos. Portanto a êle, o Brasil, mais do que qualquer outro país, deve tributar a homenagem que não tributou suficientemente quando êle estava vivo.



CÓPIA FIEL do monumento a Santos Dumont, oferecido pela França, levantado em Paris, onde os nazistas o destruiram. A cópia está na sepultura do aviador em S. J. Batista.



UMA SEMANA BEM IMPESSOAL

Atendendo a um apêlo do brigadeiro Vasco Alves Sêco, chefe do Estado Maior da Aeronáutica e presidente da Comissão Executiva da "Semana da Asa de 1951", o comércio está expondo nas suas vitrinas o retrato e alegorias de Santos Dumont. A imprensa foi convidada a colaborar. E cogita-se mesmo até de uma festa no Jockey Club, promovida pelo Rotary Club, com a montagem de uma imitação da Tôrre Eiffel, recordando o seu contôrno pelo dirigível número 6 de Santos Dumont, em 1901.

O brigadeiro Henrique Dyott Fontenelle, diretor do Departamento da Aeronáutica Civil e encarregado de incentivar os festejos, desenvolveu intensa atividade e falou-me:

— Essa é uma semana que deve ser bem impessoal para nós vivos. E' preciso que reconheçamos, com realismo e sem vaidade, o que se deve de fato a Alberto de Santos Dumont. E, digo-lhe mesmo, tudo o que fizermos ainda é pouco.

(*Cont. na pág.* 52)

O FÉRETRO de Alberto Santos Dumont sai para o cemitério de São João Batista. O Rio chora-o. O povo, contrito, acompanha-lhe o caixão coberto com a bandeira do Brasil. À frente do esquife, assinalado, o falecido orador Rafael Pinheiro.

A VINGANÇA DO Dr. GASPAR

(*CONCLUSÃO*)

A sala da frente, com duas janelas sôbre a praça, era o consultório. Tinha no centro uma mesa de operações e, ao lado, outra mesa baixa e de ferro, pintada de esmalte branco, com o tabuleiro de vidro, rachado em vários pontos. Em cima dêsse móvel estavam espalhados, em desordem, alguns ferros cirúrgicos, enferrujando. Ao lado dos ferros uma pilha de livros velhos e uma luva de borracha empoeirada. Não havia cadeiras. Apenas um banquinho também de ferro, também pintado de branco, cheio das feridas negras de esmalte estalado. Naquela sala estava o positivo, de pé, à espera, todo encolhido e encharcado.

— E' no barracão, doutor, — disse o homem, assim que o médico entrou. E gesticulava, agitado, trêmulo, como a enxotar o frio.

— Um moço que levavam para a Bahia. O caminhão ficou na estrada dessarranjado. Levaram o homem e botaram no barracão que êle não aguentava chegar até aqui. Disseram que o pobre de Cristo se espojava que nem cavalo. Está lá agora numa lezera que já parece morto. E é um beber de água que não acaba mais.

— Trouxe animal? — interrompeu o médico as informações do recém-chegado.

— Saiba vosmicê que não trouxe.

— E eu vou viajar mais de dois quilômetros a pé, a essa hora e com uma chuva dessas? Isto é um inferno. Como é seu nome?

— Manuel, nhô sim.

— Olhe, Manuel, me faça você um favor. Vá na casa de André... Conhece o André da venda? Vá lá e pergunte a êle se a mula está na cocheira. Se estiver diga que o Doutor Gaspar mandou pedir, para ver um doente com urgência. Não demore.

Minutos depois, mais friorento e enxarcado, Manuel regressava sem a montaria. Mandou dizê que está no pasto. Com êsse tempo... E completou a frase com uma careta.

Gaspar, com um gesto de raiva surda, vestia a inevitável roupa azul, apanhou num canto alguma coisa que fôra uma capa, falou para o camarada — pois vamos — e saiu para a noite chuvosa.

— Peste de vida!

Um aspécto pinturesco oferece a construção de estradas. Os trabalhadores que a vão abrindo, constituem tôda uma população nomade. Não moram — acampam. No ponto onde trabalham a rodagem que se vai alargando e penetrando o interior por montes e baixadas, armam barracas e nessas casinholas de palha, espalhadas a beira da estrada, comem, dormem, amam e se divertem.

As barraquinhas escuras sugerem uma aldeia bárbara que se vai prolongando sempre, à medida que a estrada avança. O centro dêsses povoados efêmeros é o barracão. Imponente, pelo contraste, em meio das outras humildes armações, é, ao mesmo tempo armazem para fornecimento das turmas, pôsto de socorro, farmácia e uma espécie de casa de câmara. Dali saem as posturas e as leis, nesse caso regulamentos e ordens do chefe do serviço ou do empreiteiro que alí residem.

★

Em um barracão como êsse, estirado numa cama improvisada, estava o doente. À luz de um candieiro de querosene, pôsto ao lado, viam-se-lhe as faces contraidas, porejantes de gotinhas de suor. Gôtas maiores escorriam, pescoço abaixo, indo caír no lençol encardido onde havia grandes manchas de vômito, tresandando um cheiro forte de fezes. Ventre intumecido, mãos engalfinhadas no rebordo da cama, bôca descaída num esgar de agonia, inconciente, moribundo de vez em quando rouquejava: "água!"

Quando o doutor Gaspar chegou, logo à entrada do barracão, viu aquêle rosto em que se espalhava, com a luz mortiça do candieiro, os prenúncios da morte. Entreparou, varado, no auge da surprêsa. Tinha reconhecido de chofre o homem que o desgraçara.

Chegou a recuar. Mas um sentimento poderoso o empurrou — a curiosidade. Queria ao menos saber qual era o mal que alí naqueles desertos, viera prostar inerme o inimigo, para pasto de um grande ódio, embora imprestável para qualquer vingança.

Aproximou-se, curvou-se, e, nesse momento, todos os seus males lhe esqueceram, ante aquela coisa estertorante que era para êle apenas — uma doença.

Tomou o pulso ao moribundo, entreabriu-lhe os olhos cerrados, auscultou-lhe o peito, apalpou-lhe o ventre inchado, notou o suor porejante, os sinais de vômito e pôde responder a pergunta do João Pedro, empreiteiro: "Está perdido".

Fêz-se em tôrno um silêncio de piedade.

(*Continua na pág. 48*)

Novela de ANTÔNIO ERNANI
Ilustração de M. QUEIROZ

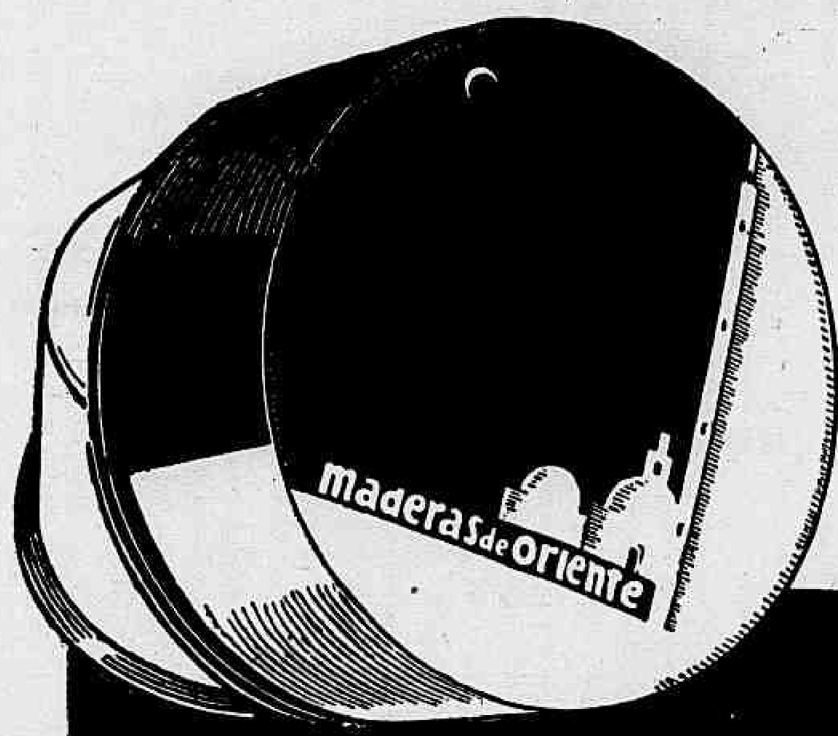


* A tração irresistível



Pó de Arroz MADERAS DE ORIENTE

A beleza admiravel



MYRURGIA

EXTRATO • LOÇÃO • AGUA DE COLONIA



No dia 8 de setembro, data em que completava 400 anos de existência, Vitória recebeu a honrosa visita do Presidente da República, que, com a sua presença, levou à metropole capixaba a expressão mais viva da sua homenagem. O sr.

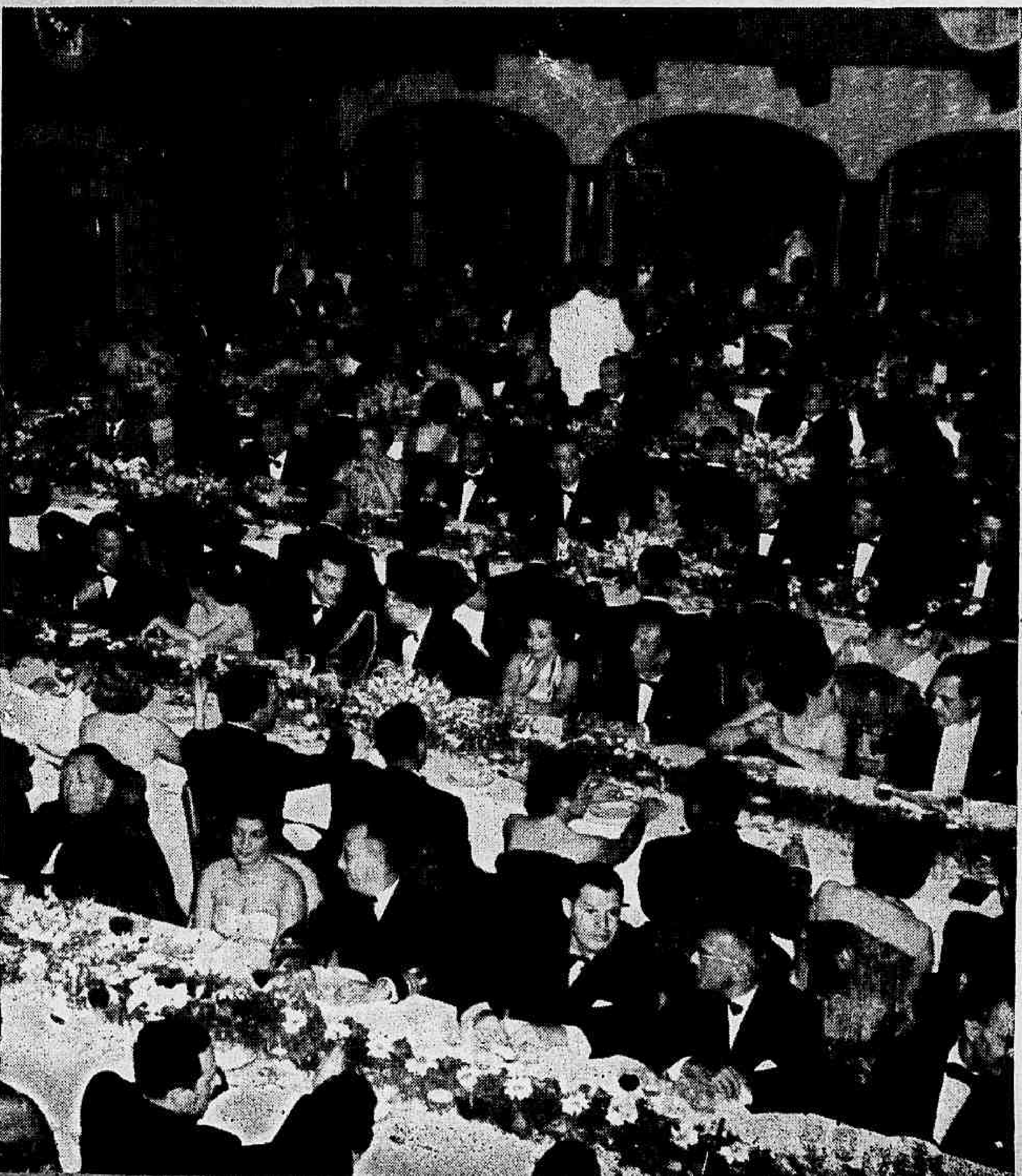


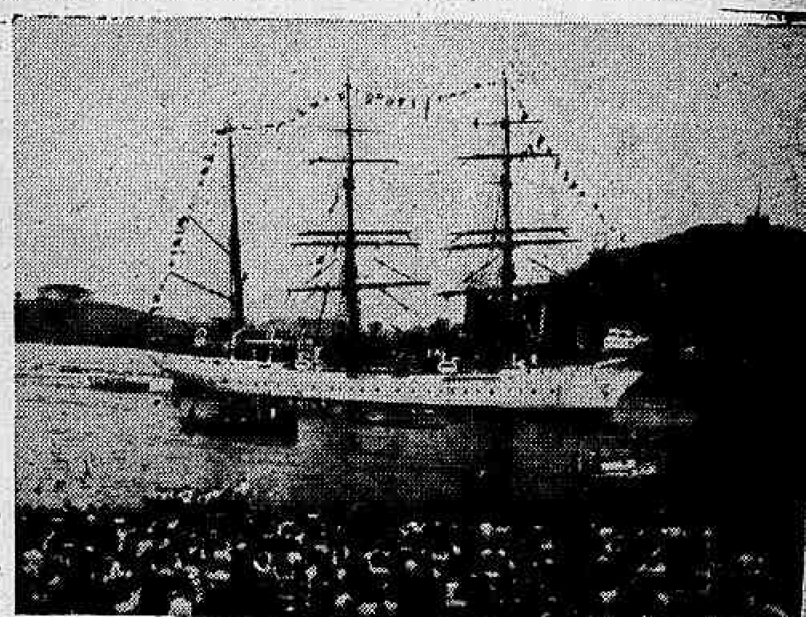
Getúlio Vargas foi ali recebido entre o regosijo e o aprêço do govêrno e do povo. Nas fotos maiores, aspectos da massa popular que recepcionou o Chefe da Nação à sua chegada ao Palácio do Govêrno, e do grande banquete que lhe



foi oferecido pela sociedade local, realizado nos salões do Clube Saldanha da Gama. Nesta coluna, do alto para baixo, o governador do Espírito Santo, sr. Jones Santos Neves, fazendo o oferecimento do banquete, o presidente Getúlio Vargas lendo o agradecimento, e, finalmente, os dois chefes de govêrno tocando as taças.







A imagem de Nossa Senhora da Penha, padroeira do Espírito Santo, sendo conduzida pelo povo, na sua visita a Vitória. De Vila Velha a idolatrada imagem foi trazida pelo Navio Escola Guanabara (foto à direita). Vitória jamais assistiu a um espetáculo de tamanha grandiosidade e imponência, de tanta emoção e fé religiosa. Incalculável massa humana fêz transbordarem ruas e praças da cidade para receber a Santa.

VITÓRIA COMPLETOU QUATROCENTOS ANOS

VITÓRIA, a linda Capital do Espírito Santo, comemorou condignamente a passagem do seu quarto centenário de fundação, ocorrido no mês de setembro último. Trinta dias de belas e comovedoras festividades assinalaram o magno acontecimento, durante as quais govêrno e povo capixabas deram-se as mãos, movidos por igual sentimento de amor à terra e de exaltação à sua grandeza. Não se sabe mesmo o que destacar, nesse mês nteiro em que Vitória viveu os maiores dias da sua existência em honra de um passado de lutas e de glórias. Todavia, alguns aspectos das comemorações merecem especial menção, pela grandiosidade de que se revestiram e pela profunda emoção causada em todos os espíritos. Assim aconteceu com a visita que a imagem de Nossa Senhora da Penha, a idolatrada Padroeira do Espírito Santo, fêz à urbe quadricentenária. Descendo do tradicional Convento da Penha, na cidade vizinha de Vilha Velha, onde repousa há 400 anos e de onde não saía a mais de 180, a venerada da Virgem da Penha, foi levada à Catedral de Vitória, num soberbo espetáculo cívico-religioso de proporções jamais vistas no Espírito Santo, que arrebatou e fêz vibrar ao auge a imensa mole humana que a recebeu e a conduziu em triunfo. A recepção que teve na Capital espiritossantense, no dia 8, exatamente a data do acontecimento histórico, o Primeiro Magistrado da Nação, foi outro fato de indiscutível relêvo. Vitória recebeu, desvanecida, o abraço que lhe levou o Presidente Getúlio Vargas, correspon-



O presidente Getúlio Vargas, tendo à sua esquerda o governador Jones Santos Neves, chega, entre palmas e flores, ao Palácio do Govêrno do Espírito Santo.



Durante uma recepção realizada no Palácio Anchieta, o Presidente da República palestra com o sr. Jones S. Neves e sua exma. espôsa, sra. Alda Santos Neves.



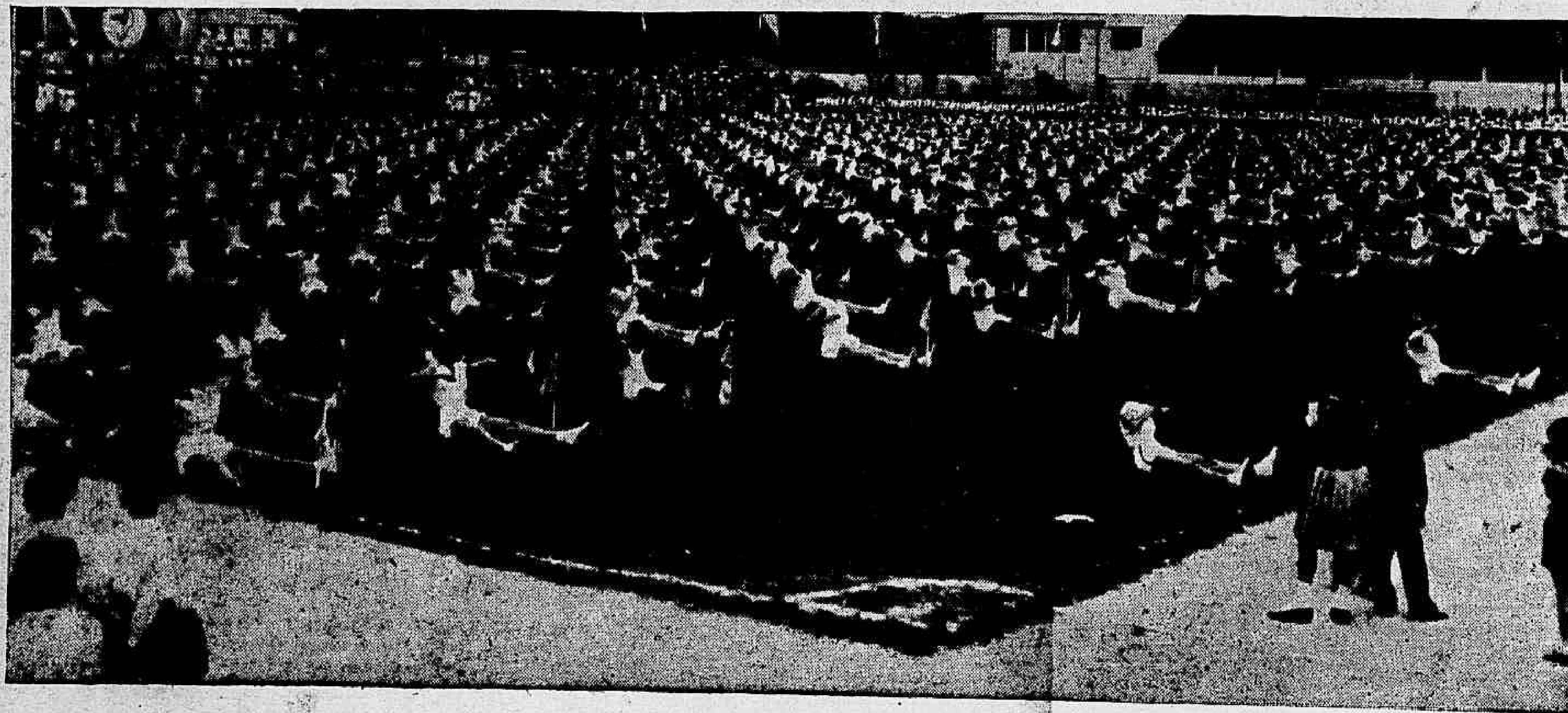
A senhorita Andréa Avidos foi eleita «Miss Vitória de 1951». Na sua expressão de graça e beleza tão bem simboliza a cidade sempre jovem e linda. Autêntica representante das encantadoras vitorienses.



O fogo simbólico conduzido pela sta. Aliete Ferreira na cerimônia de abertura dos jogos escolares.



Robustez, graça, beleza, uma festa para os olhos, as demonstrações de cultura física apresentadas.



As demonstrações de educação física realizadas durante a abertura dos jogos escolares, comemorativos do IV Centenário de Vitória, constituiram um espetáculo de harmonia e beleza incomparáveis, exibindo o alto nível educacional agora ostentado pela mocidade espiritosantense. Um dos números mais belos do programa.



Duas alunas da Escola de Educação Física do Espírito Santo, na exibição de graciosos números.



A infância e a juventude capixaba desfilaram pelas ruas de Vitória numa maravilhosa parada que fêz vibrar intensamente quantos a assistiram. A mocidade deu mostras de grande apuro técnico e disciplinar.



O dr. Nuno Santos Neves, secretário do Interior do Espírito Santo, e o dr. José Ribeiro Martins, prefeito de Vitória, ao lado da senhorita Andréa Avidos, na noite da coroação de «Miss Vitória de 1951».

dendo, com carinhoso afeto, ao gesto fidalgo. E o baile de gala realizado nos salões do Palácio do Govêrno, suprema nota de distinção, elegância e bom gôsto.

O desfile da mocidade escolar e a abertura dos Jogos escolares, com as grandiosas demonstrações de cultura física, foram outros tantos números que ficaram indeléveis na memória dos que os assistiram. E o variado programa desenrolou-se, dia após dia, seqüência interminável de magníficas festas, culturais, artísticas, recreativas, de inaugurações de obras públicas, como a moderna rodovia Vitória a Vila Velha, de monumentos, como o que foi erguido ao pracinha capixaba, de abertura da Exposição do IV Centenário de Vitória e da II Exposição Estadual de Animais, a tudo isto sempre presente o entusiasmo da alma popular, que tão bem compreendeu sua alta significação.

Vitória, a cidade quatro vêzes secular, sempre jovem e encantadora, recebeu forasteiros aos milhares, acolhendo-os, alegre e feliz, com a sua proverbial fidalguia. Encheram-se as ruas e mal se podia locomover nos dias de mais intenso borborinho. Havia em cada canto um ornamento, uma frase, um dístico alusivo à passagem histórica, em cada fisionomia um sorriso, em cada gesto um aceno amigo. E' assaz difícil descrever, em tão curto espaço, essa brilhantíssima sucessão de festas e cerimônias. Fica o registro a dever uma larga margem de referências, que seria grato enumerar.

Vitória entrou no quinto século de sua vida sob as palmas e emoção dos seus filhos, e sob os aplausos dos que foram vêr de perto, na sua maior data, uma das mais velhas e mais bonitas cidades do Brasil.

Na foto à direita — O garboso pelotão das bandeiras, da Escola de Educação Física do Espírito Santo.



MAS... EXISTIRÁ O DESTINO?

Conto de CESARE LANARI

ERA também um espírito livre e sentimental, mentalidade as vêzes demais realista, pagã e chocante. Por que permanecia longamente imóvel a observar o vaivém das ondas ou a contar "estrêlas" no céu? Teria talvez 20 anos, tinha um caso de amor e vivia de esperanças como todos os jovens... sòmente discordava em um ponto porque não acreditava no Destino.

— Absurdo, dizia a Leony, seria limitar a liberdade de ação, restringiria o direito humano e escravizaria o homem à fatalidade.

— Não se escapa ao destino, podemos modificá-lo ou mesmo atenuar e adiar os acontecimentos, mas um dia acontecerá o que já está determinado; é inútil deixar-se iludir...

— Iludir-me? Nunca procuro convencer ninguém ao meu ponto de vista, respondeu ironizando, mesmo porque respeito a opinião alheia.

— Exato! tudo depende de nós mesmos, isto é da interpretação de cada um, de sabedoria de viver. Sòmente com as palavras de Goethe poderia eu explicar bem a significação de Destino: AFINIDADE ELETIVA! E' a destruição e criação, dissociação e nova formação.

Ela fitava-o agudamente procurando compreender bem o pensamento dêle.

— E' natural esta sua expressão de incredulidade, mas também o que é absurdo transforma-se em realidade.

— Bem, agora poderei ser acusada de ceticismo se acrescentar que é já um exagêro o que diz?

Leony não gostou do comentário e sentindo ferido o seu orgulho refletiu.

— Não posso provar nada agora porque me faltam argumentos, deixe-me pensar em um absurdo.

— Talvez chegue à conclusão que se trata de um axioma...

As mãos morenas do rapaz apertavam a fronte enrugada.

— Você!

— Eu? Qual é o absurdo?

— Sim, suponhamos que se apaixonasse por mim, isto é naturalmente um absurdo porque está noiva de Marcelo e breve estarão casados. No seu pensamento, quero dizer no seu "eu", o abstrato poder-se-ia transformar em concreto. De que maneira? Rompendo com Marcelo e casando-se comigo.

Mas seria realmente êste o seu destino? Não. E por que?

— Sim, e por que? — Repetiu ela a pergunta como um eco.

— Porque... bem, porque primeiro de tudo deveria amá-la. Mas o que afirmo não é razoável?

Êle estava contente consigo mesmo e sorria com ar misterioso.

— Então, já começa a crer no destino?

— Sim! Você tem razão.

— Como? insistiu êle julgando não ter ouvido bem.

— Disse que concordava com tudo o que você explicou. Agora é melhor despedir-mo-nos porque já está ficando tarde.

Sorriram e apertaram-se as mãos. Leony fechou a cancela sem fazer ruido e pela calçada os seus passos marcavam um ritmo até perderem-se ao longe. Êle pensava em Mildred, já se conheciam ha muito tempo, estavam ambos no ginásio. Depois apresentara-lhe Marcelo, um jovem psiquiatra e se apaixonara. Atravessou o largo parque e parou para observar a cidade iluminada. "A cidade maravilhosa! "Tudo era silêncio em volta dêle, pareceia que naquela noite todo o povo recusava-se a cruzar as ruas, e o jardim sempre tão movimentado e barulhento adotara um ar sacro. A pequena igrejinha, lá em baixo branca e triste também acendera luzes. A brisa acariciou os cabelos de Leoni... se alguém o observasse diria que aquela massa humana imóvel, máscula procurava abraçar, sufocar tôda a cidade a seus pés.

— Acabaria concordando comigo, murmurava êle, não poderia deixar de dar-me razão. Mas por que teria cedido com tanta facilidade? E' estranho que não tenha defendido o seu ponto de vista como é costume. É, deve ter sido a hora e a pressa em mandar-me embora que evitaram mais discussões. Por que razão que iluminaram hoje a cupola daquela igreja? Um, dois, três sinos... não sei por que sinto alegria à melodia dos sinos, parece-me estar em meio a um pandemônio. E' uma bela palavra-pandemônio, repetia-a baixinho pandemônio...

★

— Leony, não se esqueça de enviar-me uns cartões-postais, também quero conhecer aquilo por la e as suas impressões.

— Adeus! Não me esquecerei de vocês, lamento não poder assistir ao casamento, mas podem estar certos que de longe estarei fazendo os meus votos de felicidades.

O avião levantara vôo e agora desaparecia por entre as nuvens. E' estranho que a felicidade possa estar nas nossas mãos e repentinamente evaporar-se por si mesma.

— Estou voando, tentava convencer-se. Apertou com fôrça os olhos e pensou no espaço. Reabriu-os e curvou-se sôbre a pequena janela. Quem sabe se o céu não fica por aqui por perto?

Observou os companheiros de viagem, deveriam ser todos veteranos porque eram insensíveis e pareciam achar perfeitamente natural viver entre as nuvens. Já se haviam acomodado confortavelmente e liam ou fumavam, atrás dêle um ressonava como se estivesse em sua própria cama em terra firme. Uma jovem de cabelos louros voltou-se para êle e sorriu. Leony mergulhou contente na poltrona, menos excitado.

★

Fazia já dez dias que vivia na cidade eterna. O verão atingia o seu auge e o céu sempre azul e limpo coloria a cidade de graça e beleza. Estava hospedado no Grande Hotel porque era central e próximo ao seu escritório.

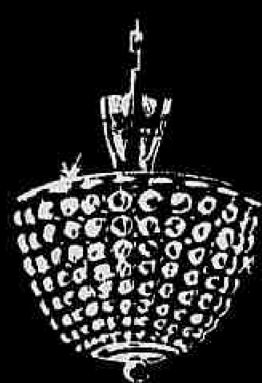
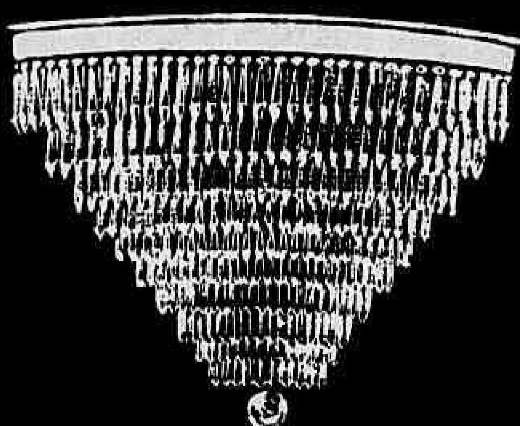
Por acaso encontrara um guia, uma verdadeira enciclopédia viva, ambulante, que conhecia as mais insignificantes datas históricas e poderia dissertar horas a fio com grande entusiasmo sôbre uma pequena pedra do Forum Romano.

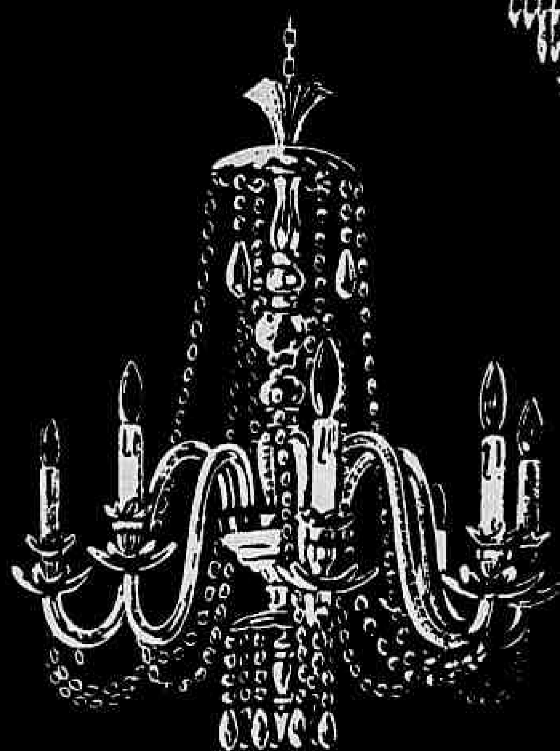
— Vamos conhecer a famosa Capela Sixtina, explicava êle quando transpuseram os enormes muros do Vaticano. Procure fixar a atenção sòmente no quadro ao fundo. E' o juizo Final, a mais grandiosa e bela obra! A voz daquele homemzinho tornara-se mais grave e à simples visão da pintura sôbre a parede, fazia-o vibrar de entusiasmo e emoção. — Observe bem o movimento, a proporção das figuras...

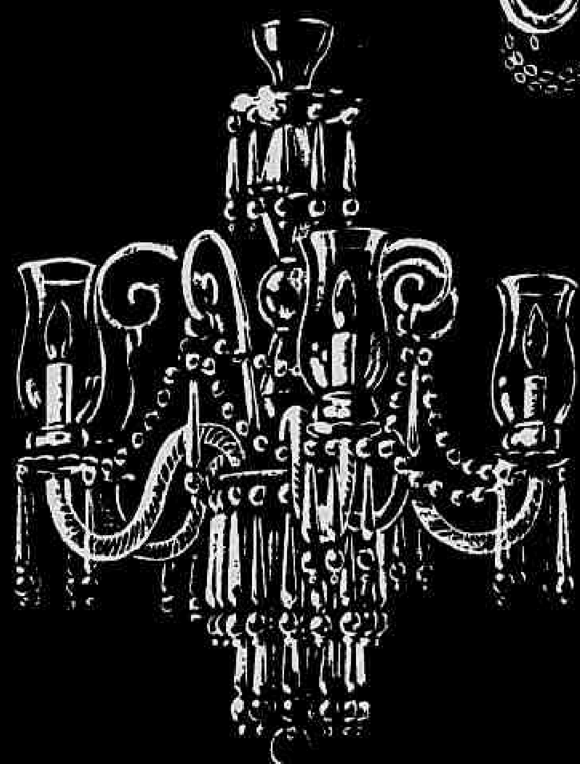
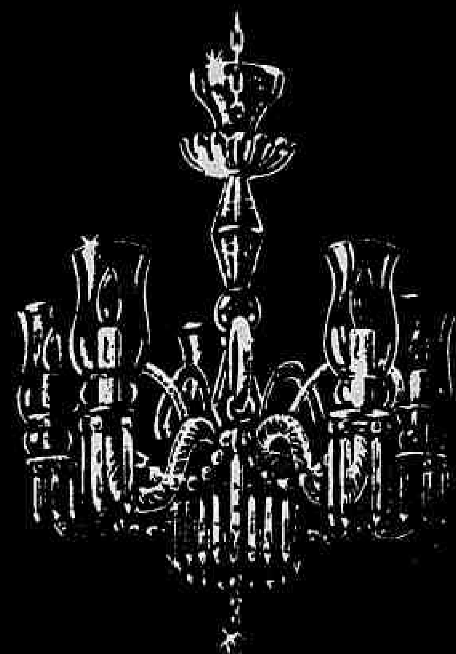
(Cont. no próximo número)



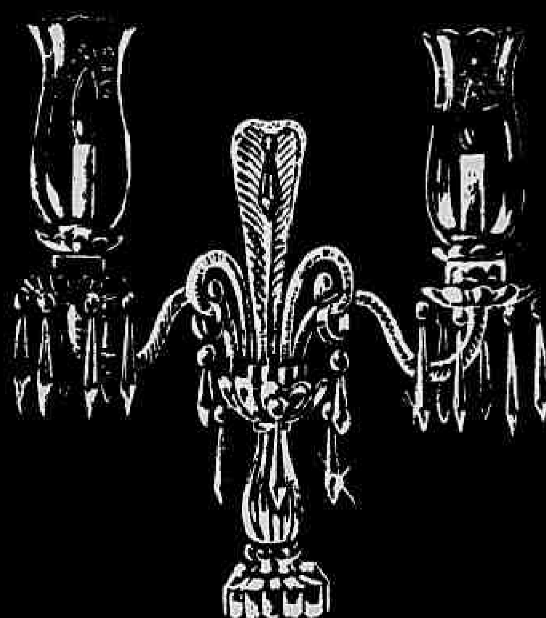
Ilustração
OSWALDO DA CUNHA



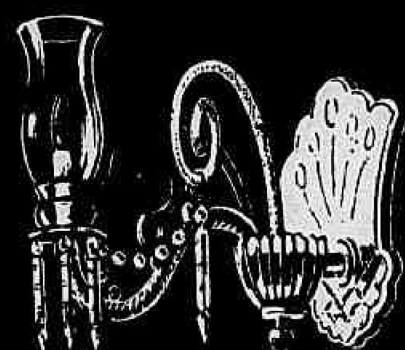
Lustres de Cristal

DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS
ESTRANGEIROS E NACIONAIS

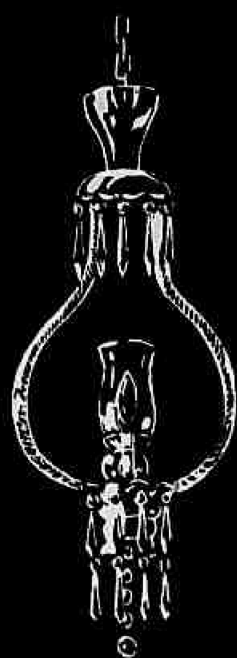
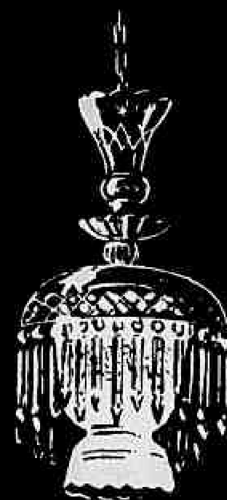
•

MAGNÍFICA VARIEDADE DE
SERVIÇOS DE JANTAR, CHÁ E
CAFÉ, FAQUEIROS E OBJETOS
DE ARTE PARA PRESENTES



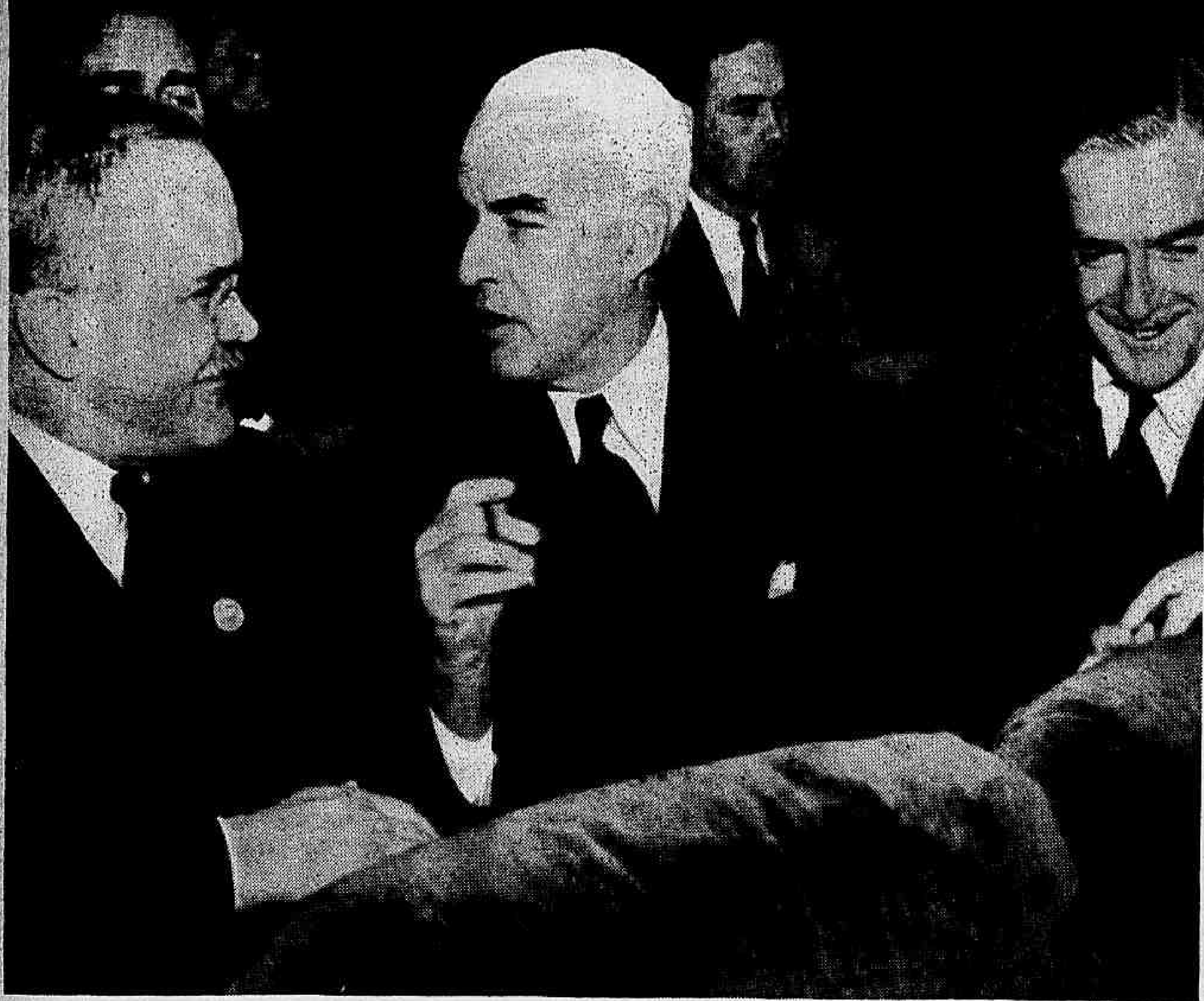
•

RICA EXPOSIÇÃO DE CRISTAIS
E FINÍSSIMAS PORCELANAS

PRINCESA DOS CRISTAIS - CASA CRISTALINO

ASSEMBLÉIA, 90 E 7 DE SETEMBRO, 97   URUGUAIANA, 35/37



Molotov e Stettinius, na Conferência de São Francisco a 5-3-45, quando ainda não havia nenhuma nuvem entre a URSS e EE.UU.

O DIARI

ça tem que ser mútua e não unilateral como fizeram certas nações que propuseram exercer domínio sôbre determinadas áreas do globo em nome das Nações Unidas. Sou, portanto, de opinião que poderemos ser os depositários da bomba atômica junto às Nações Unidas, com o compromisso de limitarmos a sua fabricação, quanto ao emprêgo da mesma nas missões que as Nações Unidas designarem."

O Presidente não anunciou decisão alguma, mas é claro que a tal conferência foi a base para a política que está sendo hoje adotada.

Sôbre um outro problema que tomou vulto com o correr dos anos, havia apenas disposições prévias.

RELAÇÕES COM O EXTREMO ORIENTE

28 DE SETEMBRO DE 1945

"ALMOCEI hoje com o Embaixador Patrik J. Hurley, que acaba de chegar da China... Fala-me a respeito da conversa que teve com Stalin, em abril. Hurley, de volta para o o seu pôsto em Chungking, passou por Moscou e teve uma entrevista com o ditador russo a respeito da atitude da Rússia para com a China. Stalin disse-lhe o seguinte: — 1) que os comunistas chineses não são comunistas no sentido exatamente russo da palavra; 2) que a Rússia deseja um govêrno forte para a China e via na pessoa de Chiang Kai-Shek o homem que parece designado para tal cargo e que está disposto a apoiá-lo; 3) que a Rússia não deseja nem revolução nem anarquia na China e que os seus próprios problemas na Ásia são demasiadamente complexos e difíceis para se desejar o contrário.

O Embaixador disse também que muitos funcionários do quadro do pessoal do Departamento do Estado... além de não o ajudarem, eram para êle verdadeiros entraves e que muitos correspondentes americanos... tinham tendências comunistas, como tantos outros funcionários da Secretaria do Estado, os quais, frisou o Embaixador, "não têm o mínimo senso de responsabilidade para com o país, a não ser para receberem os ordenados".

DESMOBILIZAÇÃO EM WASHINGTON

OS grandes problemas latentes da situação chinesa eram enormes, mas, o povo americano encontrava-se, no momento, empenhado em se aliviar do seu poderio militar. Para Forrestal, o país, segundo carta escrita a um amigo, estava "em vertiginosa carreira para a paz e isso, para o meu ponto de vista, é a melhor prova de uma terceira guerra mundial". A um outro amigo êle observou que "todos estão se retirando" de Washington e quando chegar o inverno, êle enfrentará "um enorme êxodo" formado pelos "advogados, contadores, oficiais administrativos, etc.", que foram, evidentemente, colaboradores competentes durante o esfôrço bélico". Numa reunião realizada em outubro, cujas notas foram tomadas por um dos assistentes, Forrestal lançou um protesto:

REUNIÃO DAS SECRETARIAS DO ESTADO, DA GUERRA E DA MARINHA

16 DE OUTUBRO DE 1945

FICOU estabelecido... que não era aconselhável ao país continuar com a desmobilização acelerada das fôrças armadas.

Forrestal fêz sentir que a situação era tão grave que, na sua opinião, o Presidente devia informar o povo sôbre os detalhes referentes aos russos e ao mesmo tempo mostrar-lhe a atitude tomada pela Rússia durante as negociações. Byrnes vacilou um pouco neste ponto, declarando que tinha dúvidas a respeito da atitude a ser tomada, pois seria motivo para os russos protestarem, alegando que a nossa provocação justificava os seus atos.

Os que estavam a par da questão não duvidavam

"A CORRIDA PARA A PAZ"

COM a terminação da guerra, era evidente que o fluxo de desmobilização fôsse intensificado em poucos meses e assim, a maior potência mecânica militar viu-se, ràpidamente, bem reduzida.

GABINETE

17 DE AGÔSTO DE 1945

HOUVE uma reunião para se tratar do assunto referente à continuação do serviço de recrutamento. O ponto a ser discutido era que os membros do gabinete, experimentados na política, tinham plena certeza de que o Congresso faria forte oposição a qualquer idéia de prorrogação e, qualquer atitude do Presidente, nesse sentido, seria em vão, já estando êle também informado a respeito...

7 DE SETEMBRO DE 1945

...Leo Crowley, na ocasião Administrador Econômico Estrangeiro, disse que acabava de chegar do Middle West e vinha convicto de que o país inteiro "fará forte oposição a qualquer treinamento militar no mundo, pois, como todos sabemos, tomamos parte numa guerra para acabar com a guerra; estamos de posse da bomba atômica, tivemos a conferência de S. Francisco e várias outras afirmações de fé para que uma organização pudesse lançar os fundamentos de um mundo pacífico e o treinamento militar universal nos leva a crer que não temos fé alguma no trabalho que fizemos. A essas palavras o secretário Stimson fêz uma réplica eloqüente, cuja substância diz que o único meio que temos para convencer as nações de que **fomos** sinceros no impedimento de uma nova guerra é mostrar-lhes que assumimos a responsabilidade com grande convicção. Apoiei o ponto de vista do Secretário da Guerra e fiz notar que a história nos revela que novas armas sempre ocasionaram medidas contrárias, a começar pelo que fizeram os romanos, quando contra-atacando os elefantes de Aníbal. O Presidente relembrou Alexandre no seu **tank** primitivo. Crowley continuou firme no seu ponto de vista e declarou que qualquer que fôsse a nossa opinião, essa pouco adiantaria, porque a nação estava firme no seu propósito.

PARTICIPAÇÃO NAS INFORMAÇÕES ATÔMICAS

É bem provável que até então não se tivesse compreendido a importância que a bomba atômica causara no problema da política militar do após-guerra, embora todos estivessem cônscios da importância do assunto. A reunião do gabinete no dia 21 de setembro "ocupou-se exclusivamente da bomba atômica" e foi fundamental na orientação da política americana no que diz respeito ao átomo.

A questão foi apresentada mostrando qual seria "a política do govêrno dando informações eficazes a outras nações". Começando pelo Sr. Stimson, o Presidente correu tôda a mesa. Segundo as notas de Forrestal, o Secretário do Comércio, Henry Wallace, estava "interessadíssimo e cordialmente disposto a entregar a bomba aos russos..." Comentou-se que "...as cogitações russas na China, na Coréia e na Mongólia ainda não se encontram bem definidas e, portanto, não inspiram confiança". Wallace disse que a causa do descontentamento enrte chineses e monmongóis é que os primeiros são essencialmente lavradores e os outros pecuários. A ciência não pode ser limitada, o conhecimento científico tende a se espalhar pelo mundo, e salientou que os russos são orientais. Acrescentou que a Mongólia tem um ponto de vista ocidental em contraste com o dos chineses. Se deixarmos de lhes dar os nossos conhecimentos, estamos concorrendo para a formação de um povo amargurado e mal humorado. Nenhum dos presentes apoiou o que acabara de ouvir.

A opinião de quase todos que ali se encontravam era favorável às palavras de Forrestal fazendo ver que a bomba e a capacidade para a sua fabricação eram "propriedade do povo americano", da qual o govêrno não podia dispor, sem primeiro ter a certeza de que o povo lhe desse permissão para isso. Recordou aos presentes que na primeira guerra mundial os japonêses foram nossos aliados, como os russos agora; que mais tarde fizemos com êles tratados navais que obedecemos, enquanto que os japonêses não os cumpriram e que "os russos, justamente como os nipônicos são essencialmente orientais na maneira de pensar e até que tenhamos provas suficientes de experiência com êles, quanto ao cumprimento de acordos... parece-me duvidoso que consigamos captar a sua sinceridade e simpatia. Temos a experiência do caso com Hitler. Não há reciprocidade quando se quer viver em paz". E disse ainda: — "a confian-

O DE JAMES FORRESTAL

ACABANDO COM O SERVIÇO DE RECRUTAMENTO, WALLACE QUER DAR A BOMBA ATÔMICA À RÚSSIA ★ STALIN DIZ A PAT HURLEY QUE PRESTARÁ AUXÍLIO A CHIANG KAI-SHEK ★ COMO FOI TOMADA A DECISÃO PARA FORÇAR O GENERALÍSSIMO CHINÊS A ACEITAR OS VERMELHOS ★ A RENÚNCIA DE HURLEY E COMO SE DEU A NOMEAÇÃO DE MARSHALL

Tradução de OCTAVIO A. DE AZEVEDO

(Exclusividade para o Brasil adquirida pela REVISTA DA SEMANA — Interditada a reprodução no todo ou em parte)

da gravidade da expectativa mundial. Nos primeiros dias de novembro, McCloy regressava de uma viagem de inspeção à volta do mundo e vinha desanimado.

O SECRETÁRIO McCLOY

5 DE NOVEMBRO DE 1945

O Secretário-adjunto da Guerra, McCloy, chegou hoje do Japão, finalizando, assim, a viagem que fêz à volta do mundo e disse que por tôda a parte por onde andou, só conseguiu três impressões. 1) Os problemas do após-guerra são universais, isto é, significam — anarquia, incerteza, desnutrição, desemprêgo, etc., existem na Europa e no Oriente Médio e multiplicados em tôda a Ásia. Os deslocamentos econômicos são profundos e incalculáveis; 2) a honrosa posição e prestígio que os Estados Unidos desfrutam são a flama da esperança em todo o universo, mas tudo dependendo de nós como libertadores de todos os males que atacam o mundo. Isso não deixa de ser uma dádiva, mas as decepções e enganos que nos aguardam no fim do próximo inverno, estarão na mesma proporção da confiança que agora em nós depositam; 3) o receio que o mundo tem do colosso russo, seja pelo seu tamanho e pelos seus efeitos comparáveis aos das nuvens de gafanhotos, quando se trata de ocupação onde quer que seja...

O PANTANAL CHINÊS

AS dificuldades crescentes que estamos tendo com o império soviético já não são mais novidades para o mundo, porém, nas últimas semanas do ano de 1945, Washington teve sua atenção novamente voltada para as mesmas dificuldades que já começam a refletir nos intrincados problemas do Extremo Oriente, e principalmente na China que, por si só, já é um dilema.

REUNIÃO DAS SECRETARIAS DE ESTADO, DA GUERRA E DA MARINHA

20 DE NOVEMBRO DE 1945

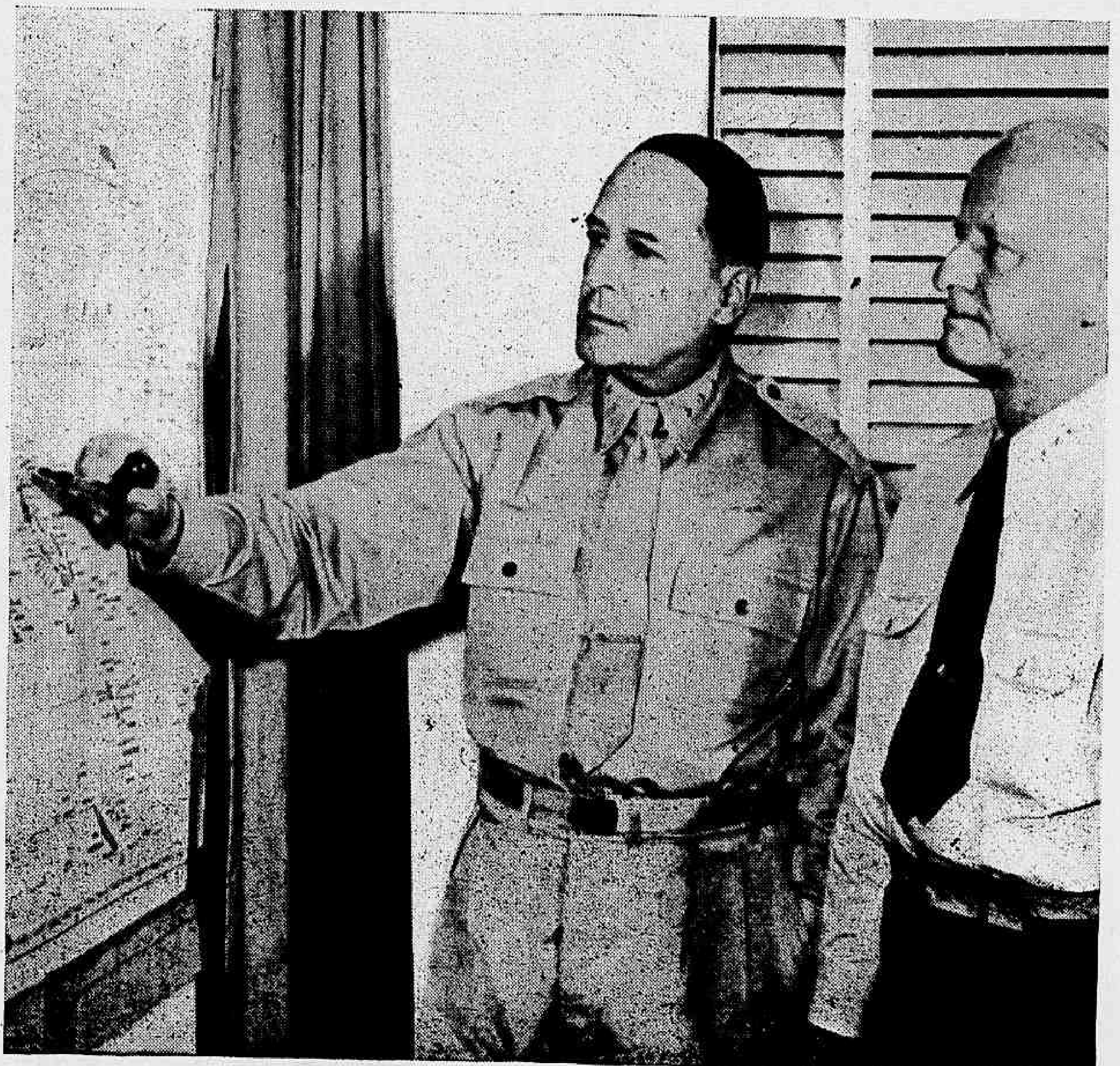
NA reunião que tive hoje com Byrnes e Patterson foi localizada a nossa política futura na China e na Mongólia. O tenente-general Albert C. Wedemeyer, então comandante das fôrças dos Estados Unidos na China, pediu instruções, estando no momento encarregado de conservar tropas naquele país para o desarmamento dos japonêses e providenciar sôbre o regresso das suas tropas à pátria, quando julgar que as fôrças do govêrno nacionalista chinês já poderão agir por conta própria. No cabograma de sexta-feira passada o general deixou aos cuidados do govêrno de Washington, a decisão do caso. O cabograma que lhe foi hoje enviado, diz claramente que nós esperamos que êle nos faça uma recomendação quanto ao segundo parágrafo, isto é, se as tropas do govêrno nacionalista chinês têm capacidade bastante para continuar o **desarmamento e a repartição dos japonêses que se encontram na Mandchúria.**

A ânsia em tôrno da volta dos americanos que se encontram na China é enorme, principalmente com relação aos fuzileiros navais. Se isso acontecer, concorreremos para o cáos e a anarquia na Mandchúria e os japonêses ou mesmo os russos se aproveitarão da situação caótica. No momento, a probabilidade tende mais para os russos. Sôbre o assunto conversei com o Almirante Mitscher, no domingo, e êle me disse que, em qualquer guerra futura, contra uma aliança da Rússia com as nações asiáticas, o nosso país terá que enfrentar um problema seríssimo, em conseqüência da elevadíssima percentagem de material humano que será empregado pelas aliadas asiáticas e a pouca importância que as mesmas darão ao número de baixas que terão de suportar.

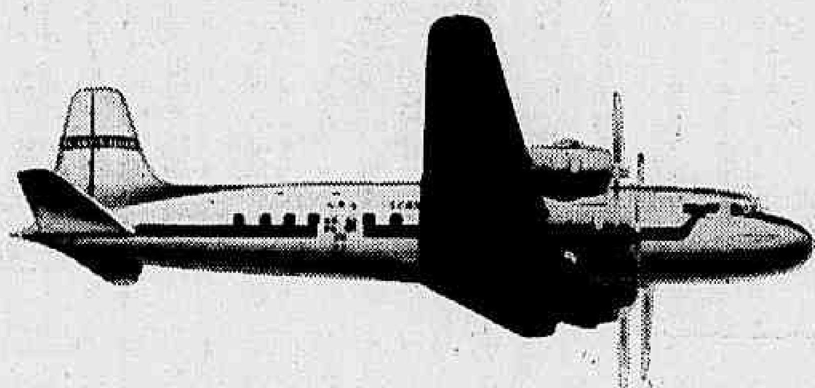
EVITANDO A "INTERFERÊNCIA IMPERIALISTA"

O problema tornou-se complicado por causa de um fator que insistia em desvirtuar a verdadeira política. Na resposta que demos ao cabograma de Wedemeyer, cuja cópia está anexa a o"diário", ficou esclarecido que, enquanto o Departamento do Estado deseja auxiliar os nacionalistas sob o comando de Chiang Kai-Shek, na expulsão dos japonêses da China, ao mesmo tempo "não deseja dar mão forte diretamente ao govêrno nacional na campanha contra os comunistas". Os exércitos comunistas chineses, sob o comando de Mao Tse-Tung, encontravam-se naquela ocasião mal organizados e mal equipados, melhorando mais tarde. O Departamento do Estado, impressionado com o atraso, com a corrupção e com a impopularidade dos nacionalistas chefiados por Chiang Kai-Shek, reconheceu que os comunistas de Mao representavam um movimento popular importante e que os Estados Unidos não poderiam dar-lhes combate abertamente, sem serem acusados de "interferência imperialista" e queria equidistanciar-se da luta entre Chiang Kai-Shek e Mao. Êste telegrama reconhecia perfeitamente a dificuldade, quer com relação ao auxílio a Chiang, na expulsão dos japonêses, que "redundaria numa espécie de ajuda colateral ou prestígio favorável ao govêrno nacional em face dos comunistas" ou até mesmo quanto a "retirada" das tropas americanas que "poderá significar pura astúcia de uma política que vínhamos mantendo há muito tempo com a esperança da unificação da China e da Mandchúria sob o comando das tropas naciona-

(Cont. na pág. 52)



MacArthur e o Almirante Nimitz, estudam a guerra no Pacífico em 1945, depois da espetacular virada em favor dos EE.UU.





Nice

Visite Nice

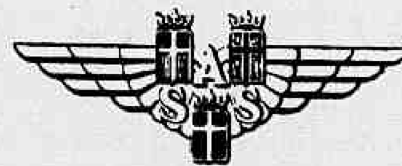
voando pela

SAS

Eis uma oportunidade realmente interessante para o sr. realizar a sua viagem a Nice ou a qualquer cidade da Europa!

Durante uma temporada especial, oferecemos uma redução adicional de 20% sobre os preços das passagens de ida e volta. Reuna agora o util ao agradavel, viajando com o conforto tradicional dos luxuosos DC-6 da S.A.S. e... *pagando muito menos pela sua passagem.*

CONSULTE-NOS SEM QUALQUER COMPROMISSO.



SCANDINAVIAN AIRLINES SYSTEM

(Linhas Aereas Escandinavas)

Av. Rio Branco, 277 - loja 1BD - Tels. 32-6710 e 32-7320

Agencias em Recife - Salvador - São Paulo - Porto Alegre

Passagens tambem à venda nas Agencias de Turismo e nas Companhias Nacionais de Navegação Aerea.



A ITÁLIA VIVE EM SÃO PAULO

NEM SÓ DE SPAGHETTI E TALHARINI se alimentam os nossos amigos italianos: êles adoram o peixe e não o dispensam ao almôço ou ao jantar. Por isso, o mercado dessa especialidade é um dos preferidos do imigrante que traz no sangue o cheiro das longínquas praias, onde seus pais e avós se ocupavam da indústria da pesca. E o peixe é do melhor!

NO CORAÇÃO DO BRAZ

FORAM OS ITALIANOS QUE CONSTRUIRAM SÃO PAULO ★ UM GIRO PELA RUA CAETANO PINTO E SUAS REDONDEZAS ★ MANTÊM OS VELHOS IMIGRANTES OS MESMOS COSTUMES DE HÁ MEIA CENTÚRIA ATRÁS ★ NAPOLI E POLIGNANO AMARE VIVEM N ARUA DO GASÔMETRO ★ VAMOS TOMAR UM "CHIANTI", COMER UMA "PIZZA", OU SABOREAR UM "SPAGHETTI"? ★ E' PRECISO CONHECER DE PERTO AS CANTINAS DO BRAZ ★ MAS O BAIRRO ESTÁ PERDENDO O SEU TRADICIONALISMO

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR — Fotos de DARIO TERINI



O BARÊS MODESTO Scagliosi veio para São Paulo há 37 anos: «Também ajudei a construir esta grande cidade e disso me orgulho

Esta metrópole tonitroante é um verdadeiro caldeirão, que funde raças, une credos, rompe tradições, na ânsia permanente do progresso, que se espraia por todos os seus recantos, tentando vencer, mesmo, o cavalgar veloz do tempo.

Por isso, o forasteiro que desconhece seus hábitos, estranha-a, e, logo após os primeiros passos em suas ruas movimentadas, tem a impressão de estar num país estrangeiro.

Os bares, os cafés, as farmácias, as indústrias, as casas comerciais, os cinemas, etc., têm os nomes mais desencontrados possíveis e os hábitos variam, de bairro para bairro, transportando o visitante, num simples minuto, de um pedaço de Portugal para uma pequena Itália, para um recanto escondido do Japão ou para ruas que nos contam histórias da Arábia longínqua.

O catálogo telefônico mais parece uma mostra internacional de nomes e os tipos com quem cruzamos dizem-nos que estamos na autêntica Babel do Século XX.

Assim é S. Paulo. Todavia, entre essas nacionalidades, entre êsses nomes, entre os povos que aqui plantaram seus quartéis-generais de trabalho, existem alguns que se sobressaíram pela influência exercida na formação da cidade, sob todos os pontos-de-vista. Essa influência fez-se sentir no desenvolvimento da lavoura, da pecuária, do comércio, da indústria, das letras e das artes e na permanência, entre nós, paulistas, de hábitos trazidos para aquém-mar há mais de uma centúria e meia. E, entre êsses povos, nada mais justo do que falarmos do italiano, cuja influência vive na Capital, em todos os campos da atividade humana.

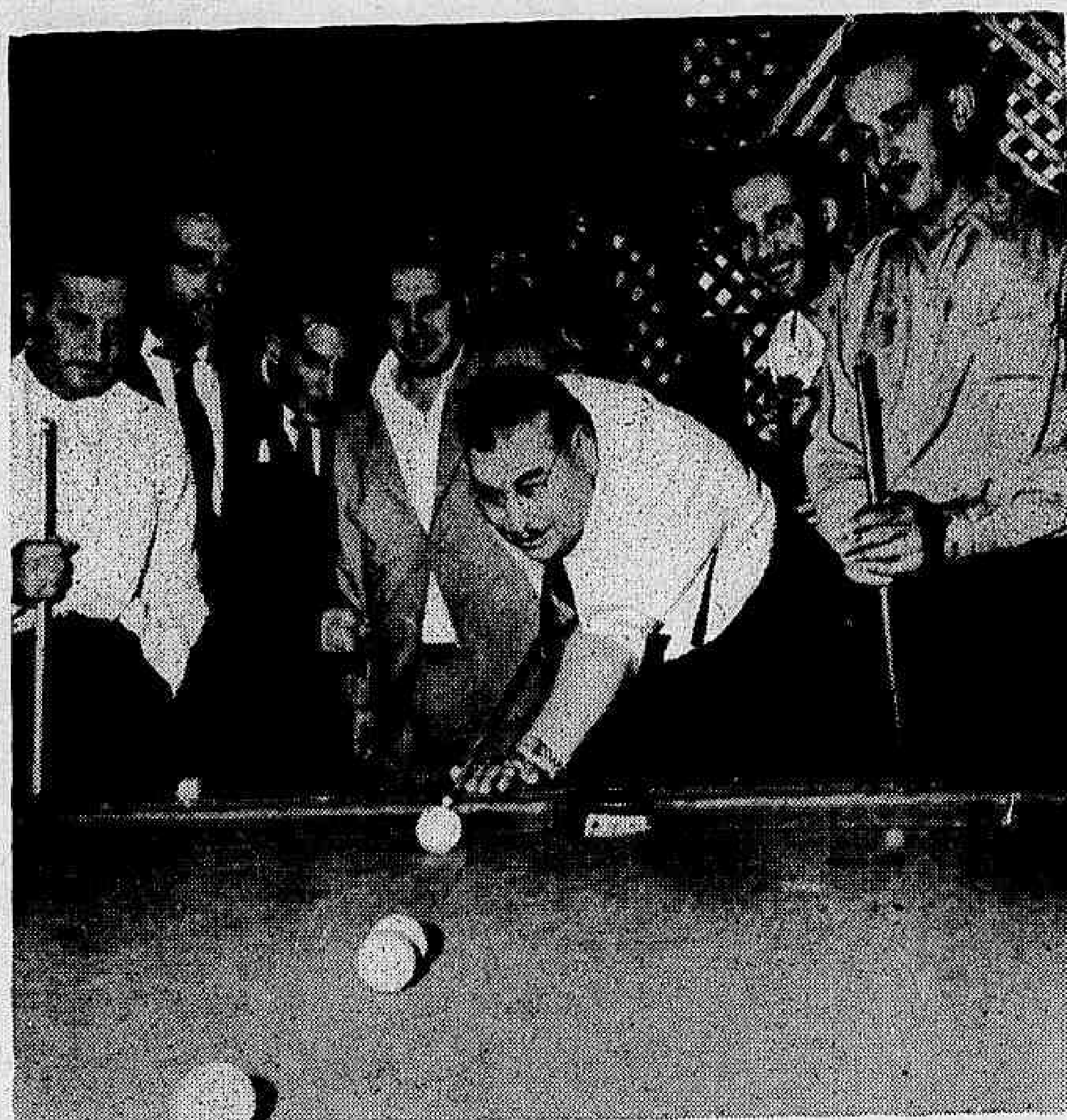
A COLÔNIA QUE MAIS SE FIXOU EM S. PAULO

A imigração italiana, para o Brasil, iniciada em 1827, alcança cifras superiores a dois milhões de almas, das quais 80% permaneceram neste Estado. Foram os italianos os imigrantes que apresentaram o maior índice de fixação em S. Paulo — 54% — seguidos pelos portuguêses, com 48 por cento.

Os italianos, que deixavam atrás de si a saudosa pátria de Da Vinci e Dante Alighieri, encontraram em S. Paulo uma segunda Terra, à qual



JOSÉ TANESE, verdureiro ambulante, ageitou o boné, jogou o cachecól de lado, firmou o cigarro nos lábios: — «Tenho muitos filhos casados aqui e São Paulo é a minha terra!»



NOS DOMINGOS, pela manhã, italianos velhos e seus descendentes reunem-se nos bares do bairro e vão jogar sua partida de sinuca. Outros preferem discutir a situação mundial.

se aclimataram e passaram a amar tanto quanto à sua de origem.

A vinda dêsses imigrantes foi aumentando ràpidamente e, dentro em pouco, formou-se, neste imenso Estado, uma potente colônia, que se distribuiu em todos os ramos da vida de trabalho e que viria influir no desenvolvimento da economia nacional de forma impar na história da imigração internacional.

Trabalhador por excelência, vindo das mais diferentes zonas da Itália, foi o italiano, como verdadeiro Bandeirante, o homem que, invadindo a lavoura, o comércio e a indústria, ajudou a construir as bases da nossa economia.

Vinha diretamente para o interior, de onde, após trabalhar alguns anos, volvia os olhos sedentos de progresso para a moça Capital do Estado, vendo nela o portentoso monumento de trabalho e desenvolvimento econômico que hoje é.

OS ITALIANOS NA CIDADE

Todos os paises, segundo os sociólogos, onde a imigração é acentuada, sofrem o perigo da formação de "quistos raciais". Formam-se



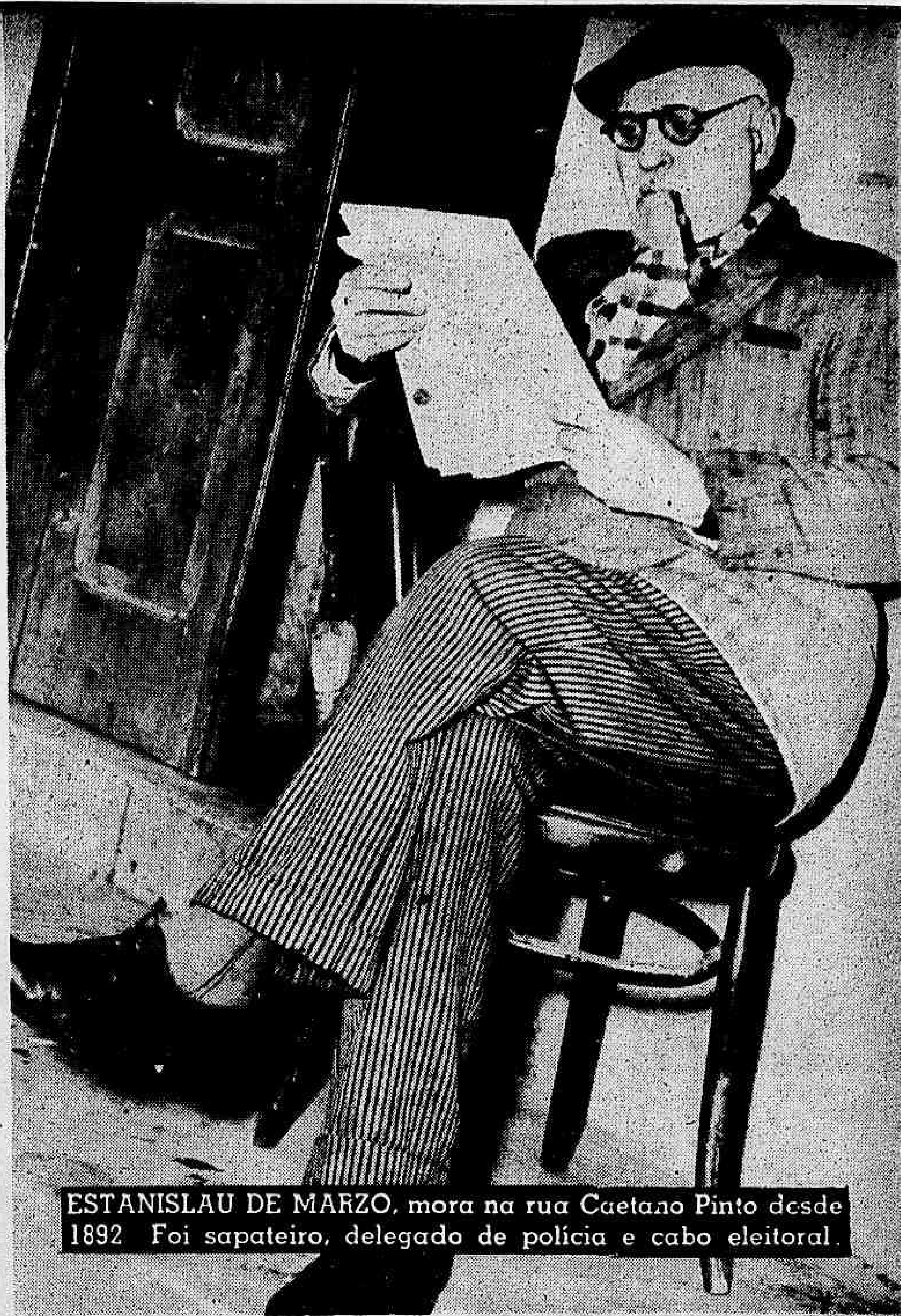
PEDRO BERTAZZÁ, de 41 anos de idade, tem filhos brasileiros e chegou a ser professor primário em escolas do interior paulista. Lecionou em Santa Cruz das Palmeiras, vários anos



O DIALETO que falam é barês; o da direita nasceu no Brasil, mas compreende perfeitamente o que lhe diz o tio: — «Diga ao fotógrafo que vou fazer a barba antes de bater a chapa...»



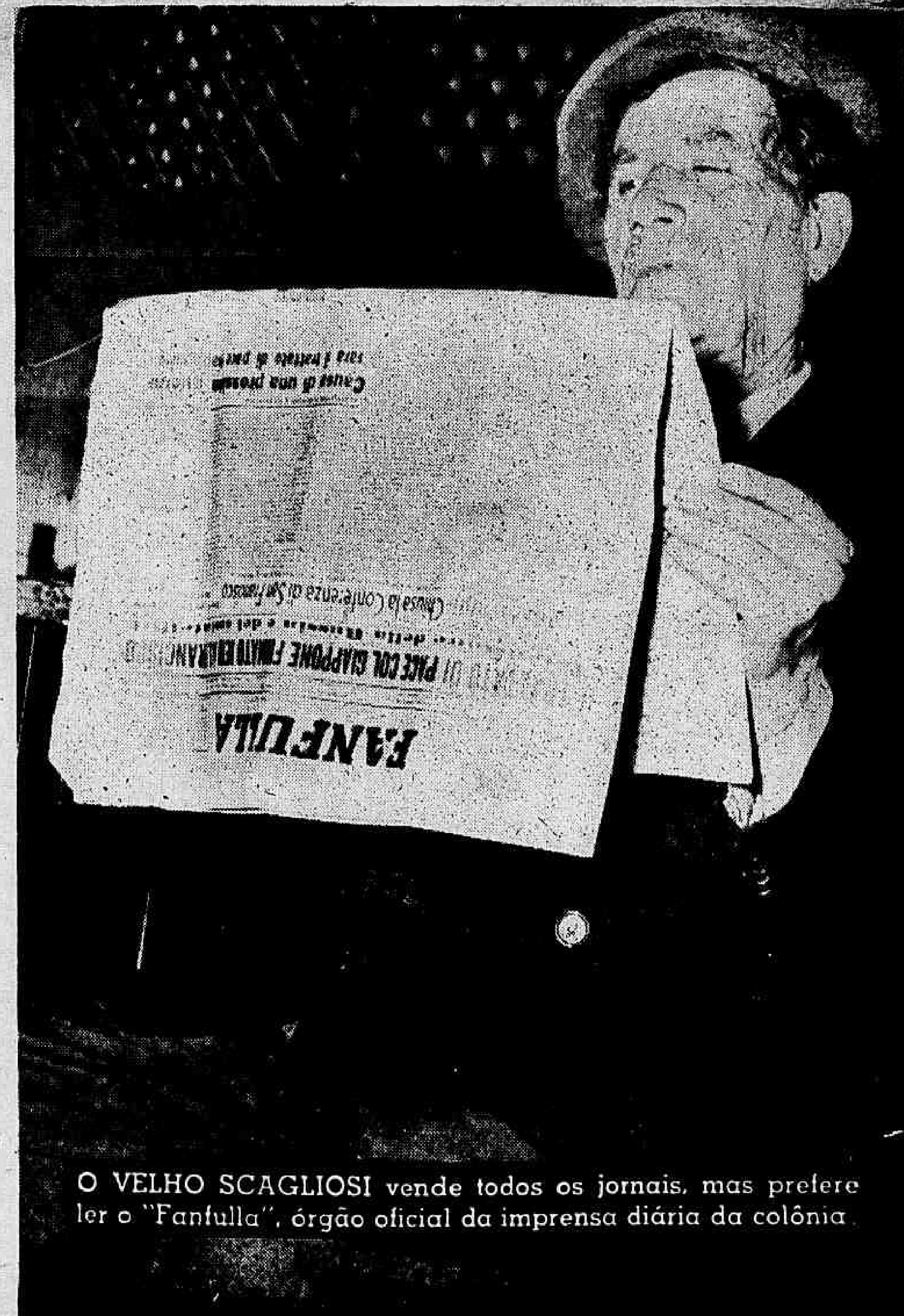
RAFAEL SCARICO fala corretamente o português, mas seu ponto obrigatório é na rua do Gasômetro, no bairo onde mora.



ESTANISLAU DE MARZO, mora na rua Caetano Pinto desde 1892. Foi sapateiro, delegado de polícia e cabo eleitoral.



D. MARIA GRASSIO de Lésio veio de Nápoles há 4 meses, mas não estranhou S. Paulo. O Braz é um pedaço da Itália.



O VELHO SCAGLIOSI vende todos os jornais, mas prefere ler o "Fanfulla", órgão oficial da imprensa diária da colônia.

bairros e até cidades interurbanas de certas nacionalidades que, afora os benefícios que possam trazer para as nações que adotaram como pátria, podem oferecer o perigo do isolamento, construindo verdadeiro "tabu" em tôrno de suas vidas e oferecendo, ao espírito nacional, perigosa sensação de insegurança.

Com o italiano nada disso aconteceu. Desceu para o planalto paulista, abandonando os cafezais, assentou-se na cidade florescente, expandiu-se, integrou-se e formou o maior bairro estrangeiro do Basil que, todavia, não se isolou dos demais habitantes da urbe. Chama-se Braz êsse bairro e, a despeito do progresso célere que envolve a cidade, mantém muito do seu tradicionalismo itálico.

Ali o forasteiro fica admirado, correndo ruas inteiras sem compreender uma só palavra, encantado com o pitoresco da língua e dos hábitos, desconhecendo o significado de muitas coisas, não sabendo ler os "menús" dos restaurantes populares.

E' o Braz o grande berço dos imigrantes italianos. Lá êles se compreendem, se estimam, se amam e ensinam seus filhos e os imigrantes mais novos a respeitar o povo e o País, que tão carinhosamente os acolheram. As conversações de soleira de porta, nos mais variados dialetos, falam da Nápoli longínqua, de Roma, de Polignano Amare, de Torino, mas não esquecem S. Paulo, que êles tanto amam.

O PITORESCO BRAZ

Se você vier a S. Paulo não deixe de guardar alguns dias para percorrer o Braz. Pela manhã, será acordado pela algazarra tão natural dos pequenos ítalo-brasileiros, que partem barulhentamente para as escolas, onde aprendem português, história do Brasil e outras tantas coisas, tagarelando alegremente em italiano. As ruas, mortas até às primeiras horas da madrugada, coalham-se de gente e velhas matronas ou italianinhas de

CABEÇÃO é um popular vendedor de jornais da Praça da Sé. Trabalha bastante durante a semana e, aos domingos, quando a saudade aperta, corre para os bares do Braz, onde palestra com os compatriotas.



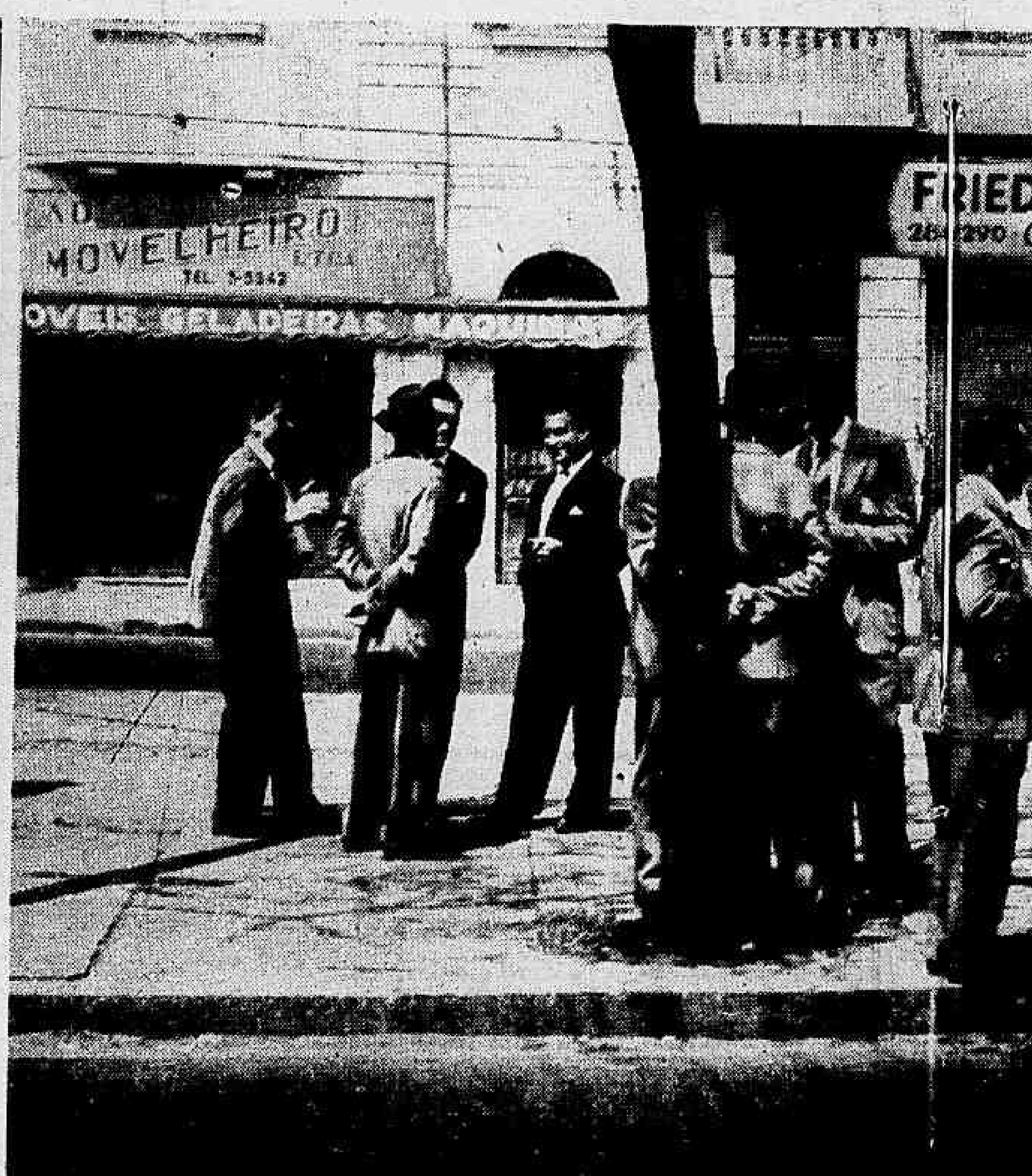
AS ITALIANINHAS são, geralmente, bonitas: bons dentes, saúd... riação maravilhosa de tipos. Trazem nas veias o sangue m...uro ... nas montanhas da Sicília...



MERCADO DE PEIXE, onde os donos das bancas apregoam a mercadoria com vozes possantes em italiano. A maioria é barêsa e, quase todos, procedem da pescadora terra de Polignano Amare. Vendem gritando!



AOS DOMINGOS, reunem-se em grupos separados: os da velha ... novos estudam as possibilidades de vencer: «Esta terra é boa, ... feliz. Na Europa é bem diferente!»



eixe
per-
cor-
dos
par-
las,
do
ga-
As
oras
ente
de

dentes alvos e ancas fortes, aparecem às portas arrastando o lixo da faxina matinal.

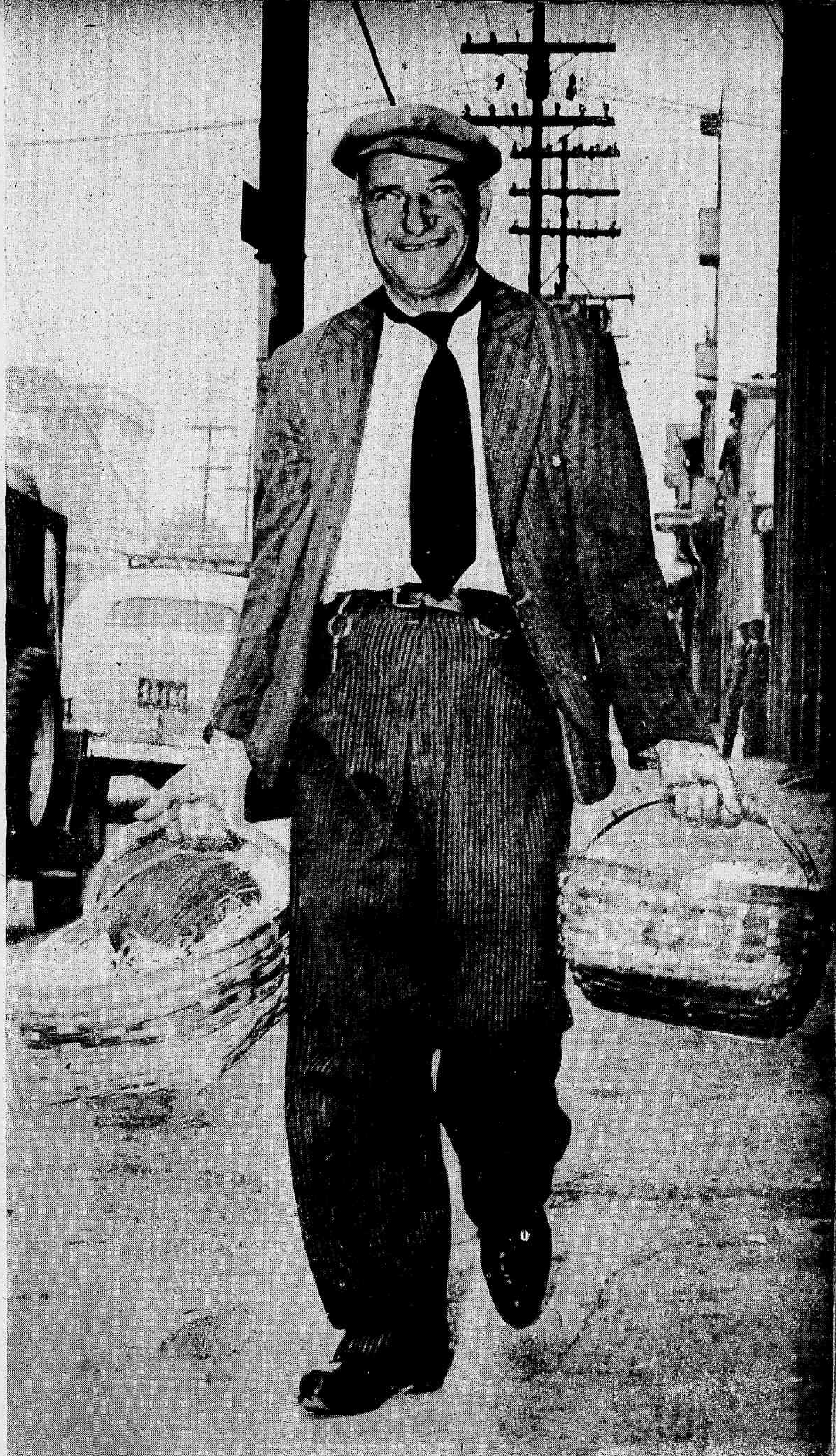
A confusão cresce quando o velho Filippo, verdureiro estimado, passa, apregoando com sua bonita voz de barítono, as alcachofras, as mulignanas, o brócolo, a banana ou o melão. Do outro lado da rua, entoando canções que aprendeu quando criança, lá pelas bandas da pescadora terra di Polignano Amare, o veterano Cosmo vai oferecendo os peixes para o almôço de sexta-feira.

dentes, saúde, sorrisos alegres e uma va-
ngue m uro dos antepassados, que vagavam
da Sicília...



os da velha guarda mátam saudades, os
terra é boa, quem trabalha come e vive
n diferente!»





FRUTEIRO e cantor, êle vende frutas e alegria. E' o popular La Pezza. Chegou ao Brasil em 1923, nunca mais voltou e mata as saudades cantando melodias napolitanas com a sua voz forte. «Oh, a bela Itália, quando lá voltarei!»

NO CORAÇÃO DO BRAZ

E' um mundo novo para o visitante e conhecido por nós. Os padeiros entregam gigantescos "pães italianos", os entregadores dos pastifícios anotam as encomendas de "espaghetti, talharini, lazagna" e outras massas que serão servidas domingo, ao sabor de uma garrafa de bom vinho, adquirido no armazém de Giordano.

O pregão da velha Itália enche os ares. As senhoras de avançada idade, veteranas da imigração, vão surgindo. Caminham mansamente, trajando saias compridas e tendo sôbre a cabeça velhos chales de sua terra. Vão rumo à igreja. Os velhos, com os lábios torcidos pelos cachimbos, envergando impecáveis trajes, também negros, apoiando-se em bengalas de estimação, desfilam rumo aos "pontos de reunião". Chegam outros, com lenços presos aos pescoços e bonés que nos lembram os habitantes do "Quartier Latin", de Paris. Êstes, em sua maioria da baixa Itália, foram os iniciadores da venda do peixe nas ruas. Foram os primeiros cançonetistas que S. Paulo conheceu, dos quais muitos filhos e netos cantam nas emissoras as mesmas canções que êles "vendiam" junto com os peixes.

ÊLES CONSTRUIRAM S. PAULO

E' com êsses velhotes amáveis que você deve conversar, caso saiba italiano ou tenha um bom intérprete. E a palestra seria mais ou menos esta:

— O senhor é italiano?

— Ma si... — responderá o cidadão, lamentando sua ignorância.

— Veio há muito tempo para o Brasil?

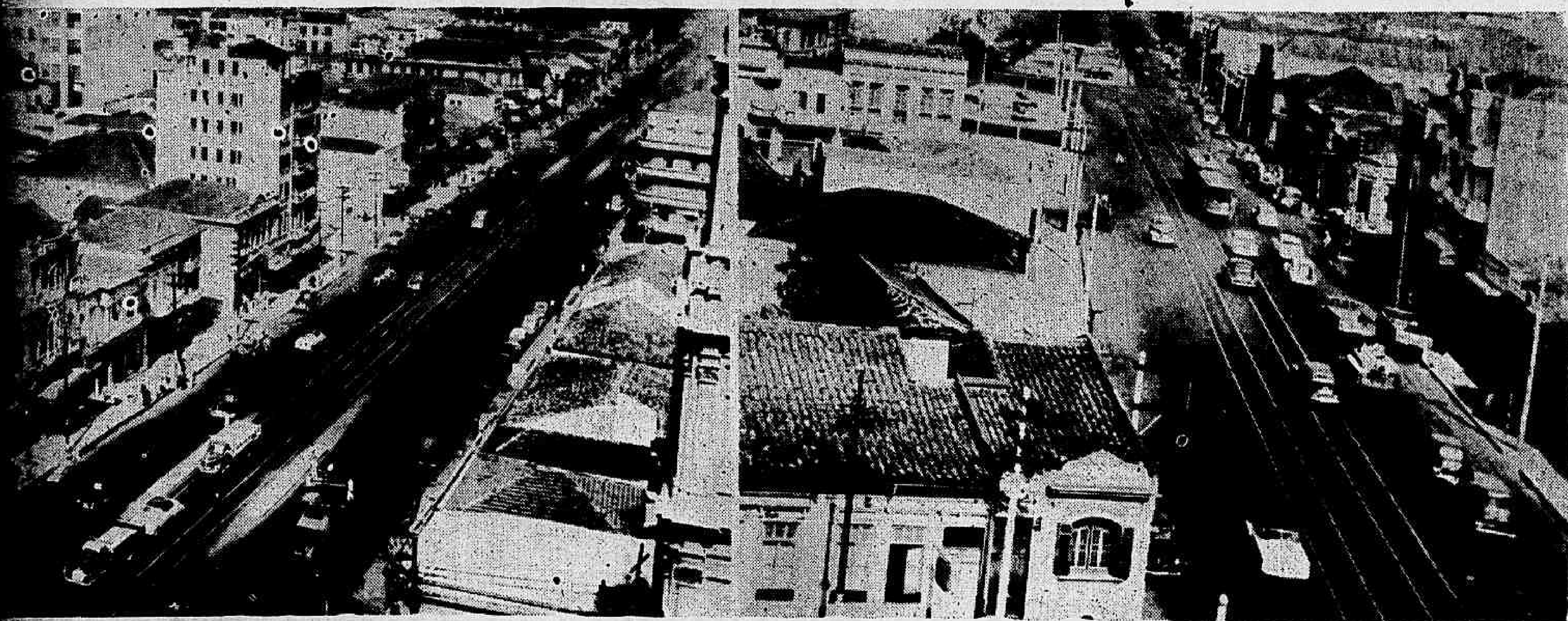
— Si, figliolo mio. Sono 52 ani de Brasile. Molti, molti ani...

— Quando veio? Por quê? Quer voltar?

E o velho irá contando sua história. E' quase igual a de todos. Veio quando moço, pois queria ganhar muito dinheiro. Outros tiveram melhor sorte, mas êle não desanimou. Não fêz fortuna, mas tem cêrca de 40 descendentes. E' rico em sangue e isso, como você deve saber, é importante para os italianos.

Seu nome é Estanislau De Marzo. Chegou ao Brasil em 1891, após ter passado um ano na Argentina. Ini-

A «PELADA» é um espetáculo comum nas ruas do Braz. Os pedestres e os autos param, e os garotos continuam lutando com vontade pela vitória do «esquadrão lider» do futebol de rua. São todos descendentes de imigrantes da Itália.



AVENIDA RANGEL PESTANA, das mais movimentadas artérias da capital, espinha dorsal do Braz. As tabuletas das casas comerciais mostram a origem de seus donos. A Itália está ali.

RUA DO GAZÔMETRO, famosa por suas cantinas e por acolher a maior colônia barêsa do Brasil. Vem gente de outros Estados para conhecer os quitutes da típica cozinha italiana.

ciou sua vida de trabalho como sapateiro e chegou a montar duas pequenas indústrias, das quais nenhuma sobreviveu. Desde 1892 reside na mais tradicional rua da Colônia, a Caetano Pinto. Ali casou, teve filhos, netos e bisnetos.

O curioso da história do velho e cativante De Marzo é que êle foi subdelegado de polícia, sendo mais tarde delegado. Como cabo eleitoral, arregimentava os votos dos ítalo-brasileiros e pertenceu, até 1936, a um partido político, como chefe de um Comité do Braz. E' naturalizado, votou na última eleição e pretende cumprir seu dever cívico na que se aproxima.

E muitos há como êle. Adoram o Brasil, têm saudades da Itália de suas infâncias, mas não sonham voltar. "Tudo que temos está aqui, dizem êles. Nossos filhos, nossos netos, nossos amigos e o mais. Amamos o Brasil, nêle vivemos até agora, ensinamos nossos filhos a respeitá-lo e a amá-lo e nêle morreremos. Construímos S. Paulo e agora queremos ver o que nossos filhos estão fazendo para torná-lo maior."

O TRADICIONALISMO ITALIANO

Como todos os povos do Velho-Continente, a Itália tem belíssimas tradições, muitas das quais vivem, ainda hoje, em S. Paulo. Os imigrantes mantêm, nos dias que correm, os mesmos costumes de seus antecesdentes e os legam aos seus descendentes como patrimônio de família.

E' por isso que a imensidão do Braz é quase uma cidade independente. Lá, as cestas continuam substituindo os carrinhos de frutas, os balaios de peixes substituem os caminhões, as cantinas atulhadas de pipas de vinho, tendo pendurados nos tetos grandes provolones e garrafas de "chianti" substituem o funcionalismo dos restaurantes do centro.

Os velhos, com seus compridos cachimbos, agrupam-se nas calçadas, falando dos tempos idos, quando o bairro era sulcado por inúmeros riachos que foram canalizados, dando lugar a amplas ruas e avenidas.

Nas cantinas, há apenas comidas típicas e cançonetistas alegram os fregueses, que buscam os ambientes tranquilos de Nápoli, o paladar agradável de um vinho velho ou um saboroso "fuzzile". Essa cozinha, que tão

(Cont. na pág. 52)



— «BROCOLO, SIGNORA? Alcachofra?» — E a simpática filha das praias da Sicília faz o sortimento do dia. Na porta, a mocinha grita: — «Giulio, para casa, está na hora da escola!» E Giulio, um paulista de amanhã, abandona a «pelada»...



ESTA É A METRÓPOLE que os italianos ajudaram a construir. A foto da tradicional igreja do Braz, foi batida mostrando parte do populoso bairro. Ao fundo, a cidade-gigante.



TELHADOS DO BRAZ. O progresso está acabando com êles. Sob êsses telhados abrigam-se centenas de famílias italianas, muitas das quais ali residem há meio século, em velhas casas.

Êle pousou a mão sôbre o braço da moça. Ela retira a mão com ligeiro sorriso.

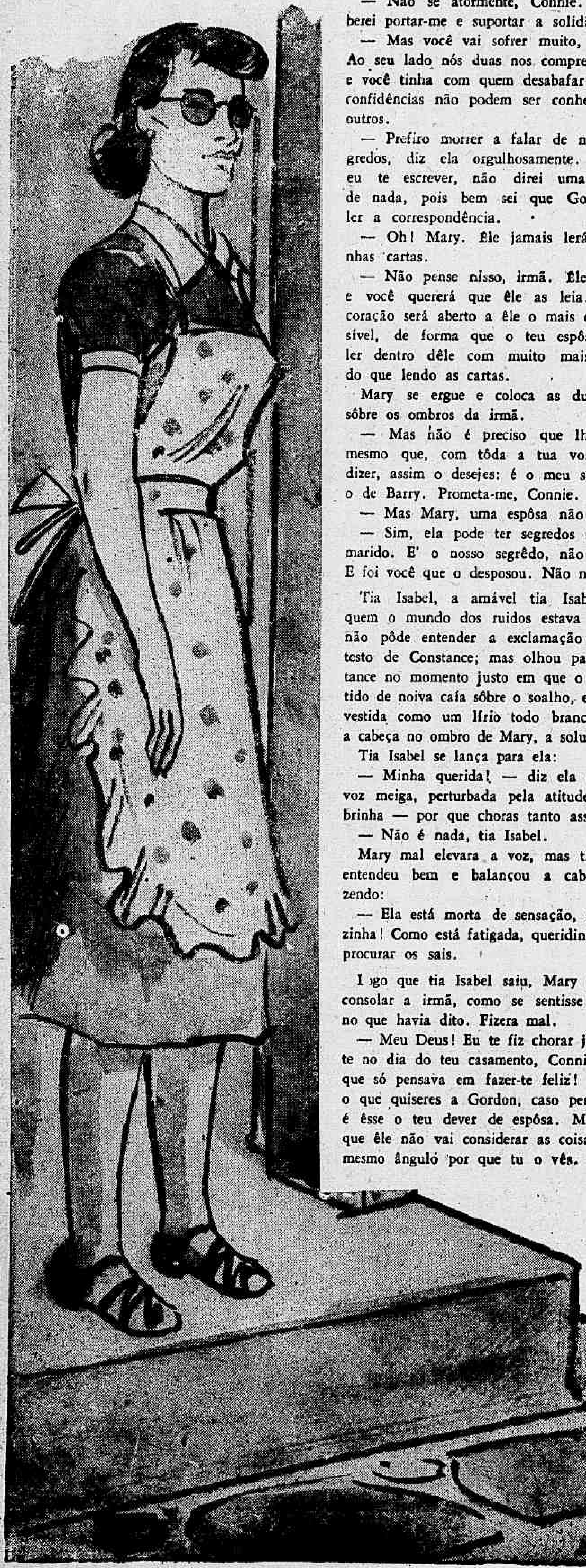
— Nada tem você a ver com isso, Porter! E eu não estou de viagem para Nice!

— Mas foi Leila quem me disse!

Mary ergue a cabeça. Era um dos seus gestos familiares.

— Que importa que lhe tenham dito isso! Eu não irei a Nice!

Uma vez mais as duas irmãs se encontraram nas "Câmaras da Tôrre", juntas pela última vez. Leila foi mandada lá para baixo sob um pretexto qualquer. Tia Frances também ficou lá pelos salões a fim de fazer presenças aos convidados. Apenas tia Isabel teve direito de ficar. Ela bem que podia ser útil, e as coisas que tinha a dizer, talvez não pudessem ser bem compreendidas.



— Minha querida! Minha querida! — A emoção perturba um pouco a voz de Constance. — Sinto-me triste por ter que deixá-la!

Mary, ajoelhada, estava tratando de despregar o vestido da irmã.

— Não se atormente, Connie. Eu saberei portar-me e suportar a solidão.

— Mas você vai sofrer muito, sòzinha! Ao seu lado nós duas nos compreendíamos e você tinha com quem desabafar. Nossas confidências não podem ser conhecidas de outros.

— Prefiro morrer a falar de nossos segredos, diz ela orgulhosamente. Quando eu te escrever, não direi uma palavra de nada, pois bem sei que Gordon irá ler a correspondência.

— Oh! Mary. Êle jamais lerá as minhas cartas.

— Não pense nisso, irmã. Êle as lerá e você quererá que êle as leia. O teu coração será aberto a êle o mais cedo possível, de forma que o teu espôso possa ler dentro dêle com muito mais clareza do que lendo as cartas.

Mary se ergue e coloca as duas mãos sôbre os ombros da irmã.

— Mas não é preciso que lhe digas, mesmo que, com tôda a tua vontade de dizer, assim o desejes: é o meu segrêdo e o de Barry. Prometa-me, Connie.

— Mas Mary, uma espôsa não pode...

— Sim, ela pode ter segredos para seu marido. E' o nosso segrêdo, não o dêle. E foi você que o desposou. Não nós.

Tia Isabel, a amável tia Isabel, para quem o mundo dos ruidos estava fechado, não pôde entender a exclamação de protesto de Constance; mas olhou para Constance no momento justo em que o seu vestido de noiva caía sôbre o soalho, e a noiva vestida como um lírio todo branco, metia a cabeça no ombro de Mary, a soluçar.

Tia Isabel se lança para ela:

— Minha querida! — diz ela com sua voz meiga, perturbada pela atitude da sobrinha — por que choras tanto assim?

— Não é nada, tia Isabel.

Mary mal elevara a voz, mas tia Isabel entendeu bem e balançou a cabeça, dizendo:

— Ela está morta de sensação, a pobrezinha! Como está fatigada, queridinha! Vou procurar os sais.

Logo que tia Isabel saiu, Mary procurou consolar a irmã, como se sentisse remorso no que havia dito. Fizera mal.

— Meu Deus! Eu te fiz chorar justamente no dia do teu casamento, Connie! E eu que só pensava em fazer-te feliz! Oh, diz o que quiseres a Gordon, caso penses que é êsse o teu dever de espôsa. Mas verás que êle não vai considerar as coisas sob o mesmo ângulo por que tu o vês. Êle não terá a mesma generosidade, não encontrará as mesmas desculpas.

— Ora se encontrará!

No semblante de Constance ressurgia tôda a sua felicidade anterior, como um fluxo de segurança em si mesma.

— Êle é o melhor homem da terra, Mary. E como é generoso! Você só fala assim porque ainda não o conhece como eu!

Mary não podia compreender a chama de confiança que brilhava nos olhos azuis de sua irmã.

— Sinto-me feliz em sabê-lo, e será para você muita ventura possuir um maridinho assim. Será a mais venturosa mulher dêste mundo!

Voltou tia Isabel e verificou que já não era mais necessário aspirar os sais aromáticos. Com a ajuda de Mary, a boa titia vestiu Constance com a roupa de viagem, belo vestido verde escuro e cinzento prateado, com echarpe e chapéu guarnecido de zibelina.

— Sem tia Frances, como poderia eu impressionar bem, em Londres, os amigos de Gordon? — Disse Constance. Estou bem assim, Mary?

— Deslumbrante, querida Connie.

Mas foi a voz discreta de tia Isabel que pronunciou a frase difinitiva:

— Ela se parece com o Pássaro Azul da Felecidade!

Ao pé da escada, Gordon esperava sua espôsa. O mais magnífico e o mais resplandecente dos maridos com seus cabelos negros bem penteados e seus ardentes olhos; perto dêle, Porter Bigelow, mais alto apenas uma cabeça, e cabeça com cabelos avermelhados. Quando Mary chegava logo após a irmã Constance, Porter deslisa sua mão sôbre o braço da moça:

Oh! Mary, Mary Rebelle,
Vos chers yeux sont si brillants
Que les etoiles sont moins belles
Parmi les astres scintillants. (1)

Era uma improvisação lírica num suspiro.

— Oh! Mary Ballard, saberá você que eu terei de reunir tôdas as minhas fôrças, para clamar ao universo que Mary, não se vá, que Mary não se vá!

— Não seja idiota!

— Você diz isso, mas você não está pensando no que diz. Você não pode ter um coração tão duro numa noite como esta. Diga-me se eu posso ficar por mais uns cinco ou dez minutos após a partida dos outros!

Já estavam êles ao lado de fora, sob a entrada, e Porter a tinha envolvido num mantô que Mary trouxera consigo.

— Ora! E' claro que você pode ficar aqui; e que seja feliz! Tia Frances também vai ficar, bem como o general Dick. Deve haver um conselho de família na alcova de



tia Frances; mas você poderá estar presente, se quiser.

Susan Jenks, que fizera distribuir, discretamente os saquinhos de confete por diversas pessoas, a um ponto mais alto, espargiu os papèizinhos sôbre a cabeça da recém-casada, embora jogasse também um punhado de arroz, como da tradição. Os papéis coloridos flutuaram no ar como pétalas de rosa, com grande exaltação interior de Susan, que não se cansava de olhar o cortejo nupcial na despedida de Constante. O chapéu azul de Constance se encheu de confete e de grãos de arroz.

Já estavam os casadinhos acomodados na limosine de Gordon e se despediam dos que ficavam, quando um projétil atingiu o carro. Era um sapato jogado com fôrça por Leila, que, conspirando com Barry, decidira protestar contra o "rapto" de Constance por Gordon. Leila não se conformava com a ausência de Constance, para sempre ausente daquela casa. Mas o auto partiu velozmente.

— Bem feito!

Leila ergue a cabeça e vê Barry a sorrir.

A menina corre pela escadaria.

— E era um par novinho!

— Uma chance para o seu aniversário na próxima semana, diz êle. Vai querer côr de rosa?

— Barry!

Leila estava a ponto de explodir. Barry tomou um ar severo.

— Por Deus! Não me olhe assim como se eu fôsse o Grão Mogol! As vêzes fico sem saber se você tem apenas oito anos e não dezoito. E agora, se quer o meu braço, poderá entrar em casa sem magoar os pèzinhos. E agora peço que ouça isto: se eu lhe der sapatinhos côr de rosa, espero que não mais os converta em projéteis, jogando-os pelos ares.

No hall êles encontraram o pai de Leila, o general Wilfred Dick. O general estava casado, depois de longo celibato, com uma mulher ainda muito jovem. Leila muito se parecia com a mãe, por sua radiosa beleza morena e sua doçura reservada. Mas, por vêzes, mostrava o temperamento do general, temperamento êsse que havia permitido ao militar, conduzir-se de maneira cavalheiresca durante a guerra civil, o que lhe valeu um lugar na magistratura. Durante muitos anos fôra amigo íntimo e o conselheiro de Ballard. A pedido de Mary, êle ficara naquela noite para o conselho de família.

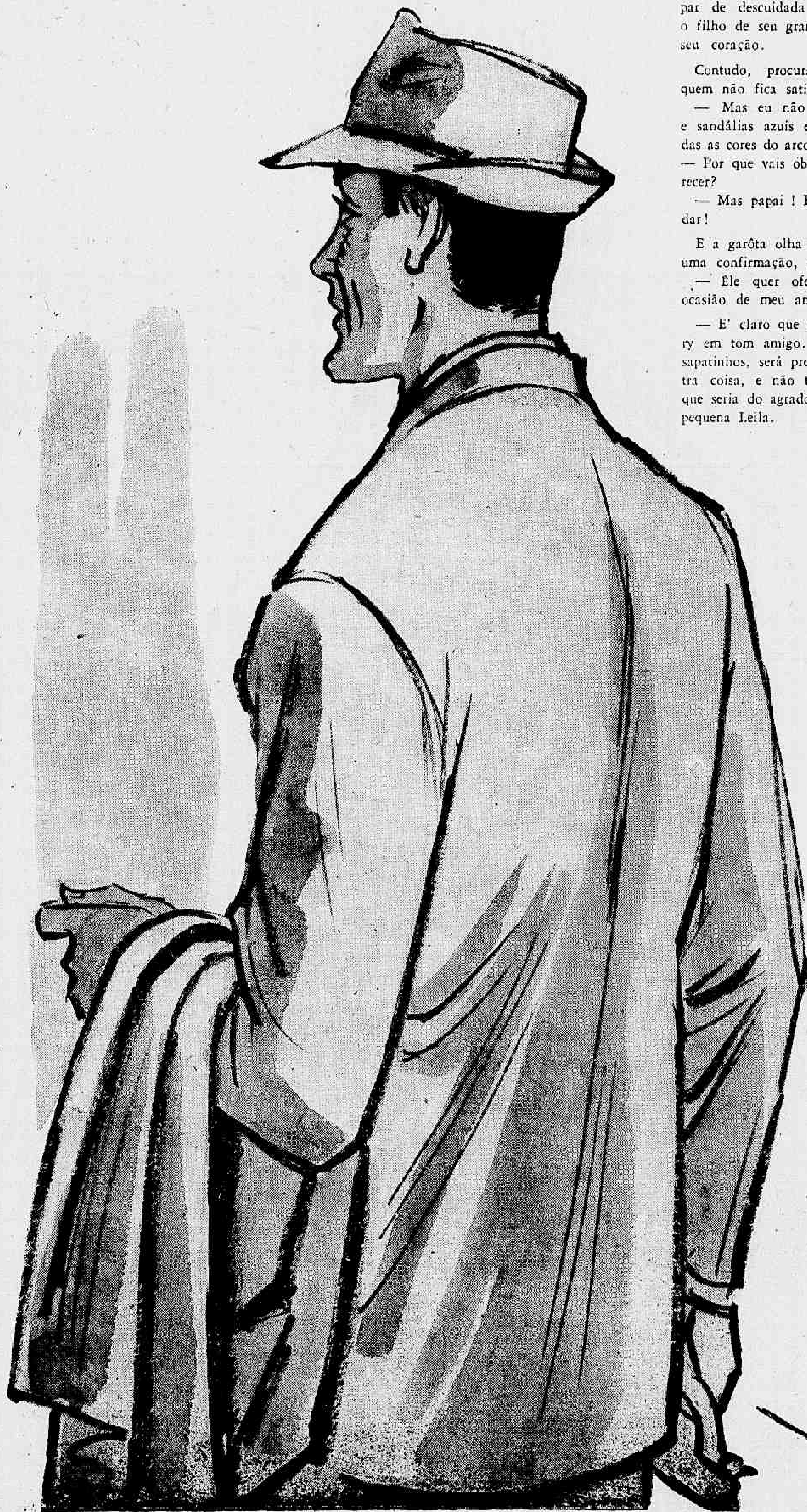
(1) Traduzindo os versos sem adaptação poética; "Oh! Mary, Mary Rebelde, vossos olhos são tão brilhantes, que as "estrêlas" são menos belas entre os astros cintilantes.

Ilustração de JERÔNIMO RIBEIRO

Tradução de RENATO de ALENCAR

Insatisfeita

Por IRENE TEMPLE BAILEY



Êle disse a Leila:

— E' preciso que você fique aqui. E me explique agora por que está assim a andar como quem cortou os pés!

— Papai querido! Perdi meus sapatos!

— O seu melhor par de sapatinhos côr de rosa, explica Barry, ela jogou sôbre o carro dos noivos, e agora é preciso que eu lhe ofereça um outro par por ocasião de seu aniversário.

Os velhos olhos risonhos do general se iluminaram quando êle examinou aquêle par de descuidada juventude. Alí estava o filho de seu grande amigo e a filha do seu coração.

Contudo, procura aparentar um ar de quem não fica satisfeito com o ocorrido:

— Mas eu não te tenho dado sapatos e sandálias azuis e rosas e mesmo de tôdas as cores do arco-iris? — Pergunta o pai. — Por que vais obrigar o Barry a t'os oferecer?

— Mas papai! E' êle mesmo quem quer dar!

E a garôta olha Barry como quem deseja uma confirmação, acrescentando:

— Êle quer oferecer-me os sapatos por ocasião de meu aniversário!

— E' claro que quero dar, confirma Barry em tom amigo. Se eu não lhe der os sapatinhos, será preciso que lhe ofereça outra coisa, e não tenho a menor idéia do que seria do agrado de nossa encantadora e pequena Leila.

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

May Ballard era a proprietária de grande solar, tipo acastelado, onde morava em companhia de umas tias e irmãos. No dia do casamento de sua mana Constance, ela recebeu, à revelia da família, o sr. Rooger Poole, que ali fôra atraído por um anúncio sôbre cômodos a alugar do mesmo castelo. Mary podia alugar um dos apartamentos do edifício, uma vez que era a dona do prédio, embora isso trouxesse contrariedades aos seus maiores. Recebendo às escondidas o futuro inquilino, já em cima da hora da cerimônia, todos de casa ficaram preocupados com a sua ausência, até que começaram a gritar por ela. Mary deixou o visitante e retornou ao salão onde pululavam os convidados. Mr. Poole se retirou depois de ter fechado negócio com a jovem.

Mary ainda não se sentia desolada com a ausência da irmã Constance; mas tudo indicava que dias amargos se aproximavam. Mary encarava o mundo com absoluta indiferença e não se decidira a amar a ninguém com a paixão que gera o sacrifício. Era voluntariosa e isso causava à sua tia Frances constantes motivos de rusgas domésticas.

E como Barry se pusesse a cantar trecho de uma ária ambos seguiram a pular pelas escadas indo em busca de algum sapato que desse nos pèzinhos da encantadora Leila!

Um pouco mais tarde, as damas vestidas de sêda, tendo descido as escadas pela última vez, tia Frances vai com tôda a sua dignidade representada no vestido de sêda côr de ambar até aos seus aposentos. Atrás dela, tia Isabel com seu vestido de prateado sombrio, seguido do general e de tôda a sua guarda: Leila com um par de sapatos desiguais, manquejando; Barry e Porter, que fizera ver a Leila que êle nada tinha a fazer lá no conselho de família mas que alí também ia, para fazer número.

A sala que servia de "boudoir" a tia Frances e onde se ia reunir o "conselho" era uma peça de fachada lá no segundo andar. Era o quarto preferido pela mãe de Constance, ao tempo em que ela ainda vivia, não passando agora de um local para confabulações em conjunto, quando os membros da família precisam discutir algum assunto de interêsse geral, conferenciando em calma e sob os bons ares daquele local estimado.

Excetuados o leito e uma secretária que haviam sido retirados, nada naquele ambiente havia sido mudado, e os livros de sua mãe continuavam em fileiras como dantes, na maioria religiosos, relevando a doce fé daquela que os possuira em vida. Sôbre a chaminé, a mesa e as paredes, viam-se fotografias de crianças em suas vestimentas longas, outras muito curtas, e, por fim, novamente compridas. Alí estava Barry com grandes colarinhos e de calção; Constance e Mary com "manteaux" e bonèzinhos de "hermine". Novamente Barry de uniforme militar de sua escola preparatória. Noutra, Constance envergando o vestido que usara por ocasião de receber seu diploma na Universidade, e Mary com um penteado de moça quando pela primeira vez assim se penteara.

Também havia um retrato de seu pai, pintado em porcelana guarnecida de veludo azul, e uma outra fotografia do mesmo colocado numa moldura oval acima da chaminé, tendo ao lado um outro da espôsa, a fazer-lhe companhia. Os belos traços fisionômicos da mulher se reproduziam nas feições de Barry e de Constance, enquanto os traços mais característicos do velho, apareciam no rosto de Mary.

(Continua na pág. 54)

IRMÃS MALDITAS

(CONCLUSÃO)

ELA deve ir ao necrotório reconhecer o cadáver de Maria. Margarida reage vivamente:

— Não... E' impossível... Eu não poderia...

Mas Roberto, a quem a morte abalara profundamente e que ali estava no cumprimento do seu dever, diz à viúva:

— Domine-se... Estarei ao seu lado...

★

Roberto conduz Margarida ao mesmo lugar onde costumava encontrar-se com Maria. E, sob o impulso do desespêro que o domina, confessa:

— Se Maria soubesse quanto eu a amava... quanto ainda a amo... não faria o que fêz... Nunca encontrei as palavras adequadas para confessar-lhe o meu amor. Quando ia lhe falar com tôda paixão, um invisível muro me impedia de chegar até ela. Era minha vida e minha morte, meu céu e meu inferno... Tudo o que pode estimular um homem neste mundo.

Margarida fita-o com um brilho estranho no olhar e diz com a voz dominada por uma emoção de que ninguém a julgava capaz:

— Diz isso muito tarde... Por que não disse no momento oportuno? E ela? Por que não o compreendeu? Por que estava tão cega?

★

No cartório do tabelião da família procede-se à abertura do testamento do milionário Montes de Oca. Margarida ouve a leitura aparentando calma. Há no testamento várias cláusulas. Margarida é a herdeira universal de todos os bens do marido, podendo dispor de 500 mil pesos anuais para as suas despesas pessoais. De repente, Margarida tem um sobressalto ao ouvir o tabelião ler, com a sua voz monótona e indiferente:

"A beneficiária deve entregar à sua irmã Maria 100 mil pesos e a escritura da casa número 58 de Campo Florido..."

Então Maria era também herdeira? Se não tivesse cometido aquêle gesto de loucura, sua situação estaria resolvida? Margarida sente uma espécie de vertigem. Os pensamentos tumultuam no seu cérebro.

Continua a ouvir, como imersa num pesadelo horrendo:

"Os bens móveis e imóveis passam à Assistência Pública e os objetos de arte serão doados ao Museu Nacional, permanecendo em poder da viúva sob a guarda do testamenteiro..."

Terminara a leitura. O testamenteiro, Dr. De La Fuente, advogado da família, aproxima-se da viúva.

— E' a sua vez, Sra. Montes, de assinar...

Margarida transfigura-se bruscamente:

— Não... não posso...

E, percebendo o espanto dos presentes, desculpa-se.

— Minha irmã morreu... Não posso gozar o que lhe pertence...

O Dr. La Fuente procura consolá-la:

— Foi a vontade de Deus, minha senhora...

— Sim... a vontade de Deus... Sòmente Deus...

E, novamente, refeita, Margarida propõe:

— Assinarei amanhã ou qualquer outro dia... Hoje não posso... O tabelião concorda e a cerimônia termina, para alívio de todos que haviam participado daquele forte instante de tensão emocional. Dias depois, tendo sofrido um acidente na mão direita, o tabelião legaliza a assinatura de Margarida, feita com a mão esquerda, e esta entra na posse definitiva da fortuna.

★

Margarida está completamente mudada depois da morte da irmã. Dá para comprar jóias, ela que não gostava de usá-las. Seus íntimos estranham os seus novos hábitos, mas atribuem tudo ao terrível golpe que sofrera.

Certa vez, numa festa que dera em sua casa, uma das amigas, a intrigante Carmem, vem arrancá-la de um grupo de convidados e a arrasta, com ares misteriosos, para a biblioteca.

Ali uma surprêsa aguarda Margarida. Diante dela está um homem. Quando Carmem se retira, êste avança ao seu encontro:

— Quanto desejava ver-te Margarida... assim a sós... Foi para isso que Carmem me introduziu aqui às escondidas...

E como Margarida nada responde, limitando-se a fitá-lo como se nunca o tivesse visto, o desconhecido prossegue:

— Nestes seis meses não deixei de pensar em ti... Como estás bonita! Tenta beijá-la, mas Margarida se esquiva: "Os convidados vão notar minha ausência..."

No salão, Carmem a aguarda maliciosa:

— Que dizes de Fernando?

— Fernando! Margarida parece ouvir aquêle nome pela primeira vez, mas disfarça a sua emoção:

— Foi uma imprudência... Podiam ter notado...

E a outra, piscando-lhe o ôlho:

— Que tem isso? E' natural... Todos esperavam êste momento...

★

Quando todos os convidados se retiram Fernando reaparece. Estranha o modo esquivo de Margarida.

— Parece que é a primeira vez...

E como a viúva hesita em deixá-lo ficar ali, êle se impacienta:

— Que obstáculo há agora? Não nos amamos bastante para que nada importe?...

Fernando quem acompanhá-la, mas Margarida procura escapar-lhe ao assédio:

— Deixa-me... Estou com uma dor de cabeça terrível... Sê razoável...

Fernando sorri cinicamente. "Está bem, serei razoável"...

E dominador:

— Mas não deixes de ir amanhã ao meu novo apartamento... às cinco da tarde... como antes...



No dia seguinte, Margarida não sabe ainda o que fazer em relação a Fernando, quando êste a chama ao telefone:

— Estou esperando há meia hora... Por que ainda estás aí?

E como Margarida não parece disposta a atendê-lo, ameaça-a:

— Deixa de histórias... Não se trata só de amor... Tens que vir... ouviste? Não levas o papel de viúva muito a sério...

Ao apartamento de Fernando chega pouco depois Margarida. Êste estranha-lhe as atitudes recatadas, tão em contraste com a mulher de quem fôra amante durante tanto tempo.

— Pareces tímida como no primeiro dia em que foste ao meu apartamento... Então, juraste que não te separarias de mim...

— As coisas mudaram — defende-se Margarida.

— Esquece tudo isto... De mim nada sairá...

— Que queres dizer?

— Sabes muito bem a que me refiro... — e Fernando a olha com uma expressão de zombaria no olhar.

Fernando diz então francamente porque a mandara chamar. Necessita de dinheiro.

Margarida compreende.

No dia seguinte, retira avultada soma da sua conta no Banco e, quando Fernando vai visitá-la, entrega-lhe algumas jóias.

Fernando comenta com sarcasmo: "És pontual... Sabes cumprir tua palavra"...

Margarida exige friamente:

— Vê se estão completas... Conhece-as tão bem...

— Sim... eu mesmo sugeri ao teu marido que as comprasse... Tuas jóias são uma homenagem ao meu bom-gôsto...

— Não importa, se é o preço da tua ausência definitiva...

— Ingrata... depois dos riscos que corremos juntos — replica Fernando, fingindo-se magoado.

— Felizes os tempos em que sentias amor por mim...

— Mentira! Nunca te amei...

Fernando retruca sem perder a calma:

— Se agora já não és a mesma, isto não quer dizer que nunca me amaste...

Margarida vibra de indignação ao ouvir as palavras cínicas daquele homem que o destino lhe enviara num momento tão inoportuno:

— A única coisa que eu desejo é que desapareças da minha vida...

— E se eu ficar?

— Não o farás... porque estou disposta a tudo...

E, dominada pela cólera, Margarida conclui arrebatadamente:

— Se hás de ser um obstáculo na minha vida... prefiro acabar meus dias na prisão...

Fernando olha-a firmemente. Que estranha mulher era aquela que agora lhe falava. Seria possível que Margarida tivesse esquecido todo o passado? Que acontecera para que ela se transformasse assim... como se fôsse "outra" mulher, uma desconhecida, com o mesmo rosto seu que ali estava diante dêle?

Não... aquilo era apenas uma farsa para afastá-lo do seu caminho, agora que era a riquíssima herdeira de Montes de Oca.

Então, pausadamente, marcando bem as palavras, Fernando relembra:

— Como estás diferente daquela mulher que matou por amor... Claro que poderias matar-me e talvez o queiras fazer, mas não te atreves. És partidária do crime perfeito, que não deixa vestígios... Nunca usarias um meio grosseiro, como o revólver que tens agora na mão... Matar-me-ias cientìficamente, como mataste... como matamos teu marido... nunca à bala!

A trágica revelação deixa Margarida estatelada.

Era inútil fugir ao destino.

Aquêle homem levantara a tampa do túmulo do morto, para que ela visse, como no fundo de um abismo, a imagem aterradora do seu crime.

Fernando vencera a partida. Ela não podia escapar das suas garras...

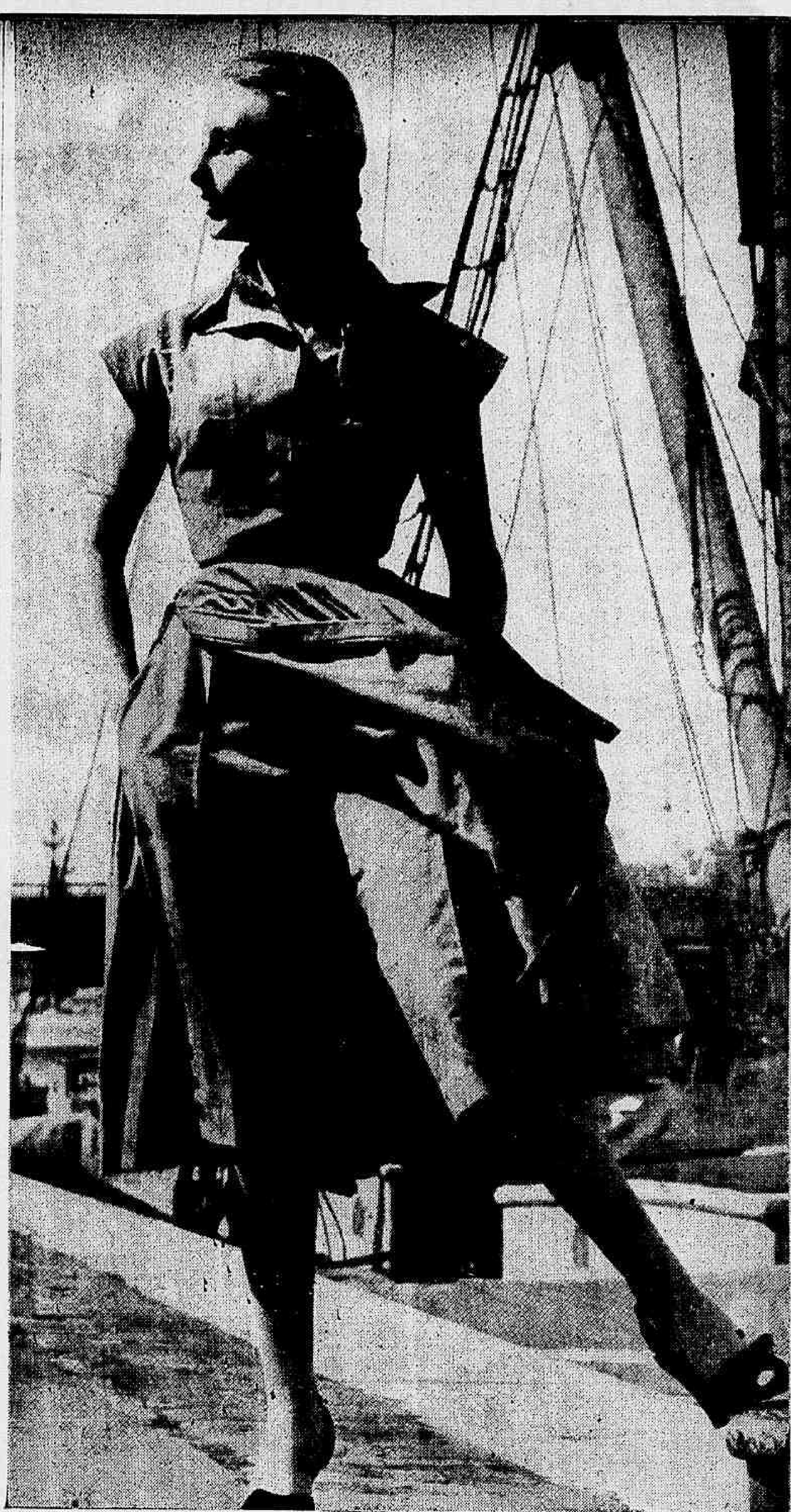
★

Dali por diante, os acontecimentos se precipitam. Uma valiosa tela de El Greco desaparece da biblioteca da casa de Margarida. O advogado La Fuente é forçado a intervir, na sua qualidade de testamenteiro. Aquela tela pertencia ao Govêrno. Margarida era responsável por ela perante a lei.

(Cont. na pág. 54)







WEEK-END NA PRAIA

Para os fins de semana na praia, aqui estão algumas sugestões práticas e de fácil execução, em modelos de calças três quartos, compridas e shorts. E' interessante notar êste slack, em algodão que é usado com uma saia bastante franzida, abotoada dos lados, que, quando aberta, deixa aparecer as calças três quartos. As blusas para serem usadas com shorts ou calças compridas e três quartos, são geralmente sem mangas ou de frente única.



DE UM POETA ORIENTAL

Tu és a paisagem graciosa e amena dos oásis na solidão de minha vida.

Meu cavalo galopou por todos os desertos, meu albornoz se agitou a todos os ventos e armei minha tenda sob todos os céus: nada vi, nada encontrei, nada tive que me acolhesse como a sombra das palmeiras, que me encantasse como o mistério luminoso dos astros.

Sabia o que as palmeiras ensinam, entre as dunas inóspitas: que a sombra é doce e silenciosa.

Sabia que as estrêlas estão longe, e que só os magos entendem a sua linguagem de beleza e de mistério.

Não sabia que, um dia, como o nômade perdido sob o sol, sôbre as areias, viria encontrar, junto de ti, a doce sombra das palmeiras silenciosas, na amena paisagem do oásis.

Nem sabia que, no azul das minhas noites, vendo as estrêlas refletidas nos teus olhos, entenderia também a linguagem cintilante dos astros e ouviria o que êles dizem, palpitando na noite azul: que Alá é grande, que o amor é o maior bem terreno e que a felicidade existe, não no céu distante, mas junto de nós, ao alcance de nosso gesto, perto de nosso coração — e que um dia a encontraremos.

E então, te aperto ao meu peito e beijo os teus olhos cheios de estrêlas.

L Y S E



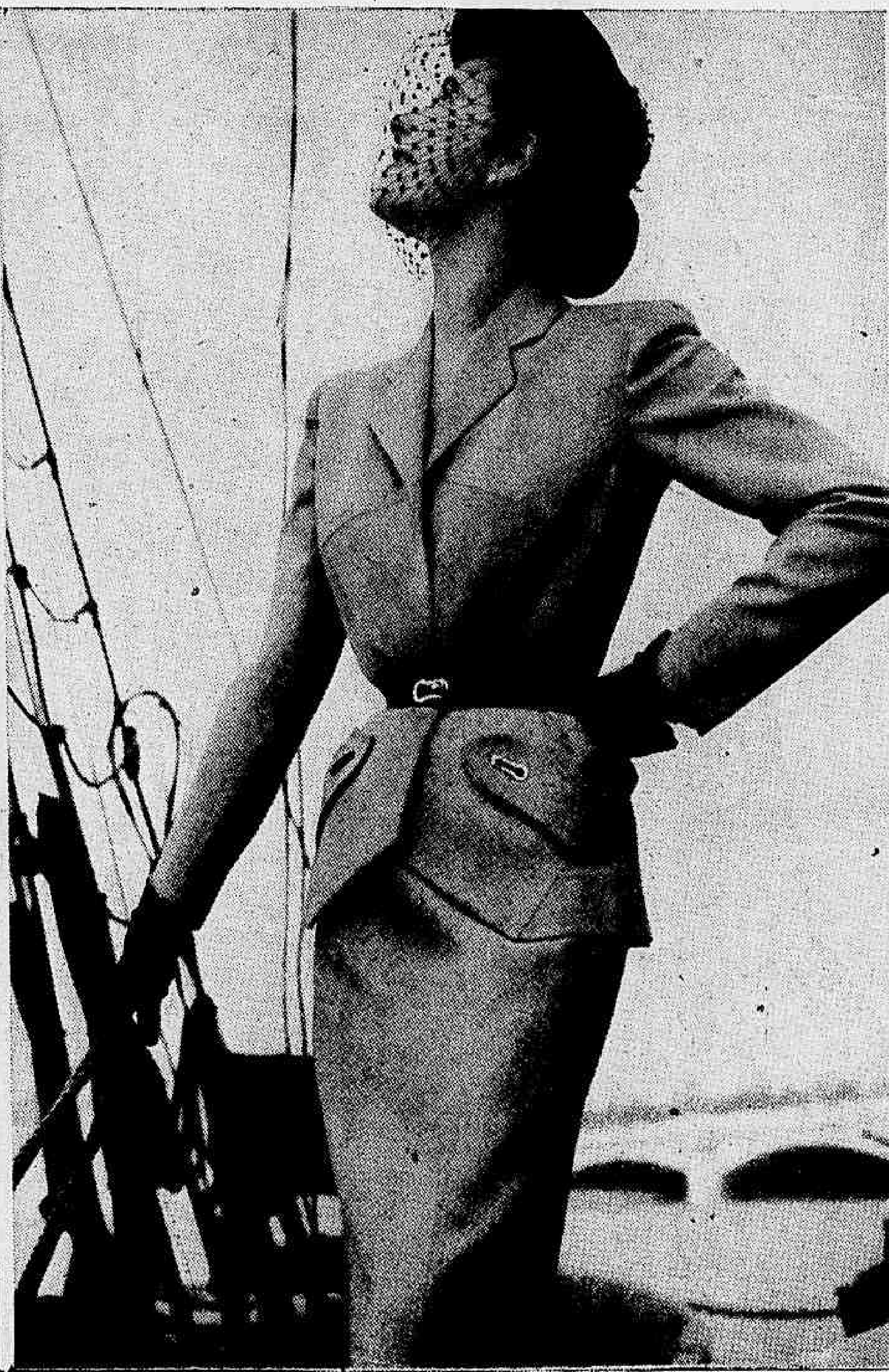
TAILLEURS PARA A PRIMAVERA





Elegante e sugestiva coleção de tailleurs, próprios para os dias amenos da primavera, apresentamos nestas duas páginas às nossas leitoras. Na página ao lado, elegantíssima criação em lã grossa, preta, modêlo sem gola, cintura justa. Echarpe em sêda branca. Nesta página, quatro outros lindos modelos dos mais variados feitios. Em cima, à esquerda, lã quadriculada e lisa; à direita, lã fina, cinza claro. Em baixo, à esquerda, lã azul-marinho, original drapeado na blusa, em tafetá, compõe o decote; à direita, em sêda beige, modêlo esportivo, simples e elegante.





Modelos JUVENIS





ALGUMAS criações alegres e esportivas nossas leitoras encontrarão aqui, numa sugestão para o seu guarda-roupa de verão. São vestidinhos simples, para jovens, mas bastante sugestivos, nos quais deverão ser empregados tecidos leves de coloridos vivos e alegres. Destacamos, aqui, três graciosas blusas, que poderão completar com elegância a sua "toilette" esportiva.

SAÚDE DO BEBÊ

A Doença de Bloch no Recife?

Dr. SABOIA RIBEIRO

A imprensa andou publicando telegramas em que se noticiava que, no Recife, se desencadeara uma espécie de epidemia de cegueira em crianças, que estava causando, como era natural, um vivo alarme.

Não sabemos de outros detalhes a respeito, mas numa época de dificuldades como esta que todos atravessamos, de carne sumida, leite e ovos sumidos, e sumida por fim a manteiga, não é demais admitir, de logo, a hipótese mais plausível, que é de que se trate de uma carência alimentar por defraudação do leite, senão do consumo abaixo das necessidades minimas daqueloutros alimentos, com redução correlata das taxas de vitaminas de que são portadores.

E, com efeito, excepção da carne, que figurou na série por uma como sugestão desse assunto de gêneros sumidos, e tratando-se de crianças, sem duvida o fenômeno se entrosa na escassez ou penúria daqueles alimentos, senão é a sua falsificação, segundo a lógica dos tempos, que cada um explica a sua maneira.

Faltam minúcias, repetimos, sôbre a ocorrência, e isso seria de todo em todo indispensável para descer a formular com alguma precisão a verdadeira entidade que, no Recife, estará atacando os olhos das crianças até a cegueira.

Se a afecção, porém, decorre de uma carência, e esta atingindo, sobretudo, as crianças nos primeiros meses de vida ou, em todo caso, no uso de um regimen em que o leite é ainda o principal alimento, então o mais provável é que se trate de uma efetiva diminuição, até os efeitos de uma verdadeira doença ocular, no seu organismo, da taxa necessária de Vitamina A, de que se constitui o leite o maior veiculo, senão o único, naquela idade ou regimen.

Só mais tarde, o uso da manteiga e ovos se constituem, a seu turno, outros veiculos da vitamina A.

O fato é que o leite, privado de sua gordura, já provocou na Dinamarca, durante a Grande Guerra de 18, uma série enorme de casos de cegueira entre as crianças, devido à desnatação do leite feita de modo sistemático antes de fornecido para o consumo.

A história, trocada em miúdos, é o seguinte: lá, prèviamente, o leite era privado da sua gordura para a fabricação de crême, queijo e manteiga, destinados aos alemães, que os consumiam. De maneira que, do leite, restavam sòmente o sôro e pouco mais, destinados, inclusive ás crianças.

Ora, a vitamina A, contida no leite, é uma vitamina soluvel nas suas gorduras; de maneira que ocorria, com a privação das gorduras do leite, também a privação da Vitamina A, que exerce uma ação trófica, quer dizer, nutritiva e vitalizante, sôbre a cornea — que é a parte lusidia e convexa, dos olhos, através da qual se filtram os raios luminosos antes de atravessar a pupila (que o povo chama **menina dos olhos.**)

Assim se constituia em pouco tempo o quadro de uma afecção ocular bem caraterizada, com ressecamento e até úlcera e perfuração da cornea, com tôdas as suas conseqüências. Essa foi a **doença de Bloch,** como é conhecida, da Dinamarca.

E' certo, aliás, que não é sòmente essa afecção ocular o único efeito de uma carência da Vitamina A, porque outros, realmente, dela decorrem, principalmente o **atraso do desenvolvimento.**

Mas sem dúvida a generalização de casos de cegueira infantil, como no Recife, sugere sempre, a hipótese da Avitaminose em questão, uma porque as lesões oculares são das mais precoces manifestações, nessa Avitaminose (A), outra porque a sua limitação entre as crianças leva a suspeitar, em princípio, numa mesma causa comum residindo no alimento.

Teria uma importância capital conhecer as idades em que êstes casos têem-se mostrado, pois é sabido que, numa idade mais avançada da criança, as fontes de Vitamina A são outras que não apenas o leite, e sim os produtos vegetais como o espinafre, a cenoura, a batata e a couve etc.

Aliás o teor, em Vitamina A. do leite, pode variar em função da estação, sendo o leite mais rico dela durante o período primaveril em que o gado consome maior quantidade de forragens frescas, e mais na quadra outonal.

Essas considerações, como quer que seja, justificam que se considerem sempre os cuidados de referência à avitaminose A, quando a criança está sendo criada com leite de vaca, e nela pensar diante de quaisquer manifestações oculares incidindo sôbre a cornea.

A êsse respeito cumpre lembrar o óleo de figado de bacalhau que é uma das boas fontes da vitamina A, e sempre bem tolerado pelo lactente.



WEEK-END

PIZZA

Compra-se numa padaria uma porção de massa crua de pão, juntam-se-lhe uma colher de azeite bom, uma pitada de sal e amassa-se bem durante algum tempo, deixando descansar. Em seguida, abre-se com o rôlo até a grossura de 1 cm e arruma-se sôbre uma fôrma redonda rasa, uma tampa de lata ou mesmo sôbre uma assadeira, prèviamente untada de azeite. Sôbre essa massa passa-se um pouco de azeite bom e dispõem-se rodelas de tomate entremeadas de pedaços de mossarela, de maneira a cobrir tôda a massa. Polvilha-se com oregão sêco e leva-se a forno quente. Esta é a pizza de mossarela. Para se fazer a de alice ou anchova, procede-se do mesmo modo, dispondo-se entre as rodelas de tomate, alice (anchovas) prèviamente limpas. Antes de levá-la ao forno polvilha-se com pimenta do reino. Geralmente, faz-se a pizza mezzo-alice-mezzo-mossarela, isto é, numa metade de massa dispõem-se os pedaços de mossarela e na outra a anchova.

CASADINHOS DE CHUCHUS

Descascam-se uns chuchus novinhos, corta-se em rodelas, tira-se o centro, pondo-se de môlho em água com sal: depois, escorre-se num passador. Pouco antes de levar à mesa, cortam-se fatias de queijo mineiro fresco e unem-se as rodelas de chuchus, pondo-se entre elas uma fatia do queijo mais ou menos do tamanho, passa-se em ovos batidos, depois em farinha de rôsca e frita-se em gordura quente. Serve-se assim quentes sôbre fôlhas de alface.

SALADA PRINCIPE DE GALES

Toma-se uma (ou duas) grape-fruit, tiram-se a pele e os caroços, cortando-se em bagos, 1 quilo de uvas moscatel, também sem as peles e sem os caroços e 250 gr de nozes picadas ou castanhas do Pará cortadas em tiras. Mistura-se tudo, arruma-se sôbre um leito de fôlhas de alface. Enfeita-se com tirinhas de pimentão vermelho e cobre-se tudo com o seguinte môlho: mistura-se um pouco do caldo do grape-fruit com 1 colher de azeite doce, um pouco de môlho inglês e 50 a 100 gr de queijo forte, bem esmagado. Pode-se adicionar ao môlho, tornando-o de gôsto mais requintado, umas 2 colherinhas de açúcar.

SOPA DE FUBARINA

Quando deitar o caldo no fogo, junte 2 espigas de milho raladas. Depois do caldo coado, leve a ferver e engrosse com fubarina desmanchada em leite frio. Não deve ficar muito grossa. Bote na sopeira fôlhas de alface fritas num pouco de manteiga e despeje a sopa bem quente por cima.

BERINGELAS À NAPOLITANA

Tome umas beringelas descascadas, corte em 6 fatias finas sôbre o comprimento, lave e polvilhe de sal. Enxugue, passe em farinha e frite em azeite. Arrume num prato as camadas de beringelas, fatias de rigota (requeijão italiano) e môlho de tomate. Termine com parmezão ralado e leve ao forno só para derreter o queijo.



TALHARIM

Massa: Tome ½ kg de farinha de trigo, deite em monte numa tábua e faça um poço no meio e aí vá quebrando até 6 ovos. Junte 1 colher-de-chá de sal, misture tudo bem e acabe de molhar com água morna até a massa ficar boa para trabalhar, mas um pouco dura. Divida em 3 bolas, e abra uma a uma em panos, o mais fino possível. Deixe secar um pouco no ar, depois, polvilhe o primeiro pano com farinha ou com fubá de milho, enrole bem justo, para então cortar em fatias da grossura que desejar. Solte bem os fios com as mãos e deite espalhados numa peneira de taquara para secarem. Faça o mesmo com outros panos. Use logo, ou então depois de secos, guarde em lata.

Modo de preparar: Leve água a ferver com sal, e assim que levantar fervura, despeje o talharim dentro. Dez minutos depois, logo que ao calcar com os dedos a massa ceder, despeje numa peneira larga, a fim de ficarem bem soltos. Arrume num prato as camadas de talharim e de queijo ra-

NA COZINHA

lado e regue com manteiga derretida. Sirva com môlho de tomates, à parte, ou então deite-o por cima do talharim, só na hora de servir, e bem grosso para não empapar.

CREME DE LARANJA

Tome 8 ovos, 8 colheres de açúcar, 1 copo de leite e o caldo de 2 laranjas. Misture tudo bem, passe por uma peneira fina e leve a assar em banho-maria, dentro de fôrma untada de manteiga.

SAVARIN SUECO

150 gr de manteiga, 150 gr de açúcar, 5 ovos, 250 gr de farinha de trigo, 2 colherinhas de fermento em pó, 200 gr de sultanas, 20 gr de laranja cristalizada e picadinhas, um pouco de noz-moscada, 2 colheres-de-sopa de conhaque. À manteiga bem batida adiciona-se, pouco a pouco, o açúcar, as gemas, a laranja, a noz-moscada, o conhaque, e a farinha peneirada com o fermento.

Põe-se a massa em fôrma de abrir, bem untada, polvilhada com farinha de pão e leva-se ao forno regular durante uma hora.

Creme: ferve-se uma calda com 250 gr de açúcar e ½ litro de água, juntam-se 3 colheres-de-sopa de rum e despeja-se quente sôbre o savarin.

CORAÇÕES DE MARZIPAN

500 gr de amêndoas (entre elas 18 gr de amêndoas amargas), 500 gr de açúcar, algumas gôtas de água de rosas. Para o creme: 500 gr de açúcar, ½ clara, 1 colherinha de caldo de limão, 2 colherinhas de água de rosas. Tira-se a película das amêndoas, lavam-se e enxugam-se bem, deixando-se espalhadas durante algumas horas para secarem bem. Esmagam-se, passam-se por uma máquina bem fina, misturam-se com o açúcar e com a água de rosas. Toma-se cuidado ao juntar as gôtas de água de rosas, para não deixar que a massa fique muito úmida. Aperta-se bem a massa, forma-se uma bola, enrola-se em um pano e deixa-se descansar até ao dia seguinte. Põe-se em uma caçarola, leva-se ao fogo fraco e vai-se mexendo até que ela se despegue e não grude mais nos dedos. Depois de fria, põe-se sôbre uma tábua polvilhada com açúcar, aperta-se, estende-se e corta-se em feitio de corações ou rodelas, cujas beiradas pincelam-se com um pouco de água de rosas, e guarnecem-se estas com tiras da massa, da largura de um dedo. Dispondo-se de um alicate apropriado pode-se enfeitar as beiradas, apertando-as uniformemente, ou enfeita-se com o auxílio de uma faca.

Cobre-se o centro dos corações com papel bem ajustado, para que essa parte se conserve branca, põem-se em assadeira forrada com papel, pincelam-se novamente as beiradas dos corações com água de rosas. Segura-se então sôbre êles uma pazinha com brasas para que tomem uma côr marron, pincelam-se mais uma vez com água de rosa, tiram-se da assadeira juntamente com o fôrro de papel e colocam-se sôbre uma tábua, deixando esfriarem bem.

Entretanto, prepara-se o creme, mexendo-se durante três quartos de hora e o açúcar com os outros ingredientes. Retira-se o papel do centro dos corações e enchem-se êstes com o creme. Depois de secar completamente com creme, enfeita-se com compota de frutas, formando coroas ou "bouquets" de flores.



CASA PEDRO



Pelica branca com ouro, em salto 8 1/2. Espetacular criação para o verão da CASA PEDRO — URUGUAIANA, 11 — 1.º andar — Rio de Janeiro.

Para o interior sòmente contra cheque ou vale postal. Peçam catálogo.

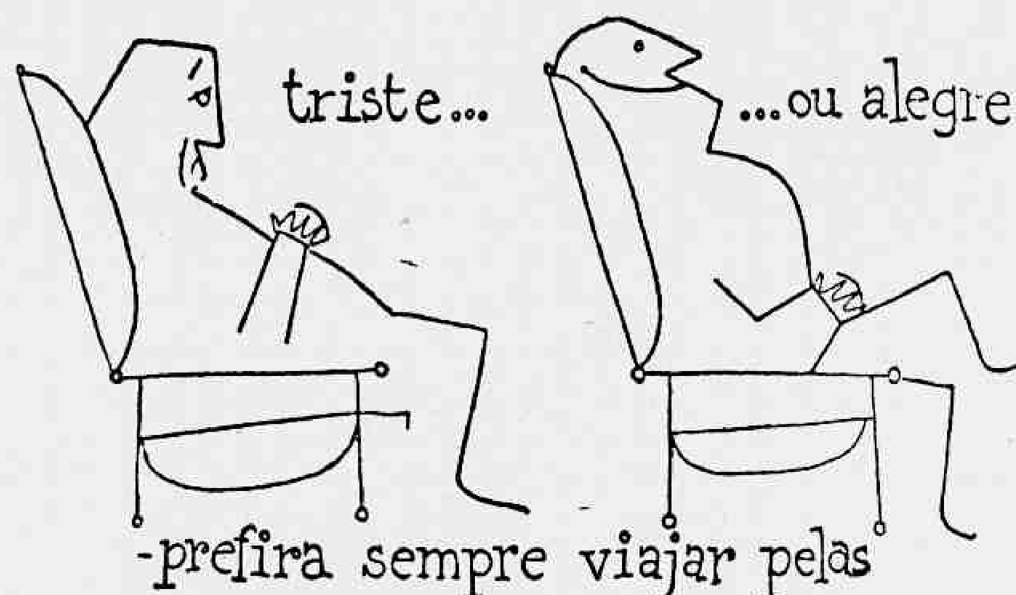
COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço Cr$ 45.00 — Pedidos pelo reembolso postal – com o autor Caixa Postal 549 São Paulo

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo





CINE NOVELA

FREI LUÍS DE SOUSA

MADALENA: — "enxuga os olhos e toma uma atitude grave e firme:" — Levantai-vos, Telmo, e ouvi-me. Ouvime com atenção.

E' a primeira e será a última vez que vos falo dêste modo e em tal assunto. Vós fostes o aio e o amigo de meu senhor... o meu primeiro marido, o senhor D. João de Portugal; tinheis sido o companheiro de trabalho e de glória de seu ilustre pai, aquêle nobre conde de Vimioso, que eu de tamanhinha me acostumei a reverenciar como pai. Entrei depois nessa família de tanto respeito; achei-vos parte dela, e quase que vos tomei a mesma amizade que aos outros... Chegastes a alcançar um poder no meu espírito, quase maior... decerto maior que nenhum dêles.

TELMO: — Emendai-o, senhora.

MADALENA: — Não, Telmo, não preciso nem quero emendá-lo. Mas agora deixai-me falar. Depois que fiquei só. Depois daquela funesta jornada de África que me deixou viúva, órfã, sem ninguém, e numa idade... com dezessete anos! — em vós, Telmo, só em vós, achei o carinho e proteção, o amparo que eu precisava. Ficastes-me em lugar de pai; e eu salvo numa coisa! — tenho sido para vós, tenho-vos obedecido como filha.

TELMO: — Oh! minha senhora, minha senhora! mas essas coisas em que vos apartastes dos meus conselhos...

MADALENA: — Para essa houve poder maior que as minhas fôrças D. João ficou naquela batalha com seu pai, com a flor da nossa gente. Sabeis que chorei a sua perda, como respeitei a sua memória, como durante sete anos, incrédula a tantas provas e testemunhos de sua morte.

VOZ DE MADALENA: — o fiz procurar por essas costas de Bebéria, por tôdas as séjanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alvares aí houve... Cabedais e valimento, tudo se empregou; Gastaram-se grossas quantias; os embaixadores de Portugal e Castela tiveram ordens apertadas de o buscar por tôda a parte; aos padres da redenção, a quanto religioso os mercador podia penetrar naquelas terras, a todos se encomendava o seguir a pista do mais leve indício que pudesse desmentir, pôr em dúvida ao menos aquela notícia que logo viera com as primeiras novas da batalha de Alcacer. Tudo foi inútil; e a ninguém mais ficou resto de dúvida...

MADALENA: — Dúvida de fiel servidor, esperança de leal amigo, meu bom

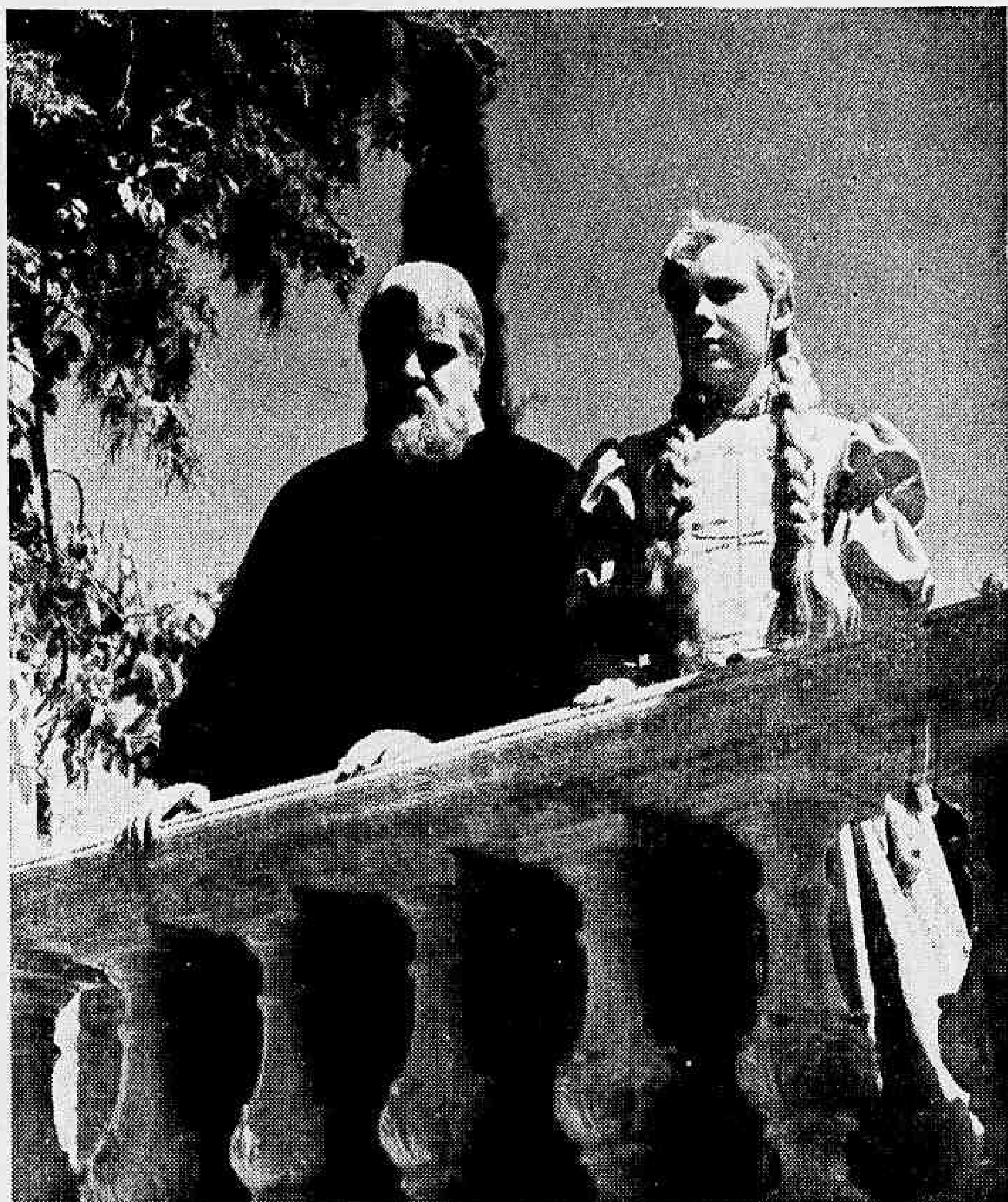
E L E N C O :

Madalena	Maria Sampaio
Maria	Maria Dulce
Manoel de Sousa	Raul de Carvalho
O Romeiro	Barreto Poeira
Telmo Pais	João Villaret
Frei Jorge	Tomás de Macedo
Miranda	José Amaro
Dorotéia	Maria Olguim
Prior de Benfica	Jaime Santos
O frade converso	José Vitor

Realizado segundo o drama imortal de ALMEIDA GARRETT
Fotografia de AQUILINO MENDES
Realização, montagem e direção de ANTÔNIO LOPES RIBEIRO
Produção de Lisboa Filme — Distribuição de Luso Filmes.











Telmo, que diz com vosso coração, mas que tem atormentado o meu... E então sem nenhum fundamento, sem o mais leve indício... Pois dizei-me em consciência, dizei-me de uma vez, claro e desenganado: a que se apega esta vossa credulidade (de sete... e hoje mais catorze... vinte e um anos?)

TELMO: — gravemente: — às palavras, as formais palavras daquela carta, escrita na própria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge, que vô-la trouxe. — "Vivo ou morto..." Não me esqueceu uma letra daquelas palavras; — "Vivo ou morto, Madalena, hei de ver-vos pelo menos uma vez neste mundo". — Não era assim que dizia?

★

O fidalgo D. João de Portugal, marido de D. Madalena de Vilhena, senhora das mais excelsas virtudes, partiu com El-Rei D. Sebastião para a grande aventura que terminou com o desastre de Alcacer-Kibir.

Essa hora triste da nossa História, enlutou o lar de D. Madalena que após sete anos de buscas sem resultado em demanda do marido, se convenceu de que êle morrera na batalha. O seu coração de mulher, na fôrça da vida, é então que se decide a aceitar o amor de d. Manuel de Souza Coutinho, fidalgo cavaleiro que a desposa em segundas núpcias.

Telmo Pais, aio que foi de D. João de Portugal e que D. Madalena conserva ao seu serviço é, porém, a única pessoa que não crê na morte de seu amo e senhor.

Do segundo matrimônio nasce uma filha,

(Continua na pág. 54)

ROMANCE NO HUDSON

























O PREÇO DE UM CRIME



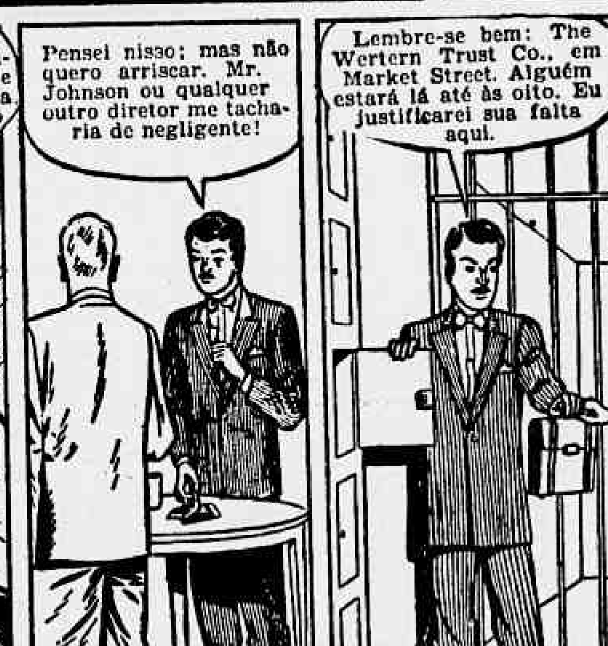




























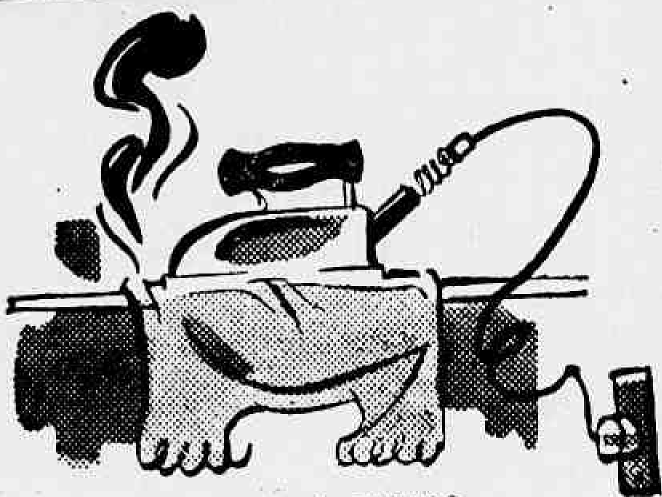
Com Eletricidade...
-tudo é mais Fácil!



FOI-SE O TEMPO EM QUE AS SENHORAS
LOGO NAS PRIMEIRAS HORAS
ENCHIAM O FERRO A CARVÃO,
P'RA PASSAREM TÔDA A ROUPA.
E ISSO NÃO ERA SOPA!
FAZIA CALOS NA MÃO!



MAS, HOJE, A ELETRICIDADE
COMPLETA A FELICIDADE
QUE EM CASA SE PODE TER.
COM O FERRO DE ENGOMAR
ELÉTRICO, ATÉ PASSAR
A ROUPA TÔDA É UM PRAZER.



AGORA, NÃO VÁ DEIXANDO
LIGADO O FERRO GASTANDO
MAIS DO QUE A QUOTA QUE TEM.
USE-O COM ECONOMIA
POUPANDO A SUA ENERGIA
POUPE A DO FERRO TAMBÉM

Economize



Eletricidade!

PEGOU FOGO NO . . .

(Cont. da pág. 7)

tanejo, todos abriam mão de seus postos, eletivos ou não, para que se abrissem novos horizontes ao Estado. Mas não foi avante a idéia. Se uns estavam de acôrdo, outros não se mostravam entusiasmados com isso.

Ao escrevermos estas notas de reportagem, S. Luís está em paz. O governador dá passos para a tranqüilidade geral e mostra que tinha razão quando insistia junto ao Sr. Getúlio Vargas, no sentido de retirar a fôrça federal, entregando o policiamento à própria Polícia estadual. Até quando será mantida a paz no Maranhão? Aceitarão os coligados o "ato consumado", ou voltarão a agitar nas ruas e praças da capital, a massa popular contra o govêrno atual? Ninguém sabe; mas, que os dias dolorosos não voltem mais, é o anseio de tôda a população maranhense, da "terra que tem palmeiras onde canta o sabiá".

A VINGANÇA

(Cont. da pág. 16)

Quizeram saber que doença era aquela, se pegava...

O médico tranqüilizou a todos: Não, não pegava. Fôra uma oclusão intestinal.

— Que bicho é êsse doutor?

— Volvo, meus amigos, nó nas tripas.

— Han! — Tinham compreendido.

Gaspar falava ao empreiteiro:

— Caso sem remédio. Mas, talvez... Uma intervenção... imediata... — E numa resolução: — Êste homem precisa ir para Capivara.

João Pedro foi dizendo: — Para aonde vamos levá-lo doutor? O pôsto a esta hora fechado... Clareando o dia...

— Não. Já. Imediatamente. Vai para minha casa. Arranje por aí uma rêde, uma padiola, qualquer coisa para transportar o homem. Ligeiro!

Pouco depois, já amainado o temporal, dentro da noite velha, rumava para a cidade adormecida um cortejo lúgubre, no meio do grande silêncio, pontilhado pelo cricrilar dos grilos. À frente Manuel com uma lâmpada, em seguida a rêde que quatro homens se revesavam, carregando, e onde jazia o enfêrmo desaparecido sob a capa do doutor. Atrás ia Gaspar mudo e João Pedro, contando baixo as circunstâncias do acontecimento.

O médico não o ouvia, abismado numa grande emoção.

Tremiam-lhe os joelhos.

Seria possível que isso a que chamam destino armasse um enrêdo de circunstâncias de tal jeito que o seu maior, o seu único inimigo fôsse precisar em hora tão terrível, justamente dêle que deveria ser o último a quem, conscientemente, procurasse? Nem nos romances.

Mas a verdade era aquela. E se o destino quis... Alí estava um corpo quase sem alma. Fôra a alma que animara, o corpo, movendo-o para o mal... Para o mal de Gaspar. Não era um inimigo odiado que ia naquela rêde às portas da morte. Era apenas um miserável doente arrojado em seu caminho. Seu dever, sim, seu dever era erguê-lo. Mas não era apenas o dever, também essa era a sua vontade. Queria aquêle homem vivo.

Com êsses pensamentos, Gaspar caminhava dentro das trevas, atrás do grupo ligeiro.

Chegados a casa, sem perda de um minuto, com os recursos de que dispunha, doutor Gaspar realizou a operação. Nesse ato pôs tôda a energia que lhe restava, tentando trazer novamente ao mundo aquela vida que, cada vez mais se engolfava na sombra. As horas que se seguiram foram de vigilância ansiosa que mais lhe cavou os talhos da face.

A morte não estava vencida. Decorreram dias de luta. Essa luta tremenda e sem quartel, entremeada de momentos de esperança e horas sem fim de desespêro, em que o homem, com os fracos recursos de sua ciência, disputa com a morte tôda poderosa.

Doutor Gaspar, entregou-se de corpo e alma a êsse combate desesperado. Não bebia, quase não se alimentava, concentrado, sombrio. Mal dormia algumas horas e sempre ao lado do enfêrmo, vigiando-o. Procurava surpreender os progressos e os recuos da morte. Espreitava os mínimos sinais com que, por vêzes a vida parecia insinuar-se, tìmidamente, naquele corpo abandonado.

D. Júlia vinha arrancá-lo do quarto, como às vêzes costumava, tirá-lo dos balcões, depois de muita resistência.

— Também é de mais, doutor. Precisa cuidar de si.

Gaspar impacientava-se.

— Você não compreende, criatura? E' uma vida que está em perigo. Uma vida, entende? e eu preciso dessa vida. Tenho de salvá-la. Quero salvá-la.

E salvou-a.

Pouco a pouco a vida foi ganhando terreno. Ao fim de alguns dias estava sòzinha em campo, muito débil, sim, mas sòzinha e vencedora.

Começou, então, o trabalho da convalecença para a consolidação daquela vitória. Trabalho feito de escaramuças espaçadas, em que o médico vitorioso previa e evitava as tentativas de assalto ao corpo desprevenido pela morte despeitada.

Ao ressurgido, que o era na verdade, não faltaram nesses dias todos os cuidados. O médico, êle mesmo, ia escolher e comprar os alimentos destinados ao convalecente, rodeando-o de um desvêlo em que se diria existir alguma coisa de ternura. Sentia-se, êle Gaspar, o novo autor naquela vida. E o era de algum modo. Já então, quando se permitia recordar o mal que aquêle homem lhe fizera, experimentava essa espécie de mágua que nos causa a ofensa de uma pessoa que estimamos. Aquela criatura saida do outro lado da existência, por um sentimento retrospectivo, já não era apenas o sedutor desprezível, mas um ingrato a quem a alma muitas vêzes se compraz em perdoar.

Pelo braço do médico o convalecente começou a dar os primeiros passos lentos. Apoiado ainda aos mesmos braços, saíu a primeira vez, a tomar sol num passeio vagaroso pelo largo, sob o olhar compassivo das pessoas que os vinham espiar das janelas entre-abertas ou das portas das lojas sem fregueses.

Correram dias sôbre dias. Quase restabelecido o seu operado, Gaspar já o levava a caçadas por perto de onde êle voltava, sem fadiga, com sangue novo no rosto e um brilho de saúde nos olhos castanhos.

No entanto à medida que a fôrça e a saúde iam voltando ao outro, o médico entristecia de uma maneira inexplicável e sombria. Deixava-se ficar manhãs inteiras na sala da frente, sentado no môcho de ferro mudo com o olhar perdido num ponto longínquo. Assim D. Júlia o encontrara mais de uma vez, notando-lhe uma vermelhidão estranha nos olhos ora distantes, ora fixos sôbre o hóspede que sòzinho passeava ao sol no adro da igrejinha próxima.

Tanto menos razão tinha aquela aparente tristeza, quanto o doutor Gaspar tornara-se um verdadeiro herói para a cidade. Ante a enormidade de sua façanha, os erros passados diminuiram, se apagaram e aos olhos do povo generoso Gaspar avultou em grande médico dotado de imenso coração.

— Onde se ouviu dizer naquelas redondezas isso de um médico agasalhar um estranho, salvá-lo e tratá-lo como se fôsse um amigo, um irmão?

Para o antigo doente Gaspar era mais

(Cont. na pág. 54)

Nasce um novo estilo...

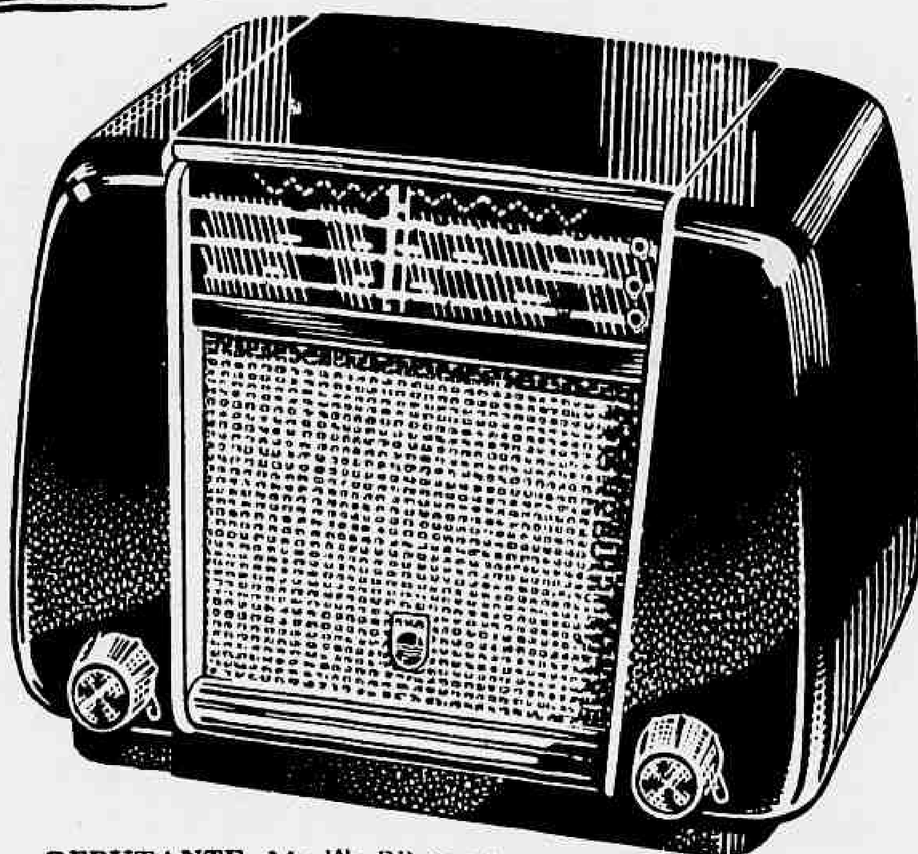


Os grandes costureiros costumam lançar, de tempos em tempos, um novo e sensacional estilo que marca época e põe fora de moda todos os demais. Da mesma forma, Philips apresenta êste ano um estilo inteiramente novo de receptores de rádio.

Os rádios Philips de *Novo Estilo* vão conquistá-lo pela originalidade de seu desenho. E, embora de linhas tão modernas e diferentes, combinam harmoniosamente com qualquer tipo de interior.

Quando ao funcionamento, é claro, têm a garantia da qualidade Philips, famosa em todo o mundo: um belo tom natural, sem distorção mesmo em seu maior volume, perfeita seletividade e alcance extraordinário. Os receptores Philips de *Novo Estilo* são realmente o que de mais fino e perfeito se pode obter em matéria de rádio-recepção.

Veja e ouça um Philips de *Novo Estilo* num dos nossos revendedores e ficará surpreendido pela distinção original de suas linhas e cristalina pureza de som.



DEBUTANTE · Modêlo BR-305-U

3 faixas de ondas (2 curtas e uma média). 6 válvulas com 7 funções. Chave de tonalidade para controle dos agudos. Caixa de Philite marron. Muito leve, sendo fàcilmente transportável.

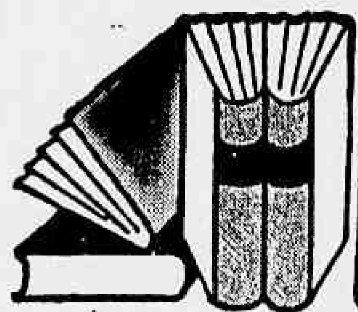


RÁDIOS

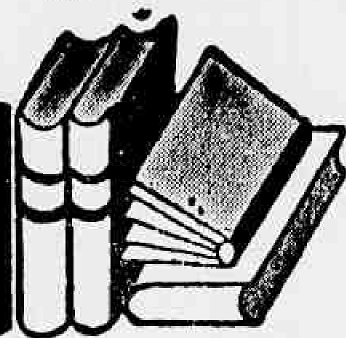
PHILIPS

Novo Estilo

1951 • 1952



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



ANIBAL MATOS é uma das mais completas organizações de artistas do Brasil. Sua obra literária assegura a êsse mestre de letras um lugar de relêvo em nossa bibliografia. Poeta, dramaturgo, jornalista, conferencista, pintor, escultor, historiógrafo, em todos êsses campos da atividade Anibal Matos tem se revelado fecundo trabalhador, criando uma obra original e expressiva. Membro da Academia Mineira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, é ainda diretor da Escola de Belas Artes de Belo Horizonte. Suas obras publicadas compreendem: vinte e duas peças de teatro, seis livros sôbre arte, sete biografias, três romances, estudos, três volumes e treze conferências, sôbre vários assuntos. Para maior realce de sua vasta obra literária, Anibal Matos escreveu três livros de poesias que mereceram da crítica os melhores elogios.

Devemos fixar aqui que só ao idealismo e ao espírito de lutador de Anibal Matos se deve, hoje, a existência e a operosidade da Academia Mineira de Letras: por ocasião da crise que sofreu a instituição, quando, desamparada, nem sede possuia, seus diretores eleitos renunciavam, seus membros não se reuniam, só êle conservou acesa a flama daquele senáculo, a ponto de dizer-se, então — e com alguma ironia — que "a A.M.L. era o Anibal Matos"... O batalhador triunfante, bem merece que se recorde agora o episódio que, se soava naquela época como uma sátira, hoje deve ser inscrito entre as suas mais belas vitórias.

Vem, Poesia

Vem para mim, de leve, na surprêsa
Das veredas do amor indefinido,
Que te cinge a cabeça, com leveza,
Através do caminho percorrido.

Vem para mim, do azul da natureza,
Ou dêsse mar chorando arrependido;
Põe o teu manto feito de tristeza,
Veste de luz o tempo já perdido...

Vem para mim, velada de mistérios,
Flor dos jardins lunares de Verona,
Lua de amor vestindo os hemisférios

Eu te darei a glória do renôvo:
— Vem para mim, nos braços da Madona,
Estrêla da manhã, Rosa do povo.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

★ A ensaista e contralto Dulce Salles Cunha, que recentemente publicou o livro "Autores Brasileiros Contemporâneos", é candidata a vereador, nas próximas eleições paulistas. ★ "Ralé" ("Bas-Fond"), de Máximo Gorki, é o atual sucesso do Teatro Brasileiro de Comédia. Êste drama do famoso escritor russo está agradando plenamente à platéia paulistana. ★ José Escobar Faria pretende lançar, dentro em breve, o seu terceiro livro de versos. A obra intitula-se: "Ritual da Noite". E o poeta em questão parece que se renova formidàvelmente, acrescentando à sua poesia a "amoralidade" característica dos "novíssimos de 48". ★ Para a Melhoramentos, Genésio Moura traduziu e anotou os "Aforismos para a sabedoria da vida", de Schopenhauer. E, para a Editôra Cupolo, Erwin Theodor traduziu, anotou e prefaciou o famoso livro de Nietzsche: "Origem da Tragédia". ★ E, por falar nas Edições Melhoramentos, apareceu nas livrarias "A Carantonha", novela juvenil, da autoria de Afonso Schmidt. Esta obra vem se juntar ao que de melhor já publicou êste escritor paulista. ★ O "Diário de São Paulo" recomeçou a publicar a sua página literária dominical, intitulada: "Arte, Literatura e Crítica". Alguns colaboradores: Alcântara Silveira, Rachel de Queiroz, Dante Milano, Otto Maria Carpeaux, Augusto Frederico Schmidt e Cândido Motta Filho. Com exceção do primeiro e do último, todos os outros escritores são de fora. Aonde estão, portanto, os escritores de São Paulo? ★ Dia 9 de julho fêz dois anos que o jovem poeta Paulo Sérgio morreu. Paulo Sérgio morreu com apenas 19 anos, acometido por uma hemoptise pulmonar. Deixou dois livros, intitulados: "Dez Poemas" (edição da Revista Colégio) e "Poema da Eterna Caminhada" (edição do Clube de Poesia de São Paulo). Acima de tudo deixou um grande vácuo entre os poetas mais novos dessa geração paulista, aparecida em meados de 1948. ★ "Hora Consumada" — eis o título do livro de estréia de Vicente Augustus Carnicelli. ★ O atual organizador da página literária, do suplemento dominical d'"O Tempo", é Domingos Carvalho da Silva. O jovem poeta, autor de "Praia Oculta", tem procurado informar os seus leitores do movimento literário em todo o país. ★ Ao que parece, os fundadores da "Revista Brasileira de Poesia", infelizmente desaparecida em 1949, estão planejando lançar uma nova publicação, desta vez semestral. ★ José Geraldo Vieira realizou uma conferência em Belo Horizonte subordinada ao tema: "A Poesia de Milosz". Também Maria de Lourdes Teixeira falou naquela cidade, sôbre "A Vida e o Exemplo de Simone Weil".



«HOMEM RECLINADO» — Desenho de Darcy Penteado, atualmente fazendo uma exposição conjunta, com outros artistas de São Paulo, em Belo Horizonte.

NOTICIÁRIO

★ *Os novíssimos* estão indóceis. Ao mesmo tempo que se trava pôlemica a respeito dos velhos e dos novos, da geração de 22 e da geração de 45, o Clube de Poesia de São Paulo continua a editar, no Rio funda-se o Clube dos Inéditos, para lançar livros, e em Pôrto Alegre aparecem os "Cadernos de Poemas", também visando tiragem de obras dos escritores e poetas ainda não aparecidos em livros. Muito bem, muito bem.

●

★ *O acadêmico* Levi Carneiro realizou, no auditório do Ministério da Educação sôbre "A Idéia da Morte na Poesia Brasileira", conferência que foi ilustrada pela declamadora Margarida Lopes de Almeida, recitando os poemas citados pelo conferencista.

●

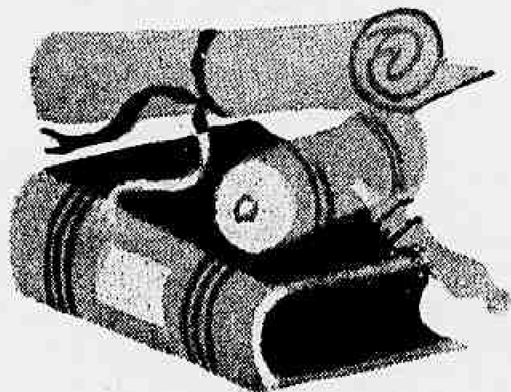
★ *O escritor* francês, Jacques B. Herzog, realizou na Academia Brasileira, uma conferência sôbre "O Crime no Romance Francês".

●

★ *A Editôra* Cupolo está anunciando um romance de fundo histórico e social. Trata-se do trabalho de Hernani Donato, intitulado "FILHOS DO DESTINO". O livro será o primeiro da série "A Marcha do Tempo", programada por aquela editôra e trata da avançada cafeeira e da introdução dos imigrantes europeus no interior paulista.

●

★ *Uma das* principais emprêsas cinematográficas paulistas adquiriu os direitos de filmagem do romance "SINHÁ MOÇA", autoria de Maria Zonne Pacheco Fernandes, cuja 2ª edição apareceu recentemente.



★ *"A ORIGEM DA TRAGÉDIA"* o primeiro e um dos mais vigorosos trabalhos de Nietzshe será publicado nas próximas semanas na coleção filosófica da Cupolo. Tradução, notas e prefácio do professor e jornalista Erwin Theodor.

●

★ *John Steinbeck* iniciou a sua bagagem, agora numerosa, com um romance de aventuras que se passa nos mares da América Central ao tempo em que as águas e as ilhas daquela parte do mundo dependiam realmente dos ferozes piratas. O título dêsse volume é a "A TAÇA DE OURO", já apresentada em tradução.

●

★ *"PROBLEMAS MÉDICOS DA MULHER"*, da autoria do cientista Maxine Davis é um livro bem esclarecido e bem intencionado, escrito como resultado de profunda e dilatada experiência médico-científica.

●

★ *"ALMAS PREDESTINADAS"* romance de ambiente rural foi vivido e escrito por uma professôra de roça D. Maria Aparecida do Nascimento.

●

★ *O QUE TODO NEGOCIANTE DEVE SABER"*, autoria de Ernani Macêdo é um verdadeiro manual para o uso de todo grande ou modesto homem de negócio.

●

★ *Celso Betin* **é um valor jovem que a Editôra Cupolo revelou recentemente através do livro de contos intitulado "A FACULDADE DO CINISMO".**

Fora do Prelo

POEMAS DE MAOS CALEJADAS — Wlodzimierz Domeradzki — (Adatação, de acôrdo com uma tradução literal, por Ary de Andrade) — Vitória — Rio.

Para fazer o registro do aparecimento, em português, em adatação de Ary de Andrade (feita, aliás, de acôrdo com uma tradução rigorosamente literal), o melhor é apelarmos para as luzes, que nos oferecem o prefácio de Pedro Mota Lima, a autobiografia do pedreiro poeta de Varsóvia e, finalmente, para a nota com que o próprio Ary de Andrade nos fala da «poesia socialista». Não estamos aqui bancando o Pilatos, recorrendo à comodidade da bacia: é que se trata de um caso muito novo em nossa poesia e se torna difícil falar de um livro de poemas tão caldeado, antes de entrar na sua versão portuguêsa, sem apoio de maiores autoridades. O livro, sem entrar no mérito da poesia social ou do que o adatador dos poemas de Domeradzki chamou «realismo socialista» — é uma tentativa simpática, por muitos aspectos, revelando um talento poético que se ensaia e que, sem grande variedade de temas ou sem muitas variações sôbre um grande tema, tece seus versos com ingenuidade, voltado para os seus problemas de pedreiro, para a construção civil, para o reerguimento de Varsóvia. Há, aqui, muitas páginas comunicativas e tocantes como, por exemplo, «A Canção dos Tijolos», «Pássaros de Varsóvia» e outras. Sobretudo é de salientar-se, o resultado do grande esfôrço do moço-operário que avançou pela literatura, fazendo jornalismo panfletário e escrevendo versos. Nós, pequenos burguêses, não vemos nisso nenhuma maravilha das democracias populares — somos muito ineptos para enxergar tão longe e, talvez, Domeradzki seja apenas um caso. Nem, por outro lado, encontramos em sua lírica, grandes rasgos de inspiração, pelos quais se possa concluir que sua obra represente acontecimento tão importante e digno de ser espalhado pelo mundo. E' um poeta, sim, mas como há muitos. Sua originalidade consiste em cantar o seu assunto, de certa maneira inédito, cantando-o com pleno conhecimento da matéria, porém em vôos baixos, com um horizonte muito restrito, como que voltado para a sua pá e os seus tijolos. Por isso, cremos que está caindo no exagêro Pedro Mota Lima, quando nos diz que «compreendemos melhor o harmonioso perfil e a grandiosidade do conjunto residencial de Kolo, sentindo através dos poemas de Domeradzki com que amor o edificaram pedreiros poetas». Mas, como acima dissemos, somos apenas pequenos burgueses e isso explica nossa incompreensão em presença da poesia de linha justa. Em matéria de arte poética, por sua vez, êste cantor da democracia popular, embora contando 33 anos, mesmo descontadas as dificuldades que encontrou em sua carreira literária, se acha um pouco atrasado, não se situa no plano que ocupam nossos jovens poetas de vinte anos. Êles dominam a forma poética com segurança muito maior — mas lembremos que êstes poemas são simples adatação, feita sôbre uma tradução literal, onde, portanto, o problema da forma não mereceu cuidados especiais.

Aqui, depois de passar pelo prefácio e pela nota biográfica, chegamos ao ensaio de Ary de Andrade. Nêle declarava o autor a morte das palavras em face do Acontecimento, isto é, devoradas pelo acontecimento. Nega o dógma de Mallarmé: «Poesia se faz com palavras». Ora, mesmo êste poeta do realismo socialista, escreve, isto é, faz poesia com palavras, muitas delas de grande consumo na «poesia coca-cola» — como êle a denomina. Portanto, estaríamos em face dêste problema insolúvel: poesia não se faz com palavras... mas, também, não se faz sem palavras. Entretanto, vemos, adiante onde quer chegar Ary de Andrade, não sejamos tão broncos assim. O que êle não quer são «meros jogos de palavras», designação que concede a tôda a poesia de fora do «realismo socialista». Já aí faz marcha-ré, volta a Mallarmé, incluindo-o, para argumentar, na poesia democrático-popular e conclui: «Poesia se faz com palavras, sim! Porém se faz muito mais com o exemplo que nos oferece o povo guiado pela sua classe operária». Evidentemente há um pouco de confusão na dialética do ensaísta, mas levemo-la à conta de nossa ignorância burguêsa e cocacolífera.

O LIVRO ILUSTRADO



Desenho de A. Ivancich, para capa de «The Unwanted», de Dante Arfelli, traduzido para o inglês por Frances Frenaye. Arfelli é um dos mais significativos valores da atual literatura italiana.

★

UMA ESTRÊLA NO CÉU ESTÁ CANTANDO... — Jaçanã Altair — Edições Melhoramentos - S. Paulo

Quando se começou, no Rio de Janeiro, o movimento de homenagens públicas a Castro Alves, movimento êsse ideado e pôsto em vigor (com muitas dificuldades, e a ampla indiferença mesmo dos centros intelectuais) por João Guimarães, não se podia prever a vibração daí originária. Pois em pouco tempo se reuniam centenas de pessoas que, àvidamente, iam ouvir os oradores das solenidades em louvor do gênio de nosso poesia. E essa campanha empolgou o país inteiro, dando motivo a crônicas, artigos, palestras, conferências, atividades escolares, entusiasmo cívico, livros. Jamais cessou o espírito dêsse movimento iniciado por volta de 1930, com a valiosa colaboração de Darci Teixeira Monteiro, Agripino Grieco, Murilo Araújo e outros — que nos perdoem a omissão — notadamente de Adelaide de Castro Alves Guimarães. O autor de «Beijo, canção de amor...» escolheu, para sua filha, o nome de Ebréia de Castro Alves, glorificando uma das mais luminosas produções do condoreiro. E as homenagens prosseguem, como é de inteira justiça. Ocorreram-nos estas considerações diante do livro de Jaçanã Altair, «Uma estrêla no céu está cantando...» recém-aparecido. São páginas escritas com enternecimento e que romanceiam a vida de Castro Alves, uma biografia bem ao gôsto de nossa época. A autora foi feliz, na apresentação do biografado, em uma atmosfera harmoniosa, afinada com o tema inspirador.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N. 75 para Veteranos

HORIZONTAIS: — 1. Um dos sete pecados mortais — 4. Pátria — 7. Maneiras — 8. Antigo tributo pago pelos que não eram fidalgos — 12. Longínquo — 13. Uma espécie de macaco — 15. Desgastar — 16. Inseto ortóptero, semelhante ao grilo — 18. Cessa por fim — 19. Peixe dágua doce, da família dos Gobiídeos — 21. Presentemente — 22. Espécie de flauta usada pelos tziganos rumenos — 23. Livrar das penas do inferno — 26. Espécie de biscoito — 28. Instrumento musical de sôpro — 29. Conjunto das faculdades intelectuais e morais do homem — 30. Conclusivo — 32. Bebida chinesa — 34. Suprimo — 35. 18ª letra do alfabeto árabe — 37. Nome que os antigos alemães davam à casa dos deuses — 38. Livrar-se.

VERTICAIS: — 1. Língua daomeana falada na região de Acra — 2. 17ª letra do alfabeto celta — 3. Marreco-do-pará (pl.) — 4. Habitam — 5. O absoluto na filosofia hindu — 6. Lagoa do Estado do Rio Grande do Norte — 9. Mamífero da família dos Felídeos — 10. Desinência verbal 11. Falha — 13. Planta tóxica da família das Compostas — 14. O que se serve do nome de outrem na assinatura — 15. Apostas — 17. Falava 18. Tinta — 20. Espécie de macaquinho do Amazonas — 24. Canoa estreita, leve e rápida (pl.) — 25. Verdadeiro — 26. Excursão longa — 27. Puros — 31. Instrumento de música da China antiga — 32. Fazenda — 33. Sufixo diminuitivo — 35. Medida japonêsa de extensão — 36. Semelhança.

*

Problema N. 75 para Novatos

HORIZONTAIS: — 1. A casa — 4. Casal — — 6. Fruto da amoreira — 9. Aparência — 11. Pedra do altar — 12. Mil e cinqüenta, em algarismos romanos — 13. Íntegro — 16. Instrumento musical de sôpro — 17. Mulher fantástica — 18. Abrigara — 20. Artigo plural — 21. Desaba — 22. Sadia — 24. Qualquer objeto — 26. Camareira — 27. Raiva.

VERTICAIS — 1. Satélite da terra — 2. Batráquio — 3. A mulher do filho — 4. Instrumento agrícola — 5. Relação — 7. Guarda de matas — 8. Relativos à raça. — 10. Margem elevada de rio (pl.) — 12. Habitas — 14. Pronome pessoal, 1ª pessoa plural — 15. Espécie de bandolin usado no Iran — 19. Antiga moeda de ouro da França — 20. Gosta — 23. Fileira — 24. Aqui — 25. Grito de dor.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 74 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Atm — Amuam — Anânias — Ac — Ingre — As — Barr — Saco — Tala — Atro — Quid — Rico — Alais — Eiras — Tosai — Cairo.

VERTICAIS: — Aman — Tunga — Mair — Nniridia — Maestria — Ab — Cátulo — Acocar — So — Raias — Ariri — Qat — Oso — Si — Ec.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Cabanas — Iara — Agua — Pi — Ras — As — Ama — Ari — Ir — It — Ela — Ara — Mi — Pai — Ar — Aatá — Area — Miramar.

VERTICAIS: — Caim — Ar — Bar — Nas — Ag — Suar — Ipanema — Asilara — Ai — Aia — Ata — Liam — Cá — Raer — Par — Iam — Ti — Rã.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS

REALIDADE SÔBRE . . .

(Cont. na pág. 15)

QUALQUER COISA QUE O PERPETUE

O modo com que se tem homenageado Santos Dumont mais parece uma rotina do que o exercício de um dever. Passa o dia, passa a semana — e tudo se esquece. O próprio Museu da Aeronáutica não está organizado para reunir as suas relíquias. Com o nome de Santos Dumont, de que se sabe, há o aeroporto do Rio, a cidade onde nascera (antiga Palmeiras) e uma bela sala no Museu Ipiranga, de São Paulo. Até mesmo os aviões que o Brasil começa a fabricar patenteiam-se com marcas variadas — menos com uma que recorde o seu criador!

Aí está o esbôço de uma dívida moral que o Brasil tem a saldar. E esbôço salteado, composto com pedaços catados em velhos documentos amarelecidos da Biblioteca Nacional e em investigações pessoais. Que a Aeronáutica — a mais cordial das nossas armas — tome a liderança do seu pagamento.

NO CORAÇÃO DO . . .

(Cont. da pág. 33)

conhecida é dos paulistas, tomou conta da cidade e é grande a popularidade dos seus pratos. A "Pizza", por exemplo, é tão popular quanto é o jabá, no norte.

ARTE, CULTURA E ECONOMIA

Mas seríamos injustos se não lembrássemos, aqui, o que fêz a colônia italiana pela arte, pela cultura e pela riqueza de S. Paulo e do Brasil. Foi marcante sua colaboração nesses campos, e nos deu grandes expoentes na pintura, na escultura, na literatura e no mundo do dinheiro. E' um Portinari, que revolucionou a pintura brasileira; é um De Marco, o pioneiro das chuvas artificiais no Brasil; é um Mário Donato, consagrado como o maior "best-seller" nacional da atualidade e muitos mais. No comércio e na indústria, você encontrará grandes fortunas; as maiores organizações econômicas e financeiras ostentam nomes italianos e ninguém desconhece que as grandes fortunas brasileiras estão nas mãos dos descendentes dêsses imigrantes.

E os homens que, há anos, atravessaram o mar, buscando, no Brasil, calma, trabalho e riqueza, relembram, hoje, saudosamente, os tempos da mocidade, felizes de haverem legado aos filhos uma pátria livre e promissora, na qual êles forjaram a segurança de suas famílias, sob o sol dos campos ou entre as paredes frias das fábricas. Hoje, seus descendentes continuam a obra, lutando, trabalhando pela melhoria da vida, na terra que seus maiores lhes legaram.

São brasileiros, amam o Brasil e por êle trabalham. Contudo, respeitam os costumes de seus pais e de seus avós, falam sua língua, compreendendo quão heróica foram suas vidas e sua importância no desenvolvimento do maior centro industrial da América do Sul, do qual tanto se orgulham e esperam os demais filhos desta imensa Nação.

O DIÁRIO DE . . .

(Cont. da pág. 25)

listas chinesas". Passaram-se os anos e não se encontrou uma solução para o problema.

Notas mais extensas, apanhadas por um assistente, mostram que, afinal, foi encontrada a solução, justamente como aconteceu em tantos outros debates de alta política durante o inverno. Ficou, portanto, deliberada a retirada da fôrça armada. "Patterson disse que, no dia 1º de novembro, êle escreveu um memorandum... a Byrnes, declarando que em conseqüência dos planos da acelerada desmobilização que se fazia, no mês de abril vindouro, encontrar-se-ão na Europa apenas uns quatrocentos mil homens... Na China estaremos enfrentando a mesma redução e o mesmo problema. Além do declínio numérico nas nossas fôrças, sofremos também a perda do seu prestígio bélico que é imenso. Patterson estava tam-

VARIZES EM SENHORAS

E HEMORRÓIDAS EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das **varizes.** Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males **hemorroidários** (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. **Par varize** (nas pernas) tome o liquido via bucal e friccione a pomada no local. **Para hemorróidas** use a pomada no local e tome juntamente o líquido. USE DURANTE 3 MESES. Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., **Caixa Postal 1874 São Paulo**

Hemo-Virtus LIQUIDO POMADA

H-10-4 Ag. Petinatti

O preço desta revista em todo o Brasil é Cr$ 4,00.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro, Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

bém de acôrdo em que estas fôrças não eram suficientes para a manutenção de uma influência eficaz sôbre a nossa política nacional e geral. Êle sabia que o Departamento de Estado considera, sem dúvida alguma, muitíssimo importante a manutenção de uma fôrça militar adequada, mas, infelizmente, o Congresso não pensa assim. Quanto à organização do Departamento de Guerra, dizem que, se o Exército fôr desmobilizado ràpidamente, permanecerá a mesma atual... Byrnes disse que a situação na China era a sua preocupação máxima."

WENDEMEYER CONTORNA O DILEMA

WEDEMEYER foi consultado e manifestou-se enviando uma série de telegramas longos e exaustivos na sua análise da situação, embora um pouco mais esclarecidos do que os do Departamento de Estado, no que se refere às providências que podem ou que devem ser tomadas sôbre o caso. No dia 20 de novembro, Wedemeyer enviava as recomendações finais dizendo: — *ou* retiramos tôdas as tropas de uma vez *ou* então continuaremos com o auxílio militar-econômico que vimos prestando a Chiang Kai-Shek. Em 23 do mesmo mês, declara impossível o auxílio a Chiang, uma vez que ficamos fora da guerra que êle faz aos comunistas chineses. Um apoio dessa espécie, prestados pelos Estados Unidos ao govêrno nacional, arrastará o nosso país para uma guerra fratricida. Eis o que há de mais certo... Se a unificação da China e da Mandchúria, pelas fôrças nacionais chinesas, vier a ser a política americana, teremos que participar de uma guerra civil e é bem provável que até mesmo de uma guerra contra a União Soviética. Se assim fôr, careceremos de tropas americanas para refôrço muito maiores do que as que se encontram no momento garantindo a política adotada". Êle acha que o assunto deve ser resolvido pelo Departamento do Estado.

Em 26 de novembro, foi redigido um longo memorial para o Secretário de Estado, com as assinaturas de Forrestal e Patterson, expondo as conclusões tomadas pelos departamentos militares. O dito memorando, como se sabe, não foi um modêlo de clareza, de exatidão ou de decisão, pois os seus dizeres são um tanto vagos, embora enérgicos. As recomendações definitivas eram: a conservação dos fuzileiros navais no norte da China, "dependendo, entretanto, da definição da política do país", apesar do perigo de sermos envolvidos numa luta fratricida; dar todo o auxílio possível a Chiang, no que diz respeito à repartição dos japonêses, e, finalmente, procurar fazer um acôrdo internacional sôbre a China e a Mandchúria, entre as nações mais fortes, com a inclusão da U.R.S.S.

QUE DIREMOS AOS RUSSOS?

O documento acima foi debatido, no dia seguinte, na reunião das Secretarias de Estado, da Guerra e da Marinha. Forrestal indagou se o assunto não poderia ser "pràticamente" remetido para o local que era o centro da questão, isto é, Moscou. Byrnes estava "embaraçado" por não saber o que dizer dos russos, mas, depois de muitos debates, surgiu a sugestão, por êle apresentada, que foi a seguinte: — "Levando tudo em consideração, talvez seja mais acertado procurarmos forçar o govêrno chinês e os comunistas chineses a se unirem num compromisso básico e dizermos ao generalíssimo Chiang Kai-Shek que retiraremos o nosso apoio ao seu govêrno, caso êle recuse a aceitar a decisão. Seria também conveniente dizermos à Rússia qual a nossa intenção e procurarmos atraí-la para esta política. Patterson declarou que, na sua opinião, o nosso interêsse máximo é ver a China unida pelo Generalíssimo Chiang Kai-Shek, caso isso seja possível."

Finda esta reunião, os membros da mesma dirigiram-se para o almôço do Gabinete, onde os esperava uma surprêsa.

ALMÔÇO DO GABINETE
A renúncia de Hurley
27 DE NOVEMBRO DE 1945

NO almôço hoje realizado pelo Gabinete, o assunto do dia



PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL A FRUTA BRASILEIRA CUJO NOME CIENTIFICO É «ANACARDIUM OCIDENTAL»

A manga?
O abatacate?
O caju?

2 — UM SINÔNIMO PARA VITRINA

Montra?
Marquise?
Moquém?

3 — DE ONDE SE EXTRAI A MORFINA

Do ópio?
De um mineral?
De sementes do mamão?

4 — QUE NOME TEM A PARTE ESSENCIAL DA CÉLULA DOS ORGANISMOS VIVOS:

Protoplasma?
Protozoário?
Pátera?

5 — QUE SIGNIFICA «RÓSCIDO»

Estragado?
Mal lavado?
Orvalhado?

6 — UM SINÔNIMO PARA SORTILÉGIO

Acertar na sorte?
Feitiçarias?
Cambalear?

7 — PORQUE SE DIZ QUE A TÚNICA DE CRISTO ERA INCONSÚTIL:

Porque era de algodão?
Porque não tinha costuras?
Ou porque nela não se tocava?

8 — QUE NOME SE DÁ AO ÔVO QUE SE DEIXA NO NINHO PARA SERVIR DE CHAMA ÀS GALINHAS:

Incubo?
Hidróbio?
Indez?

9 — QUE NOME TÊM OS PÁSSAROS QUE POSSUEM BICOS FENDIDOS:

Fiduciados?
Fissirrostros?
Espurcícios?

10 — QUAL A PARTE DO COMETA QUE TEM O NOME DE «ESPADANA»:

A cauda?
A cabeça?
A ponta da cauda?

11 — QUAL É O ANTÔNIMO DE TRANSATLÂNTICO

Trivial?
Cisatlântico?
Oceanal?

12 — QUAL A VERDADEIRA DENOMINAÇÃO DOS NATURAIS DO CONGO:

Congolense?
Congolês?
Conguense?

13 — QUE SIGNIFICA «PREAMAR»

Maré vazante?
Maré cheia?
Tempestade marítima?

14 — DE QUE OBRA FAMOSA É O PERSONAGEM SANCHO PANÇA

Da Divina Comédia?
Dos Lusíadas?
Do D. Quixote de La Mancha?

15 — DE ONDE SE ORIGINOU O VERBO PORTUGUÊS «SARAR»

Do latim sanare?
De «salugar»
De «sugar»?

(Respostas na pág. 54)

ÁGUA INGLÊSA GRANADO

GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

foi o pedido de demissão de Pat Hurley, do cargo de Embaixador na China, por haver sabotagem no seu trabalho para a reconciliação entre o P.C.C. (Partido Comunista Chinês) e o Generalíssimo Chiang Kai-Shek. A resolução por êle tomada foi uma verdadeira surprêsa, tanto para o Presidente como para o Secretário de Estado, pois ambos estavam convencidos de que Hurley tinha concordado em voltar para a China.

Depois do almôço foi posta em discussão a questão da nomeação do provável sucessor e Clinton Anderson, secretário da Agricultura, sugeriu o nome de George Marshall para abafar os cabeçalhos dos jornais, no dia seguinte, sôbre a renúncia de Hurley. A opinião de todos foi que Marshall seria um embaixador competente. O Presidente declarou que estava em dúvida se devia ou não encarregar Marshall de mais alguma coisa, pois êle estava descansando, depois de cinco anos de árduo trabalho. O Presidente nos disse, particularmente, que o lugar que tinha em mente para Marshall era o de presidente da Cruz Vermelha. Ficou então decidido que Marshall iria à China na qualidade de Enviado Especial do Presidente e temporàriamente. Mais tarde, o Presidente telefonou para Marshall e êste aceitou. Marshall ficou, portanto, encarregado de pôr em execução a política que Byrnes tinha planejado na manhã daquele mesmo dia.

O próximo artigo:
"CRISE COM A IUGOSLÁVIA"

FREI LUÍS DE SOUZA

(*Cont. da pág.* 45)

D. Maria de Noronha, rosa mal desabrochada, que o destino feriu com uma doença mortal.

Estava-se em pleno domínio castelhano e o fidalgo D. Manuel de Sousa Coutinho, como protesto contra o usurpador que, por virtude da peste em Lisboa, resolvera utilizar o seu palácio em Almada, como moradia temporária de alguns dos seus servidores, não hesita em incendiá-lo transferindo haveres e família para aquêle que pertencera a D. João de Portugal e que a sua mulher D. Madalena, pertencia também.

D. João de Portugal não tinha morrido. Fôra cativo, depois do desastre de Alcacer, e ali vivera durante 20 anos, na esperança de poder voltar um dia ao seu lar, aos braços de sua mulher.

E volta!

Os presságios de Telmo Pais, confirmam-se.

Na figura dum Romeiro, que de longas terras vem trazer novas de D. João, apresenta-se no seu palácio. D. Madalena, no auge da maior angústia, sabe que o marido é vivo. A tragédia de sua bigamia involuntária, levanta-se como espectro no seu espírito. Aquela revelação é a sua desonra e a da sua pobre filha, vítima inocente da obra do destino.

D. Manuel de Sousa Coutinho, em presença daquela terrível verdade, resolve amortalhar no hábito de Frei Luis de Sousa, a desventura de seu drama de amor.

D. Madalena de Vilhena também irá esconder, num hábito de freira, a sua imensa desgraça.

A investidura dos dois nas ordens monásticas tem a assinalá-la a morte de D. Maria de Noronha, essa flor mal desabrochada que, ao fogo da tragédia das paixões em que o destino queimou o seu pequeno coração, não resiste mais, apagando para sempre a prova dum crime que os pais haviam cometido inocentemente.

O Romeiro, ou seja, D. João de Portugal, êsse, depois de certificar-se pelo seu fiel aio Telmo Pais, de que sua mulher o mandara procurar por tôda parte e só ao fim de sete anos, convencida de que êle morrera, se decidira a aceitar por marido a D. Manuel de Sousa Coutinho, quer reparar o mal que fizera a sua presença naquele lar desfeito.

Mas é tarde de mais! Para aquelas almas puras e retas, existia o crime à face de Deus e dos Homens.

Por isso renunciaram ao mundo, no seio de Deus!

IRMÃS MALDITAS

(*Cont. da pág.* 36)

Os criados, interrogados, informam que ali estivera apenas Fernando. Roberto reaparece para dirigir as investigações.

De novo a perturbadora semelhança de Margarida com Maria lhe aviva no coração o desespêro, que a morte da única mulher que amara lhe causara.

Margarida não esconde também a sua emoção diante de Roberto. Adivinha os seus pensamentos e pergunta:

— Ainda a ama?

— Sim... Como se ama um sonho... alguém que jamais retornará...

— Se fôsse possível voltar a êste mundo...

Roberto estranha as palavras de Margarida.

— Por que fala assim? Nunca acreditei que a senhora pudesse ter uma vida interior tão intensa... Amou alguma vez?

— Sim... também algo que jamais retornará... Uma recordação sem esperança...

— Seu espôso?

— Não... O destino me conduziu sempre para o lado oposto do que amo... E agora sinto inveja de minha irmã, apenas porque o senhor a ama... É maravilhoso sentir-se amada! Sou rica! Posso ter tudo o que quero... Sou a viúva Montes de Oca... e milionária... mas a mais triste e solitária de tôdas as mulheres...

★

A polícia consegue prender Fernando, quando êste tentava escapar da cidade. O miserável confessa ter recebido o quadro de Margarida, para que não a denunciasse como cúmplice do assassínio de seu próprio marido.

Tôda a sinistra trama da morte do milionário se desvenda, para escândalo da sociedade mexicana.

E Margarida, enquanto segue para o cárcere, murmura baixinho, como se falasse à própria alma, envôlta não se sabe em que tenebroso mistério:

— Como se não tivesse morrido...

FIM

A VINGANÇA

(Cont. da pág. 48)

que um herói — era um ídolo. O médico já estava cansado de ouvir os seus protestos de gratidão eterna e eterna amizade. "O senhor, doutor, é mais do que um pai". E sempre que a êsse assunto êle voltava, Gaspar fugia, trancava-se na sala e lá se ficava imerso em profunda cisma, os vincos do rosto mais profundos.

O fato é que a saúde do outro devolvendo-lhe a robustez antiga, os antigos modos, até aquêle jeito de consertar a gravata, torcendo o pescoço para o lado, foi aos poucos identificando o homem de hoje com o sedutor de outrora e raspando no coração do médico a crosta de indiferentismo com que o tempo o envolvera. E a ferida descoberta se reinflamava. Recomeçava a doer...

Ora, um dia de outubro, decorridos três meses desde a noite em que para ali viera quase morto, o moço entrou precipitadamente, em casa procurando doutor Gaspar. Vinha radiante. Foi dando a notícia.

— Sabe, doutor, vou-me embora segunda-feira. Desce um carro de Ruy Barbosa e prometeram-me levar. Zeca, o chofer vem buscar-me aqui.

(Cont. no próximo número)

Respostas ao teste

1—O caju
2—Montra
3—Do ópio
4—Protoplasma
5—Orvalhado
6—Feitiçarias
7—Porque não tinha costuras
8—Indez
9—Fissirrostros
10—A cauda
11—Cisatlântico
12—Conguense (ou conguês)
13—Maré cheia (ponto máximo)
14—D. Quixote de La Mancha
16 — Do latim «sanare».



Só é velho... quem se sente velho!

USE

LOÇÃO BRILHANTE

Diminue a seborréa e evita a caspa.
Devolve a juventude e a côr natural aos seus cabelos.



Loção Brilhante

LABORATÓRIO ALVIM & FREITAS S.A.
S. PAULO

★

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas, adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA
Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso
À venda nas boas Farmácias



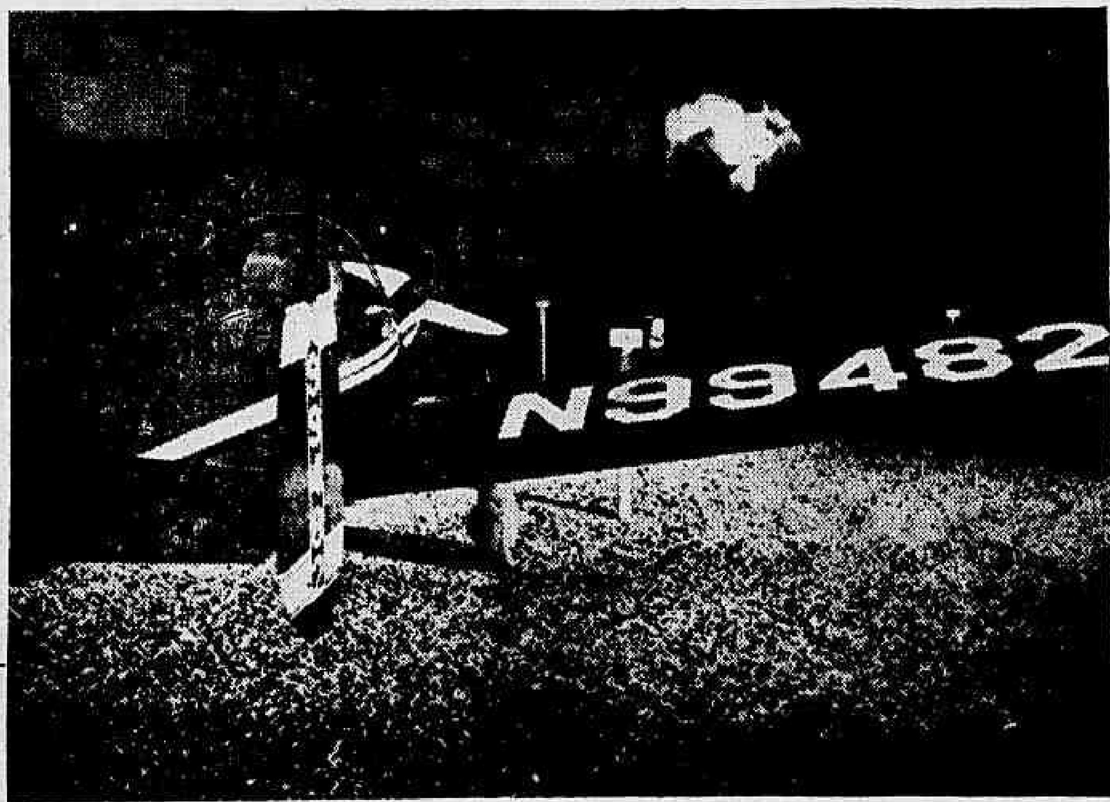
AIR FRANCE

é a chave de novos horizontes....

RIO DE JANEIRO — Av. Rio Branco, 257-A - Tel. 42-8838
SÃO PAULO — Rua Líbero Badaró, 184 - Tel. 32-3902
RECIFE —— Av. Guararapes, - 210 - Tel. 7549



A BELA E A FERA não são cousas de brincadeira, como muita gente pensa. Vejam o que se está passando com esta lindíssima senhorita de Paris. Ela não parece ter medo da «ferragem» afiadíssima dêste feroz lobo mau. Chegou mesmo a provocar-lhe a ferocidade selvagem, triscando-lhe o focinho com os dedos delicados. Essa jovem tem muita confiança em sua beleza, e procura fazer propaganda da fábrica de sapatos para a qual é modêlo. Mas, quando a gente olha bem para o clichê, verifica que se trata de lobo empalhado, de Museu...



PODE-SE ASSISTIR A FILMES de aeroplano? Se se pode! Vejam os leitores o que apresentamos nesta página: um aparelho de turismo dos Estados Unidos levou os seus tripulantes até a um campo de pouso onde se exibiam fitas ao ar livre. Milhares de pessoas lá estavam de automóvel, bicicleta e a pé. Mas chegou uma nova classe de fãs: a dos aviadores. O aparelho aterrou e se colocou próximo à tela. Sem saírem dos seus assentos, os curiosos aeronautas viram tudo e se elevaram com a maior comodidade lá pelos ares da cidade de Farmindale.

TUDO ISTO

Ver três vêzes



Diziam os mais antigos que, quando a gente tivesse de agir violentamente, ou desejasse apurar umas tantas coisas contra terceiros, devia "ver três vêzes" para então fazer a coisa. Nada de tomar atitudes irrefletidas, pois, muitas vêzes, a pessoa apressada passa por terrível decepção. Foi justamente o que aconteceu ao Sr. João Francisco de Sousa, funcionário público, residente em Nilópolis. O Sr. Francisco de Sousa, de há certo tempo a esta parte, vinha sendo avisado de que sua espôsa, da qual estava separado, não procedia bem. Contudo, não podia agir judicialmente promovendo o desquite, porque só havia contra ela meras suposições. Como em direito não basta "dizer", e sim é preciso "provar", o cidadão nada pudera fazer para desquitar-se da mulher. Faz poucos dias, estando lá pela Av. Marechal Rangel, perto ao cinema "Coliseu", viu sair daquela casa de diversões uma senhora de braço dado com um cavalheiro. Subitamente, sentiu o Sr. Francisco de Sousa subir o sangue à cabeça. Sem procurar "olhar três vêzes", para certificar-se bem, investiu para a senhora e lhe vibrou bofetadas e pontapés, dizendo-lhe mil palavras grosseiras e injuriosas. Tomada de surpresa, a agredida nem teve tempo de defender-se. Seu companheiro atracou-se com o violento homem e, por fim, foram parar no Distrito. E ali, tudo se explicou: que engano dos diabos! Aquela senhora não era a sua mulher. Era a espôsa do cavalheiro que a acompanhava! Que azar, seu Sousa!

Entre o amor e a motocicleta



Darci era pintor. Alma de poeta, desejava ardentemente encontrar uma jovem que o compreendesse e o amasse com tôda a fôrça de seu coração virgem. E achou o modêlo sonhado por sua imaginação. Ela também se apaixonou pelo artista. O namôro vingou, as famílias aceitaram o casamento e êste foi marcado para daí a uns dez meses, tempo necessário à arrumação da noiva. Êle também precisava acumular algumas economias a fim de dar confôrto à sua digna mulherzinha. Um dia, porém, o nosso Darci teve a idéia de comprar uma motocicleta. Já se imaginava a desfilar pelas estradas e avenidas asfaltadas, conduzindo à garupa a espôsa amada. Iriam fazer pique-niques lá para a Quinta da Boa-Vista, Ilha do Governador, praias de São Conrado, Barra da Tijuca, Alto da Boa-Vista, etc., sem depender de condução alheia. Sua possante motocicleta seria a serva fiel para levá-los vitoriosamente por todo êste Rio admirável e encantador. Comprou a máquina e, num domingo, quis fazer a surprêsa à noiva Foi visitá-la guiando o veículo, que estava alinhado. Mas a moça não gostou da compra. Ela achara extravagante a idéia da motocicleta e o censurou acremente. E o pior: ela rompeu o noivado porque o rapaz adquirira o veículo. Nada a demoveu do seu gesto. O rapaz, profundamente magoado, retirou-se, escreveu uma carta a pessoas de sua família, voltou à casa da ex-noiva e suicidou-se à porta de sua amada. Foi a primeira vez que se viu uma noiva ter ciúmes de uma motocicleta.

Esta é incrível



Até hoje todo mundo vive piançando por um emprêgo público. Ser funcionário do govêrno é a paixão, o anelo, o sonho da grande maioria dos nossos patrícios de ambos os sexos. Pois em Minas há um homem, o dr. José Amaral Pinto, residente em Belo Horizonte, que está louco por ser demitido de dois lugares oficiais. Desde muito que vem implorando ao governador que o demita de duas funções públicas e bem remuneradas. Os cargos que ocupa são: Chefe de Serviços da Secretaria de Finanças e Membro do Conselho de Contribuintes do Estado. Não quer ser funcionário público. E' contra seu gôsto que ainda está nomeado e a receber os honorários do Tesouro estadual. Já está cansado de pedir exoneração. Como esta não veio até agora, o dr. Amaral Pinto, o demissionário, acaba de bater às portas da Justiça com um mandado de segurança originalíssimo, absolutamente inédito nos anais forenses dêste mundo e do outro: mandado de segurança para ser... demitido! Os tribunais estão cheios de medidas dessa natureza para manter-se o peticionário em seu lugar. Pois com o Sr. José Amaral Pinto a coisa é diferente: êle quer que a Justiça o demita! Na petição que dirigiu ao Tribunal, chegou a prevenir os juízes que faz questão de ressalvar os seus direitos de responsabilizar o Estado em ação futura, por perdas e danos resultantes da demora em ser exonerado. Êsse homem merece uma estátua!

ACONTECEU

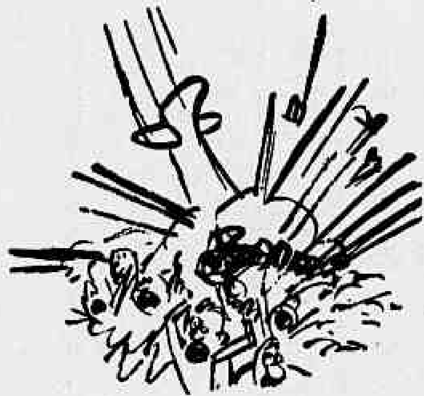
Que chute!

Esta sucedeu em Lisboa. O juiz internacional, Reis Santos, estava apitando uma partida de futebol bastante movimentada, quando sucedeu um caso lamentável. Quando um dos jogadores, no ardor de sua vontade de vasar o "goal" do adversário, desferiu o pontapé violento, a bola foi atingir em cheio o rosto do juiz. Até aí, não há lá coisa muito original; mas, quando dissermos ao leitor que o mesmo juiz estava com o seu apito na bôca e êste, com o choque, lhe arrebentou vários dentes e se meteu de guela a dentro, sufocando o homem, o assunto chega a ser trágico. Pois foi o primeiro caso, na longa vida do "football association", em que um juiz engole o apito sem querer fazer mágicas para jogadores e público. O objeto de sua autoridade, que pode paralisar os times e a respiração de milhares de pessoas, desceu pelo esôfago e foi instalar-se cômodamente no estômago do Sr. Reis Santos. E' claro que tudo parou enquanto o juiz, com a bôca ensanguentada e um forte sabor de azinhavre na língua, foi socorrido imediatamente e nomeado um juiz "ad hoc" para continuar a partida. O caso merece atenção por parte dos nossos juízes. Nada de ficar com o apito na bôca durante as investidas dos nossos valentes chutadores. Essas fatalidades, que já ocorrem em Portugal, podem muito bem ser repetidas aqui, uma vez que somos irmãos e amigos. E, se acontecer caso igual, não será nada bom vermos juizes saindo do campo *apitando* para o Pronto Socorro.



Acidentes evitáveis

Embora, em geral, todos acreditemos na ação da fatalidade, a experiência ensina que muitos acidentes mortais poderiam ser evitados. E' do nosso Direito Civil a culpa sôbre pessoas que provocam acidentes por negligência, imprudência e outros fatôres de indiferença ou ignorância. Veja o caso ocorrido, faz pouco, em S. Paulo, com um caminhão-tanque de uma emprêsa de gasolina. Carregando milhares de litros de combustível, o veículo descia uma rua em declive, desenvolvendo grande velocidade. Numa curva, faltando os freios, foi o pesado carro de encontro a uma casa, e espalhando gasolina numa extensão de quase duzentos metros. Não se sabe como, o combustível incendiou-se e várias habitações de proletários foram reduzidas a cinzas, saindo muita gente ferida, inclusive duas crianças que estavam a brincar no terreiro de uma delas. Fatalidade? Não. Negligência, facilidade, ausência de compreensão do seu dever pelo motorista. Quase sempre os acidentes são causados por isso, botando-se a culpa na tal fatalidade. Na cidade de Flager, Colorado, Estados Unidos, numa festa de aviação, houve um desastre de tristíssimas conseqüências, com cêrca de vinte e cinco mortos e mais de meia centena de feridos, alguns gravemente, que poderia ter sido evitado. Um avião de treinamento, monomotor, ao fazer acrobacias sôbre a massa de assistentes, não conseguiu sair da "picada" e caiu sôbre o povo. O aparelho se despedaçou contra automóveis e gente. Morreu o pilôto e deixou uma carnificina atrás de si.



O mundo às avessas



Não há dúvida: estamos de pernas para o ar! Antigamente eram os homens que brigavam entre si pela posse de mulheres. Narra a história os mais curiosos episódios de guerras e duelos para a conquista da bem-amada. O rapto das Sabinas, a guerra de Tróia, as românticas batalhas dos cavaleiros medievais, obras famosas que tiveram por tema o Amor bem disputado, tudo isso girava em tôrno da audácia do homem em busca de sua beldade. Cervantes produziu a mais famosa história de aventuras do mundo, tendo por motivo êsse amor dos cavaleiros na defesa de suas donzelas. Pois atualmente o mundo está virado ao avêsso. Já não são os homens que vão brigar, subir serras, descer montanhas, dar o sangue e a vida pelo seu amor de saias, ou de "shorts", de maiô, ou de tanga. São elas, as filhas de Eva, que lutam pelo tipo de seus sonhos. Mas não lutam legalmente, como é velho fazer. Já se postam à beira das estradas e intimam o marmanjo a pertencer-lhes! Está em um telegrama vindo de Nova York, aí pelo meado de setembro: Um homem de 27 anos, de nome James Anderson, residente em Far Rockway Queens, ia com seu carro pelos arredores daquela praia, quando uma jovem lhe pediu carona. Logo que se viu ao seu lado, puxou um punhal e intimou-o: "Siga êsse caminho, se não morre!" O rapaz obedeceu e ela o levou até uma casa isolada, onde havia mais duas colegas. Ali, o palerma foi "violentado"! Deu queixa à polícia, e o delegado achou prudente prevenir os rapazes: "Evitem andar fora de hora! Cuidado com as mocinhas..."



EMBORA A COROA não seja nem de ouro, nem de lata, e sim de cartolina, êste que está sendo coroado é um atual Rei do Box: Joe Walcott. O menino que lhe coloca a coroa é o seu fã número um, Jimmie Slater, de doze anos de idade e residente em Nova York. Jimmie acompanhava o campeão de pêso pesado quando êste estava fazendo os treinos a trotar ao ar livre, enxugando-lhe o suor e lhe dando água. Quando Walcott venceu Ezzard Charles, o menino quase morre de emoção e de contentamento. Daí sua lembrança de coroar o seu famoso ídolo.



NÃO HÁ QUEM não conheça o processo de os circos do interior fazerem sua propaganda de estréia. O palhaço monta de frente para a cauda do burrinho e sai gritando: «Hoje tem espetác»!». E a meninada: «Tem, sim sinhô!» Pois esta fotografia não é nada disso. Nem ela é palhaço, nem o burrinho é de circo. Trata-se de cousa muito fina e aristocrática. Corinna Lucidi, de Florença, está em passeios por Capri, a encantadora estação de turismo da Itália. Ali lhe disseram que a moda é montar assim e sair a passeio, com o burrico e o alemão puxando.

A REVISTA

Há 50 anos

(Domingo, 20 de outubro de 1901)

SÓ HÁ CAVAÇÕES...

A penúria geral tem aguçado extraordinàriamente o instinto da "cavação", confirmando assim o velho tema de que não há como a miséria para despertar nas imaginações as faculdades criadoras. Já o ensilhamento foi pródigo em armadilhas geniais, contra a boa-fé, a ingenuidade e a ignorância do próximo. Agora chegou a vez dos monopólios. Então havia lugar para tôdas as fantasias porque o dinheiro andava a granel; presentemente, a escassez de recursos não tolera generosidades nem partilhas. A fortuna implica a mutilação, mesmo a liquidação de umas tantas criaturas. Entramos em pleno reinado do egoismo. E' êle o soberano senhor de tôdas as coisas, visiveis e invisiveis. "Ceci tuera celá": o monopolista matou o incorporador. Até agora, a maior parte dos pretendentes tem sossobrado neste assalto à liberdade e à bôlsa dos seus semelhantes. Mesmo alguns monopólios efetivos, como o das carnes verdes, tem sido gloriosamente furados. Mas o fenômeno não deixa de ser interessante como o sinal dos tempos, dessa febre de enriquecer, seja como fôr, custe o que custar. Licita? Ilicitamente? Que importa?... O ouro tudo compra, o ouro tudo lava.

....

Lavar pùblicamente a roupa suja no Rio de Janeiro... Mas não sei de terra onde mais ao pintar caiba o sizudo preceito de que a roupa suja lava-se em familia. A nossa roupa suja carece de um resguardo cauteloso aos olhos dos curiosos, dos importunos e dos bisbilhoteiros. A sua lixivia não pode ficar à mercê do primeiro analista que se lembre de decompô-la nos seus elementos quimico-psicológicos. A própria roupa do monopolista não resistiria à perversidade sábia dos ácidos. Não há eloqüência que valha a fórmula concisa de uma análise de laboratório. A nossa roupa branca é a confidente mais intima das nossas intimidades menos confessáveis. A sua côr imaculada é como a candura das virgens: uma sombra a macula, um perfume mais forte a atraiçoa, um vinco mais insistente, uma prega mais acentuada a denunciam. No amarrotado de uma renda de Malines, nas malhas caidas de um entremeio, num cadarço quebrado, num fôlho descosido, há tôda a implacável crueza de um corpo de delito. Um salpico de lama, uma nódoa de borgonha — que revelação! E nestes tempos de cultura vasta e requintada, que tremendos dramas morais não podem surgir de um conflito entre o opoponax e o jicky, o foin coupé e o lilás fraternizando no mesmo colête, namorando-se na mesma camisa?...

JACQUES BONHOMME

DESCONFIADOS



— Esconde o violão, Chico, esconde o violão.

— Ora essa! Por que?

— São proibidas as serenatas e está em nossa frente um leitor da REVISTA com os olhos muito arregalados...

— ?!

— Pode ser uma autoridade disfarçada...

(Charge de RAUL)

TEATROS

A FESTA artística de Clara Della Guardia foi das mais brilhantes de que há memória no Rio de Janeiro. Embora tardiamente, o público fêz justiça a essa mulher de verdadeiro talento, fanática pela sua arte e que, de ano para ano, aperfeiçoa seus grandes dotes naturais. Palmas, vivas, flores, chamados sem conta, preencheram essa serata inolvidável. No dia seguinte Della Guardia firmava contrato com a Emprêsa Milone para 1903, quando virá novamente ao Brasil, Argentina e Uruguai, começando a execução pelo Rio, que a artista ama com sinceridade.

Dois outros atos dignos de registo: o reaparecimento das graciosas e corretas artistas Cinira Polônio e Pepa Ruiz na «Viagem de Suzette», no Recreio, e o da não menos gentil e talentosa Palmira Bastos na «Pericholes», no Apolo. Na primeira peça destacaram-se também Brandão, Machado e Antônio Serra. — Para substituir a companhia portuguêsa está em organização outra nacional, com Medina de Souza, Blanche Grau, Maria del Carmen e Ismênia Mateus, e primeiros atores cômicos Peixoto e Colás. A peça de estréia, ainda êste mês, será «Viagem a roda do mundo em 80 dias».



A notável atriz Clara Della Guardia, que tanto sucesso vem alcançando no Teatro São Pedro de Alcântara.

NOTICIÁRIO

★ No Forte do Leme, em Copacabana, acha-se acampado o 1º batalhão de infantaria do exército, composto de 238 homens entre oficiais e praças, comandado pelo tenente-coronel Júlio Barbosa. O referido batalhão está ali acampado em completo pé de guerra, achando-se pronto a repelir qualquer ataque.

★ Com o título «Touring Club do Rio», fundou-se nesta cidade uma agremiação de amadores de esporte nos seus diversos ramos, que se destina a dar incremento entre nós, ao ciclismo, pelota, tiro ao alvo, etc. Ao representante desta fôlha a diretoria ofereceu como lembrança uma bela carteira de couro da Rússia.

★ Vem de ser descoberta nos Estados Unidos uma nova «typewriter» própria para cegos, com teclado pelo sistema Braille. Os privados da vista poderão também escrever à máquina, modalidade que êste ano começa a ser muito divulgada também no Brasil.

POR ÊSSE MUNDO

NO LAGO de Gênova pescaram ùltimamente um peixe enorme, para o comum dos habitantes daquelas águas. Media um metro e setenta de tamanho e pesava setenta quilogramas. Foi um acontecimento genovês.

— NO BANCO de Milão foi descoberta uma série de roubos, no valor de quinhentos contos de réis, praticados por um empregado do estabelecimento que foi prêso.

— FORAM VENDIDOS em Londres curiosos autógrafos, entre êles uma carta em que o carrasco Sanson narra a execução, por êle praticada, de Luís XVI e na qual presta homenagem à corajosa atitude do rei. Também se vendeu uma carta de Luís XVI dirigida, em 1792, ao presidente da Assembléia Nacional, outra de Mme. Roland e finalmente algumas linhas escritas por Maximiliano e Robespierre, em 1795, que renderam 425 francos.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 42 ★ 20-10-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5802 ★ Gerência: 22-8347 ★ Contabilidade: 22-2550



MÓVEIS E DECORAÇÕES

GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas

TAPETES E PASSADEIRAS

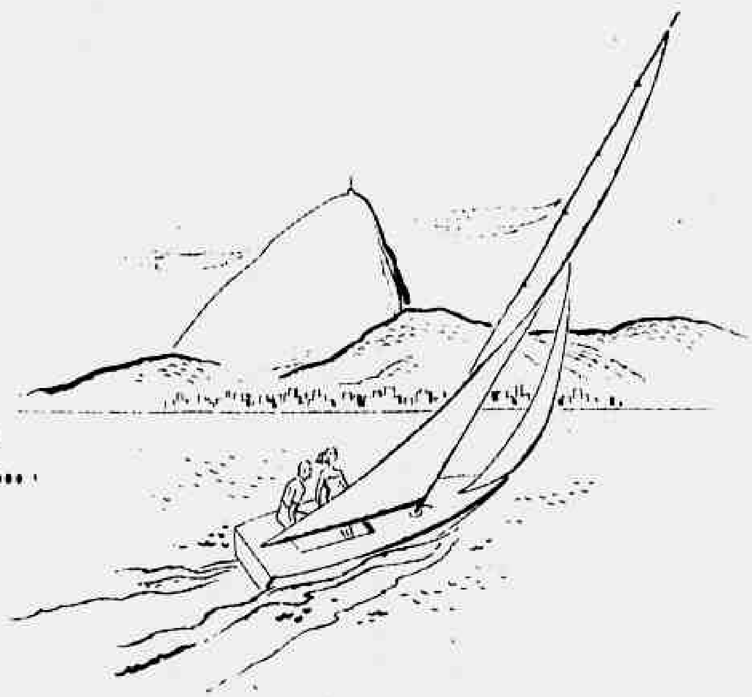
de forração, de tôdas as dimensões,
em cores lisas e com flores





65 RUA DA CARIOCA 67 - RIO

uma consagração que se deve a você....



A você e a milhares de outros que sabem apreciar as coisas boas da vida — como os sports do mar — Hollywood deve a sua inequívoca consagração.





Cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto

H-88 091

UM PRODUTO SOUZA CRUZ